



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE – UNICENTRO

CAMPUS DE IRATI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM  
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO-PPGIDC

**BRIENA PADILHA ANDRADE**

**NARRATIVAS COTIDIANAS DAS PROFISSIONAIS DO SEXO: O  
TRABALHO NAS CASAS NOTURNAS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

IRATI  
2015

BRIENA PADILHA ANDRADE

**NARRATIVAS COTIDIANAS DAS PROFISSIONAIS DO SEXO: O  
TRABALHO NAS CASAS NOTURNAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Mestre pela Universidade Estadual do Centro Oeste.

Orientador: Prof. ° Dr.° Rafael Siqueira De Guimarães.

IRATI  
2015

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**BRIENA PADILHA ANDRADE**

### **NARRATIVAS COTIDIANAS DAS PROFISSIONAIS DO SEXO: O TRABALHO NAS CASAS NOTURNAS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Comunitário no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora em \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.Dr Rafael Siqueira de Guimarães

UNICENTRO

---

Prof.Dr José Sterza Justo

UNESP

---

Prof<sup>fa</sup>.Dr<sup>a</sup>. Poliana Fabiula Cardoso

UNICENTRO

Dedico este estudo à pessoa mais importante da minha vida: minha mãezinha, Giselda. Mulher de fibra e coragem, que me ensinou a percorrer meus sonhos e a não desistir nunca, por mais difícil que fosse a batalha. Mulher que, com a ferramenta do amor me transmitiu valores preciosos... Você é o meu amor maior, minha amiga, companheira. Obrigada por impulsionar e incentivar meus sonhos. Obrigada por ser essa mulher, mãe maravilha, te amo.

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço a Deus, pois creio que ele é o princípio de tudo, aquele que sempre está ao meu lado me dando forças e fé para seguir por mais árduo que seja o caminho. Obrigada, meu Deus, por honrar dia a dia a minha fé.

À Nossa Senhora, minha mãe celestial e, a minha Santa protetora, Santa Rita de Cássia, por terem me auxiliado a vencer obstáculos.

Ao meu Orientador, professor Dr. Rafael Siqueira de Guimarães, obrigada pelos ensinamentos transmitidos, pela paciência e por acreditar em minha capacidade, exigindo coisas que nunca pensei ser capaz. Obrigada, por ter me mostrado o novo e ter me feito sair de minha zona de conforto. Sinto-me mais madura profissionalmente e você, professor, é um dos principais responsáveis por isso.

A Capitu, Camélia, Lola, Sabrina, Hilda e Monalisa, por terem aceitado participar do estudo e compartilhar suas incríveis histórias comigo. Os nossos encontros foram de grande aprendizado para mim, vocês, com suas vivências, me deram lições de batalha, força, garra, humildade e amor. A vocês e sua profissão, minha admiração e respeito.

A Rosa, por ter sido minha inspiração e impulso para o estudo da prostituição.

Aos meus pais Giselda e Josmar, por não medirem esforços para a realização dos meus sonhos, por serem meu ponto de equilíbrio, meu porto seguro. Obrigada, por estarem ao meu lado em todas as etapas desse sonho, por acreditarem e orarem por mim, transmitindo-me amor e segurança, sinto imenso orgulho de tê-los como pais, amo vocês.

A minha irmã Bianca, minha companheira fiel, obrigada pelo incentivo, escuta, carinho, amor e paciência. Sei que é um anjo que Deus me presenteou na terra para eu nunca me sentir só.

A minha Vó Cida, obrigada pela torcida e orações, a senhora, mesmo não tendo completado seus estudos, me dá lições de vida e creio que essas, nenhum diploma ou título podem ensinar.

A minha Vó Gláucia e ao meu Avô Onino, hoje, vocês não se fazem presentes em corpo físico, mas sinto a força e o amor que emana de vocês, sei que de onde estão me vigiam e vibram com mais essa vitória, os amo eternamente.

A minha prima, Ariane, minha irmã de coração, agradeço suas orações e

incentivos, ainda, por ser essa companheira fiel.

A minha tia, Tânia, obrigada pela ajuda e paciência, você foi ímpar nesse processo de finalização.

Aos meus familiares, agradeço a compreensão, força e torcida, vocês foram essenciais para a conclusão dessa etapa.

À Banca, professor Justo e professoras Poliana e Jaima, obrigada por terem aceitado o convite e pela contribuição no trabalho, com certeza, as suas colocações engrandeceram esse estudo.

Aos amigos de mestrado, Rafael, Nandra, Thalita, Luana e Vanessa, vocês foram grandes presentes que o mestrado me deu, obrigada por estarem ao meu lado em cada etapa, apoiando, ouvindo, aconselhando e divertindo. Levarei para sempre os momentos maravilhosos que compartilhamos, a vocês meu eterno carinho e gratidão. A Vanessa, de modo especial, pelo doce presente que nos deu, a Melissa.

Aos meus amigos da Vida, obrigada por tudo, agradeço utilizando uma frase clichê, “ não tenho muitos amigos, mas, com certeza, são os melhores que alguém pode ter”.

Aos colegas de mestrado, por terem feito parte de toda essa trajetória, pelas palavras amigas e de incentivo, obrigada.

Aos profissionais SAE de Guarapuava, especialmente os do programa Bem-te-vi por terem auxiliado meu contato com os campos estudados e terem se mostrado disponíveis e atenciosos a minha pesquisa.

Por fim, a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a concretização desse sonho.

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma  
A vida não para*

*Enquanto o tempo acelera e pede pressa  
Eu me recuso faço hora vou na valsa  
A vida é tão rara*

*Enquanto todo mundo espera a cura do mal  
E a loucura finge que isso tudo é normal  
Eu finjo ter paciência  
E o mundo vai girando cada vez mais veloz  
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós  
Um pouco mais de paciência*

*Será que é tempo que lhe falta pra perceber  
Será que temos esse tempo pra perder  
E quem quer saber  
A vida é tão rara (Tão rara)*

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma  
Eu sei, a vida não para (a vida não para não)  
(LENINE- PACIÊNCIA).*

Sou meretriz triste e feliz  
Codinome vagabunda entre o mau e o bem,  
Vou deixar de ser inunda,  
Você acha que é falta de moral promiscuidade excessiva,  
Seja puta 2 minutos e sobreviva [...]  
Sou prostituta na boca do povo conhecida como puta,  
Obrigada a conhecer as posições do kamasutra.  
Se meu filho chora sou eu a mãe que escuta  
Seu deus desculpa não tive culpa só fui a luta  
(Prostituta- Nega Gizza)



ANDRADE, B. P. **Narrativas cotidianas das profissionais do sexo: o trabalho nas casas noturnas**. 2015. Páginas [Dissertação de mestrado]. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus Irati, Paraná, 2015.

## RESUMO

Esta dissertação objetivou refletir sobre o cotidiano de trabalho das profissionais do sexo, a partir da visualização deste enquanto uma prática laboral histórica. O estudo foi realizado com seis profissionais do sexo, de duas casas noturnas do município de Guarapuava-PR. Para fomentar a discussão foram utilizados alguns conceitos, como: o de Direitos humanos e Cidadania, proposto por Boaventura de Souza Santos, Dominação Masculina de Pierre Bourdieu (2002), e estigma sobre a luz de Goffman (1988). Inicialmente, foi apresentada a história da prostituição ao longo dos séculos e as individualidades históricas das profissionais do sexo por mim entrevistadas. Em um segundo momento, abordou-se as questões do trabalho da prostituição em si e os aspectos nele envolvidos. Ainda, a forma como essa comunidade de trabalho se desenvolve. Por fim, apresentou-se gênero, corpo e sexualidades na vivência da prostituição, perpassando temas como a visão do corpo, a relação entre profissional do sexo e clientes e a sexualidade desses. As informações encontradas, através das narrativas de história oral temática, permitiram conhecer o desenrolar do cotidiano de trabalho e vida dessas mulheres e os diversos vieses e fatores que nele transcorrem, tais como: os motivos que as fizeram adentrar na prostituição, fato esse muito ligado ao histórico de vida e as condições socioeconômicas das participantes, a casa noturna enquanto um espaço comunitário, indo além de ser exclusivamente um local de trabalho; a relação entre profissional do sexo e clientes, os prazeres e poderes de ambos na relação, esses aspectos estando bastante alternados, ora para profissional ora para o cliente; a visão que elas tem da profissão enquanto um trabalho, os fatores positivos e negativos de exercem a profissão, entre outros. Foi possível observar que essa prática laboral além de estar envolta dentro de todo o estigma que a atividade apresenta, também produz significados ímpares na vida dessas mulheres.

**Palavras- chave:** Prostituição. Sexualidade. Vivência. Gênero. Trabalho.

ANDRADE, B. P. **Daily narratives of sex professionals: the job in nightclubs.** 2015. Pages [Dissertation of MSc degree]. Interdisciplinary Post Graduation Program in Community Development. Midwest State University, Campus Irati, Paraná, 2015.

### **ABSTRACT**

This Thesis aimed to reflect about the daily work of sex professionals from the visualization of these as a historical laboratorial practice. The study was conducted with six sex professionals from two nightclubs on the city of Guarapuava- Paraná State. To encourage discussion there were used a few concepts as: the Human Rights and Citizenship, proposed by Boaventura de Souza Santos, Male Domination by Pierre Bourdieu (2002), and stigma on the light of Goffman (1988). Initially it was presented the history of prostitution over the centuries and the historical individualities of the sex professionals interviewed by me. Subsequently, were approached matters of the work of prostitution itself and its aspects. Moreover, the way how this work community develops. Finally, it was presented gender, body and sexuality on the experience of prostitution, relating themes as vision of the body, the relation between sex professionals and clients and their sexuality. The findings, through oral history narratives, allowed to know the course of daily work and the life of these women and the several bias and factors that elapses on it, such as: the reasons that made them entering in prostitution, fact linked to the life history and the socioeconomical condicions of the participants, the nightclub as a community space, going beyond of being exclusively a work place; the relation between sex professional and clients, the pleasures and powers of both on the relation; these aspects being quite alternate, sometimes to professional and sometimes to the client; the vision that they have of the profession as a job, the positive and negative factors of practicing the profession, among others. It was possible to observe that this laboratorial practice besides being within the whole stigma that the activity present, also product odd meanings on the life of these women. It was possible to observe that this laboratorial practice besides being within the whole stigma that the activity presents, also produce odd meanings on the life of these women.

**Keywords:** Prostitution. Sexuality. Experience. Gender. Work.

## **LISTA DE SIGLAS**

ACS: Agente comunitário de Saúde

CBO: Classificação Brasileira de Ocupações.

DST: Doença sexualmente transmissível.

EPI: Equipamento de proteção individual.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

PR: Paraná

SAE: Serviço de Atenção Especializada

UNICENTRO: Universidade Estadual do Centro Oeste

## SUMÁRIO

|       |  |     |
|-------|--|-----|
| 1     | INTRODUÇÃO .....   | 12  |
| 2     | PROSTITUIÇÃO: HISTÓRIA DA PROFISSÃO E INDIVIDUALIDADES HISTÓRICAS .....                              | 40  |
| 2.1   | PANORAMA HISTÓRICO DA PROSTITUIÇÃO AO LONGO DOS SÉCULOS<br>40  |     |
| 2.2   | A PROSTITUIÇÃO EM GUARAPUAVA: O PASSADO E O PRESENTE.....  | 60  |
| 2.3   | INDIVIDUALIDADES HISTÓRICAS .....  | 64  |
| 2.3.1 | A história de Monalisa .....   | 65  |
| 2.3.2 | A História de Camélia.....   | 67  |
| 2.3.3 | A História de Capitu .....   | 69  |
| 2.3.4 | A História de Sabrina .....  | 71  |
| 2.3.5 | A História de Hilda.....   | 73  |
| 2.3.6 | A História de Lola .....   | 75  |
| 3     | O TRABALHO DA PROSTITUIÇÃO E AS RELAÇÕES COMUNITÁRIAS.....   | 77  |
| 3.1   | A PROBLEMÁTICA DO TRABALHO PROSTITUCIONAL .....  | 78  |
| 3.2   | O TRABALHO DA PROSTITUIÇÃO: SUA IMPORTÂNCIA E A INCORPORAÇÃO NO HABITUS DAS PROFISSIONAIS.....       | 81  |
| 3.3   | O LABOR DA PROSTITUIÇÃO E AS SUAS FACES .....  | 84  |
| 3.4   | O TRABALHO DA PROSTITUIÇÃO E OS SEUS VIESES .....  | 91  |
| 3.5   | AS VULNERABILIDADES LABORAIS .....   | 96  |
| 3.5.1 | Álcool: o combustível da profissão? .....  | 97  |
| 3.5.2 | Preservativo: uma ferramenta indispensável no labor da prostituição .....                            | 98  |
| 3.6   | Violência e discriminação: exemplos de vulnerabilidade na prostituição.....                          | 101 |
| 3.7   | LEGALIZAÇÕES: O PROJETO DE LEI GABRIELA LEITE, O QUE PENSAM AQUELAS QUE ESTÃO NA LUTA? .....         | 104 |
| 3.7.1 | Apresentando o projeto de Lei .....  | 104 |
| 3.7.2 | A visão das profissionais sobre a legalização .....  | 106 |
| 3.8   | CASA NOTURNA: UM AMBIENTE COMUNITÁRIO.....   | 108 |
| 3.8.1 | Vivências comunitárias: O que existe atrás do salão .....  | 112 |
| 3.8.2 | O que fazer quando não estou trabalhando? O contato das profissionais com a comunidade exterior..... | 116 |

|       |   |     |
|-------|---|-----|
| 3.9   | PROFISSIONAIS DO SEXO: SUJEITOS DE DIREITOS? .....                            | 118 |
| 4     | CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE .....   | 122 |
| 4.1.1 | O CORPO DA PROFISSIONAL: A SUA FERRAMENTA DE TRABALHO E<br>SOCIALIZAÇÃO ..... | 122 |
| 4.2   | AFINAL, ELAS SÃO MULHERES .....   | 128 |
| 4.3   | PROFISSIONAL DO SEXO E CLIENTE: O QUE PERPASSA ESSA<br>RELAÇÃO? .....         | 134 |
| 4.3.1 | Mas, afinal, quem são esses clientes? .....                                   | 135 |
| 4.4   | De que forma se dá essa relação? O que eles procuram? .....                   | 137 |
| 4.4.1 | Além do sexo convencional .....   | 137 |
| 4.4.2 | E para a profissional existe prazer? .....                                    | 142 |
| 5     | PALAVRAS FINAIS .....   | 146 |
| 6     | REFERÊNCIAS .....   | 153 |
|       | <b>APÊNDICES</b> .....  | 161 |
|       | APÊNDICE A .....  | 163 |
|       | APÊNDICE B .....  | 165 |
|       | APÊNDICE C .....  | 166 |
|       | APÊNDICE D .....  | 167 |

## 1 INTRODUÇÃO

*Só somos realmente cidadãos, quando nos sentimentos solidários e nos responsabilizamos pelo outro, por sua vida, condição, direitos (MORIN, 2003).*

O tema prostituição e o despertar para este surgiram no ano de 2012, quando cursava o último ano do curso de graduação em enfermagem, na Universidade Estadual do Centro Oeste, no município de Guarapuava-Pr. No último ano do curso, uma das atividades obrigatórias a ser desempenhada é o chamado internato, o qual se refere a um estágio semi-supervisionado, aonde cada aluno é encaminhado a uma das comunidades locais e lá permanece por aproximadamente seis meses, desempenhando todas as competências e funções do enfermeiro atuante em saúde coletiva.

O Bairro ao qual fui destinada era de extrema pobreza, ousando dizer, inclusive, trata-se do mais carente do município de Guarapuava. O local é permeado por tráfico de drogas e criminalidade, além da pobreza econômica e das péssimas condições de moradia. Para contextualizar o local em que estava inserida, quando deparei-me com a realidade da prostituição, bem como o desejo de fazer algo que ajudasse a essa categoria de trabalhadoras, pois é com base nessa visão que esta dissertação transcorre.

Uma das competências do profissional enfermeiro é realizar visitas domiciliares e fazer o reconhecimento da área de atuação, essa parte sempre foi algo que apreciei muito, parte esta que permite conhecer a realidade na qual se está atuando, além de possibilitar a proximidade com seus habitantes. Em um dia de visitas, fui convidada por uma Agente comunitária de saúde a visitar a sua área de abrangência, percorria pelos corredores da unidade que a área em questão era a mais “barra pesada” dentre todas. Visitamos várias casas, porém, uma delas despertou minha atenção, mal sabia que algo nela seria, pra mim, de grande valia. Quando passamos por esta casa, a ACS, em voz baixa, disse-me que lá habitava uma “mulher da zona” e que esta quase não ficava no bairro e não ia ao posto e ainda que ela era de difícil convivência. A ACS descrevia esse fato com uma entonação de desprezo como se ser profissional do sexo fosse algo indigno e vergonhoso e que não merecesse ser visitada, insistentemente, como ela fazia com outros moradores.

Após a visita fiquei bastante reflexiva com tudo que ouvira, a forma como a

ACS se referiu à mulher e, posteriormente, a reação preconceituosa e desinteressada dos demais profissionais da equipe ao contarmos que tínhamos passado pela casa daquela mulher. Aquilo despertou em mim curiosidade e solidariedade pela história, daquela mulher condenada, de certo modo, por exercer uma profissão estigmatizada e anormal aos olhos daquelas pessoas. Para fins de escrita e ética, atribuirei a ela o nome de Rosa.

Nos dias que sucederam à visita, busquei aproximar-me de Rosa, a qual se mostrou bastante receptiva ao ponto de aceitar ir ao posto de saúde, uma vez que, na ocasião, encontrava-se com as vacinas e os exames de rotina atrasados. Aqueles momentos eram transformados em oportunidades para que eu conhecesse melhor a história dela. Relatou-me toda sua vida enquanto mulher e profissional do sexo expôs o preconceito que sofria as vulnerabilidades do seu trabalho, entre outros aspectos.

O meu conhecimento acerca da prostituição, antes de ter contato com a Rosa, a quem sou imensamente grata, era de senso comum, o assunto não era relevante para mim. O que eu ouvia é que os homens, em sua maioria casada, iam para a zona<sup>1</sup> em busca de sexo e as mulheres que lá estavam era totalmente liberais. O meu pensamento ignorante, se assim posso chamar, seguia a reprodução social. Porém, sempre tive curiosidade em saber o que perpassava atrás daqueles muros altos, iluminados por uma luz vermelha. A cidade vizinha à que meus pais residem possui inúmeras casas noturnas e sempre passava por elas observando, imaginando uma realidade afastada de mim, até então. Quando conheci Rosa não tive dúvidas de que queria saber mais sobre esse universo, e ela, do seu jeito simples, mas efusivo, mostrou-me as várias faces da prostituição; Que a vida não é liberal, tampouco promiscua ou fácil, por vezes está longe disso, mas que também não é algo que fere a moral de uma pessoa; Que a prostituição é vista desta forma por ser produto do pensamento de uma sociedade, muitas vezes, machista. Sendo assim, afirmo que ela é um trabalho.

Os encontros findaram, pois Rosa foi trabalhar em outro local e o meu estágio fora concluído, mas esta mulher despertou-me o interesse para a questão emergente da prostituição e do seu reconhecimento enquanto trabalho comum, não estereotipado. Atribuo o início dessa dissertação a Rosa, uma mulher de fibra, que

---

O termo Zona é popularmente empregado, para definir os locais onde existem serviços de prostituição.

luta, que ri, que chora e trabalha.

Durante praticamente toda a graduação aspirei seguir a vida acadêmica. Ao final do último ano do curso, descobri que haveria processo seletivo para o ingresso na primeira turma do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO, fiquei, portanto, bastante interessada, apesar de desconhecer a proposta. Quando comecei a conhecer o programa, percebi que eu poderia levar para ele o meu antigo desejo de estudar o universo da prostituição, pois ao trazer essa questão para o âmbito acadêmico, seria uma forma de fomentar a discussão sobre o respeito a ela enquanto um trabalho comum, bem como das pessoas que a exercem como seres dotados de iguais direitos. Abaixo ilustro o porquê disto ser possível.

Montero (1998; 2004) define comunidade como sendo:

Uma comunidade é um grupo em constante transformação e evolução (seu tamanho pode variar), que em sua inter-relação gera um sentido de pertença e de identidade social [...] A comunidade, além disso, é um grupo social histórico, que reflete uma cultura pré-existente ao pesquisador; que possui certa organização, cujos graus variam de acordo com o caso, com interesses e necessidades comuns; que tem sua própria vida, na qual coincide uma pluralidade de vidas provenientes de seus membros; que desenvolve formas de inter-relação frequentes, marcadas pela ação, o afeto, o conhecimento e a informação. Não se deve esquecer que, como parte de sua dinâmica, essas relações internas também podem levar a situações de conflito, levando a sua divisão, sua desintegração e perda de Identidade (MONTERO, 1998, p.212; MONTERO, 2004, p.100).

Tomando como norte a definição de Montero para comunidade, posso entender a prostituição como tal, por se tratar de um grupo em que cada um traz uma história de vida, mas que lutam por um objetivo em comum, a sobrevivência econômica. Estando as profissionais em constante interação, gerando nelas, de forma mais ou menos intensa, um sentido de pertença e identidade com aquela comunidade de trabalho, observa-se que, dessa interação, podem nascer tanto frutos positivos, de companheirismo, solidariedade, quanto frutos negativos, devido à competição por clientes, ou à própria convivência em si.

Ander-Egg (2010) p.10, citado no livro de Arizaldo Cavarjal Burbano “Apuntes sobre Desarrollo Comunitario” (2011), designa o desenvolvimento comunitário como sendo:

Integrante de um conceito mais amplo, mas geral e completo de desenvolvimento, e o compreendemos como método e técnica que contribui, positiva, real e efetivamente em um progresso de desenvolvimento



integral e harmônico, atendendo fundamentalmente a certos aspectos extra econômicos, em particular, psicossociais, que intervêm na promoção de atitudes, aspirações e desejos para o desenvolvimento (BURBADO, 2011, p.42).

Junto a essa definição de desenvolvimento comunitário, o autor ainda ressalta a essencialidade da participação da comunidade, para que elas possam ser autoras do seu desenvolvimento, impulsionando forças para tanto, mas que isso só se torna possível quando ressalta-se a capacidade e potencialidades destas.

Silva e Arns (2002) fazem alusão ao desenvolvimento comunitário como sendo a fase em que a borboleta rompe o seu casulo para alçar novos voos. “O desenvolvimento comunitário é o processo através do qual a comunidade amadurece em relação a si mesma e seus potenciais, rompe seus casulos e se transforma em novas possibilidades de ser” (SILVA, ARNS, 2002, p.8). Ou seja, o momento em que essa comunidade, por meio de esforços coletivos, se transforma, para buscar uma melhor condição, conquistando a liberdade e, com isso, podendo desbravar novos horizontes.

Silva (1962) afirma que o desenvolvimento comunitário é um aglomerado de conhecimentos de diversas disciplinas, entre elas, a Economia, Psicologia, Sociologia e Antropologia Cultural, que unidas se dirigem a um ponto em comum, o fenômeno do progresso humano, para que consigam criá-lo, organizá-lo e avaliá-lo.

O desenvolvimento comunitário é criado por meio do esforço coletivo de pessoas e instituições que fazem parte ou se sentem comprometidas com determinada comunidade, tomando por frente às causas e problemas que aquela comunidade apresenta, a fim de buscar melhora coletiva para estes (IDIS, 2010), podendo ser aplicado em numerosas ocasiões, não somente em regiões subdesenvolvidas, como comumente é feita alusão (SILVA, 1962).

Logo, discutir e problematizar a questão da prostituição seria, então, uma forma de buscar o desenvolvimento daquela comunidade de trabalho, no que concerne a seu reconhecimento enquanto tal, e da possibilidade das pessoas que a exercem terem uma vida comunitária e social como qualquer outro cidadão. Ressaltando esses pontos para as profissionais do sexo, para que elas possam também reconhecer seu trabalho e direitos e fazerem frente à luta por essa causa. Pois, como já expus, pude vivenciar na prática o preconceito e a discriminação dessa categoria de trabalhadores e, além disso, observar o quanto ela é permeada por estereótipos morais, sociais e religiosos. Esses que parecem ser mais fortes do

que o humano que encontra-se por trás da profissão, ao ponto de anulá-lo em sua essência, o que não acontece com profissionais de outras áreas quaisquer.

Para tanto, utilizei desse trabalho para exprimir às profissionais do sexo que elas fazem parte de uma categoria de trabalhadoras; expondo os projetos de lei, a classificação brasileira de ocupações, bem como utilizando dessas entrevistas para orientá-las sobre as condições de trabalho e seus direitos para que tenham maior instrumentalização para lutarem por melhores condições. Afinal, o desenvolvimento comunitário deve perpassar a garantia de respeito enquanto cidadã trabalhadora. Só a partir do momento em que as profissionais do sexo puderem desfrutar de todos os benefícios que qualquer outro cidadão trabalhador, desde o que concernem os direitos trabalhistas até a própria participação social, é que elas terão condições de buscar o desenvolvimento de sua comunidade, bem como de suas potencialidades.

Para fomentar essa visão e discussão, apresento um trecho escrito por Fraser e citado por Bauman em seu livro *Da igualdade ao multiculturalismo* (2003):

Não é justo que alguns indivíduos ou grupos vejam negados seu status de plenos parceiros na interação social simplesmente em consequência de padrões institucionalizados de valor cultural de cuja construção não participou com igualdade e que menosprezam suas características distintivas ou características distintivas a eles atribuídas (FRASER, 1999 apud. BAUMAN, 2003, p. 71-72).

Para que essas mulheres consigam o seu desenvolvimento individual enquanto trabalhadoras, ou coletivo, enquanto uma comunidade de trabalho faz-se necessário, antes de tudo, o reconhecimento delas como seres pertencentes a uma sociedade maior e a corresponsabilidade desta em voltar os seus olhos para as profissionais do sexo, especialmente para aquelas que vivem no caos da discriminação, a fim de conseguir melhores condições de trabalho e vivência social como um todo. Seria essa uma forma de alçar o desenvolvimento comunitário, pois a problemática da prostituição é emergente, o seu reconhecimento enquanto profissão é necessário e, antes de qualquer coisa, o respeito a essas mulheres é essencial. Foi permeada por esse pensamento, que decidi trazer a questão da prostituição para o Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário.

Como sou advinda da área da saúde, a minha ideia inicial de pesquisa para o mestrado era permeada por essa origem, ou seja, propunha algo bem disciplinar, que era observar as políticas públicas de saúde e o conceito que as profissionais do sexo tinham sobre este assunto. Quando ingressei no mestrado, logo nas primeiras

aulas, ao ter contato com as leituras, percebi e fui esclarecida por meu orientador que teria que me deixar penetrar por outros conhecimentos, outras disciplinas, a fim de que minha problemática se adequasse ao escopo do programa e à proposta que ele trazia.

Apresentei uma grande dificuldade em me apropriar das leituras e conceitos, visto que era um choque entre a área interdisciplinar que o mestrado seguia e a área biológica, restrita talvez, em que me encontrava. O que para mim era muito prático, técnico e claro começou a ganhar dimensões mais complexas e abrangentes. O biológico, de repente, para fazer-se completo e compreensível, necessitava conectar-se a uma teia com outras disciplinas. Foi, então, que comecei perceber que nada é reduzido, nada é somente biológico, que as questões são mais críticas e que um ponto só não responde a toda uma problemática, ainda mais quando essa problemática aborda seres humanos, neste caso, as profissionais do sexo.

A inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fracionam os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão á longo prazo (MORIN, 2003, p.14).

Santos (2006), corroborando com a citação acima exposta, traz que o conhecimento dilata, à medida que o objeto se expande. Em se tratando de pessoas, devemos considerar que essas são concomitantemente cósmicas, físicas, biológicas, culturais, cerebrais e espirituais (MORIN, 2003). E, ao isolar uma única parte para contemplação, eu estaria anulando e perdendo detalhes enriquecedores que permeiam essa profissão.

Para ressaltar a importância da questão interdisciplinar e o quanto ela pode ser valiosa, de forma especial em meu trabalho, aproprio-me de um trecho do livro *Da igualdade ao multiculturalismo*, de Zygmunt Bauman (2003). “A diversidade das descobertas aumenta a chance de que poucas das muitas possibilidades humanas passem despercebidas e deixe de ser tentadas. Deste modo, cada descoberta pode beneficiar todos os exploradores, qualquer que tenha sido o caminho tomado”. Sendo assim, cada disciplina tem o seu valor, a diversidade é necessária e, mais ainda, é essencial que o diverso se misture, se conecte, se toque e troque-se para possamos conseguir ou chegar próximos de conseguir a resposta para os problemas complexos de nossa comunidade.

Foi com base nessa reflexão que senti, juntamente com as orientações, a necessidade de transformar o meu tema de pesquisa, pois estaria restringindo um fenômeno que é interdisciplinar, sendo a prostituição carregada de aspectos biológicos, sociais, culturais e históricos, necessitando a correlação e troca dessas disciplinas para a sua compreensão. Passei a ter como fonte de pesquisa “Narrativas cotidianas das profissionais do sexo: o trabalho nas casas noturnas”.

Como anteriormente citado, busquei nesse trabalho sair das amarras de minha formação, ultrapassar o meu campo científico <sup>2</sup>de origem, me apropriando de conceitos que fugiam dos limites impostos pelas ciências da saúde, pois é sabido que como campo científico essa área luta em defesa de seus interesses, a parte biológica, fisiológica. No entanto, é de suma importância ressaltar a contribuição da minha disciplina de origem na composição desse trabalho, apesar de ter me afetado por inúmeros mediadores teóricos, que em tese a enfermagem não trabalha, ela não deixou de compor esse trabalho. Oferecendo aporte para um olhar diferenciado frente ao fenômeno, de cuidado, de respeito, ainda me deu aporte na discussão de temas que a englobam, como é o caso das vulnerabilidades. Além disso, foi em meu campo de atuação, o de enfermeira, que consegui vislumbrar a problemática entorno da prostituição, sendo imprescindível o crédito da pesquisa e dissertação a minha pesquisa.

O meu primeiro contato com os possíveis sujeitos e campo de minha pesquisa foi através de uma atividade que o mestrado propunha: o Projeto de Investigação Exploratória na Comunidade-PIEC. Essa atividade tinha, como propósito geral, que nós tivéssemos contato com a potencial comunidade a ser estudada. Fomos divididos em grupos e o critério de seleção foi às áreas de interesses afins. Meu grupo e eu decidimos que pesquisariamos a prostituição de rua e de casas noturnas no município de Guarapuava-PR, pois éramos um grupo que estudava as questões de gênero. O contato com a casa noturna ocorreu por meio de um programa, o Bem-te-vi, que presta assistência às profissionais do sexo, no já referido município, vinculado ao Serviço de Atenção Especializada-SAE, sobre o qual explicarei mais adiante. A visita foi amistosa, a dona do estabelecimento e as profissionais foram bem receptivas, conversamos sobre o trabalho delas, a questão de corpo, a visão que tinham do que era ser mulher, essa última era a nossa

---

<sup>2</sup> Segundo Bourdieu (1983), o campo científico uma forma específica de interesse, a exemplo da enfermagem, da história. Esse campo científico é de luta, de hierarquia pela dominação científica.

proposta com o trabalho, “a percepção do ser mulher”. Nas ruas, fomos sem intermédio de ninguém, o grupo todo participou, abordavam as profissionais para uma conversa rápida. Com a visita na rua, pude ter contato com a prostituição travesti, a qual não era o meu foco, mas, com certeza, enriqueceu minha experiência enquanto estudiosa das questões de gênero. Essa inserção na comunidade foi extremamente relevante para que conseguisse problematizar o que queria estudar, bem como quais objetivos teria a pesquisa. Além disso, tal abordagem preparou-me para o posterior contato formal.

Nessa perspectiva, o presente estudo apresentou como objetivo geral, compreender os devires do cotidiano de trabalhos das profissionais do sexo por elas próprias, por meio de uma visão interdisciplinar, englobando os aspectos sociais, biológicos, psicológicos e históricos que envolvem essa profissão. Ainda de forma mais específica, identificar os motivos que fizeram as mulheres adentrarem à prostituição; às vulnerabilidades a que estão rotineiramente expostas; como elas veem seus corpos; qual a relação que têm com seus clientes e as percepções que apresentam sobre sua profissão.

É sabido que, apesar da prostituição ser popularmente conhecida como a profissão mais antiga do mundo, ainda hoje, ela não é aceita como tal. A mulher, quando escolhe ou é condicionada a tomar a prostituição por profissão, acaba por vivenciar diariamente os estigmas da não aceitação desse trabalho, situações essas, que podem vir em forma de ofensas verbais, agressões físicas, exclusões e desrespeito. Ainda são obrigadas a carregar o carimbo de “mulher de vida fácil” ou promíscua, anulando, como já mencionada anteriormente, sua condição de mulher, mulher trabalhadora.

Em uma passagem do livro, *História da Prostituição*, escrito em 1885, Pedro Defour, já exprimia a visão negativa da prostituição.

Não nos é dado esperar pelo seu completo desaparecimento, visto que os instintos viciosos, a que corresponde, são desgraçadamente inatos na espécie humana; no entanto, podemos prever com toda a certeza que chegará um dia em que a prostituição terá de ocultar-se no fundo das sentinas publicas, para assim não ofender mais os olhares das pessoas honestas (DUFOUR, 1885, p.6).

Infelizmente, esse posicionamento ancestral, colocado em 1885, ainda prevalece, com algumas melhorias, mas a visão da prostituição continua a ser distorcida e recriminada, assim como apresenta na passagem em que ela teria que

se retirar da sociedade para não poluir os olhares castos e honestos.

“O comércio do sexo continua a ser estigmatizado, tanto na consciência comum como no direito que literalmente exclui que as mulheres possam escolher dedicar-se a prostituição como um trabalho” (BOURDIEU, 2002, p.18). Esse talvez seja o principal desafio a ser enfrentado cotidianamente pelas mulheres que exercem a prostituição, a não aceitação de sua profissão como tal, bem como os estigmas e preconceitos que lhes são impostos, impedindo ou dificultando-as de ter acesso às demandas sociais como trabalhadoras comuns, colocando essa profissional como não pertencente à sociedade por exercer uma profissão que não condiz com o comportamento, que esta sociedade patriarcal e conservadora impõe e espera de uma mulher (MEDEIRO, RUFINO, 2012). Anulando, dessa forma, aquelas mulheres que, por opção, escolheram a prostituição e se sentem pertencentes a essa comunidade de trabalho.

Ressalto que esse impedimento não costuma ocorrer em outros trabalhos, pode, por exemplo, uma atriz, frequentar qualquer espaço social, sem ser apontada como impura ou promíscua. Mas quando o foco se volta para a sexualidade, fantasias eróticas e o prazer, a cena muda e a repreensão e negação pairam.

Na circunstância da prostituição, o preceito que forma a identidade da mulher é desrespeitado por meio da perda da castidade e pelo número variado de parceiros com os quais ela tem relações sexuais. Essa marca parece decretar toda a personalidade das profissionais do sexo (GASPAR, 1985).

Nesta perspectiva, como já citado, o estudo com estas torna-se desafiador e complexo, ao mesmo passo que é relevante, pois ao dar voz a estas mulheres, coloca-as em uma melhor condição, de maneira a oportunizar que destaquem o que é mais importante em seu cotidiano e, através dos relatos, mostrem os embates que perpassam a profissão que, como qualquer outra, tem seus vieses positivos e negativos. É por meio do conhecimento próprio dessas mulheres, tido como de senso comum, que elas guiam e dão sentido às suas vidas (SANTOS 1988).

Penso assim, ser relevante ouvir as histórias de vida dessas mulheres, pois elas, enquanto autoras de suas histórias, poderão narrar o seus cotidianos laborais, trazendo reflexões acerca da visão social que é referida para esse trabalho. Não tenho a pretensão de que, depois desta dissertação, todas as pessoas passarão a ver e aceitar a prostituição como uma profissão, mas sei que é emergente o fomento dessa discussão, oportunizando maiores espaços para a reflexão da forma como um

trabalho pode incomodar uma sociedade e anular seus trabalhadores, pela simples falta de respeito e aceitação. E, ainda, sinto-me corresponsável em participar da disseminação desse conhecimento e visão da prostituição enquanto uma atividade laboral.

Essa dissertação é guiada com base em alguns conceitos: *direitos humanos, cidadania, dominação masculina, estigma e vulnerabilidade*. São eles que dão todo o aparato teórico para a problematização do tema trabalhado. “Enquanto a sociedade for dividida e houver tanta desigualdade social, penso que o Deus que estiver do lado dos oprimidos não se reconhece num Deus que estiver do lado dos opressores” (SANTOS, 2013).

Ao falar de direitos humanos, valerei-me da abordagem de Boaventura de Souza Santos (2013; 2001). Ele propõe uma nova visão desses, não aquela visão normativa que se embasa nas normativas reguladoras entre direitos e deveres, essas que são impostas pela hegemonia<sup>3</sup>, pelo lado dominante, fazendo com que esses vigorem apenas de um lado, deixando o lado dos oprimidos sem nenhuma melhoria, sem direitos. O autor coloca que, no que tange a emancipação, os direitos humanos foram, ao longo dos tempos, criados para vigorar apenas do lado de cá, sendo que esse lado é o da hegemonia. Ou seja, muitos indivíduos, segundo o autor, não são sujeitos de direitos, mas sim sujeitos do discurso sobre direitos, sendo esses, constantemente violados.

O autor propõe uma nova abordagem para o conceito de direitos humanos, diferente daquele mono cultural e imposto pela hegemonia da sociedade ocidental, onde existe a concepção simplista, mecanicista sobre direitos e deveres. Direitos não podem ser opostos de deveres, só tem direitos se cumprir determinados deveres, a exemplo a natureza, ela não tem direito, pois dela não se podem exigir deveres (SANTOS, 2001). Ele propõe uma abordagem multicultural dos direitos humanos (pensando as especificidades globais e locais), em que exista o respeito a todas as culturas, a todos os indivíduos, criando condições de emancipação para eles. Não ficando esses, dependentes de uma cultura única, dos direitos universais que, como já problematizados, não são para todos, são idealizados e aplicados para

---

<sup>3</sup> Boaventura de Souza Santos (2013, p.31), considera a hegemonia para fins analíticos “a atuação social servida por normas culturais dominantes e construída por relações de poder desiguais- sejam elas relações econômicas, sociais, sexuais, políticas, culturais e epistemológicas, que se fundam em três estruturas principais de poder e dominação- capitalismo, colonialismo e sexismo - e nas interações entre elas

a hegemonia. Pois, o direito internacional e as doutrinas convencionais dos direitos humanos vão sendo utilizados como fundamento dessa separação. Ou seja, desta divisão para a linha, direitos para uns e não para outros (SANTOS, 2013). E os laços devem ser coletivos, pensando nas particularidades, não individuais, para que os grupos minoritários possam fazer parte desse meio.

Para o conceito de cidadania, utilizarei a proposta de Boaventura de Souza Santos (1991), que propõe uma nova abordagem a esse conceito, a que ele chama de “nova cidadania”, essa que considerada as subjetividades, diversidades, “combinando formas individuais e coletivas de cidadania, estendendo o conceito além da reciprocidade de direitos e deveres” (SANTOS, 1991, p. 186). Pois essa acaba por excluir aqueles a quem não se podem exigir deveres, ou seja, não os fazendo dignos de respeito ou de direitos propriamente ditos. A exemplo disso, a natureza, se o pensamento seguir a corrente de reciprocidade, ela então não terá direitos, pois dela não se pode exigir deveres.

A reciprocidade entre direitos e deveres leva a um processo de regulação, não de emancipação, essa última que visa à transformação do cotidiano das pessoas que são constantemente oprimidas em nossa sociedade, agora, não em um futuro remoto (SANTOS 1991). E o que se necessita para transformação desse quadro de regulação, de engessamento é a emancipação, em que grupos, tidos como minoritários na sociedade, terão oportunidades de serem vistos.

A nova cidadania, tanto se constitui na obrigação política vertical entre os cidadãos e o estado, como na obrigação política horizontal entre os cidadãos. Com isso revaloriza-se o princípio da comunidade, e, com ele, a ideia de igualdade sem mesmice, a ideia de autonomia e solidariedade (SANTOS, 1991, p.188).

Valorando a diversidade existente entre as comunidades, e transformando em uma obrigação social o respeito e a luta pela igualdade dessa diversidade, ou seja, a nova cidadania respeita as individualidades existentes na sociedade, não colocando todos no mesmo patamar ou os obrigando a seguir uma linhagem idêntica.

Trazendo para o contexto das profissionais do sexo, com base nessa nova cidadania, emancipatória, multicultural, teriam a aceitação das diferenças que trazem, quando compara-se o que é socialmente posto para uma mulher, ressaltando a autonomia de decidirem seguir esse labor, sem que precisassem passar pelo mau julgamento, pelo simples fato de adotarem uma profissão vista



como não convencional pela sociedade.

Outro conceito que será abordado nesta dissertação é a Dominação Masculina, proposto pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2002). Ele descreve a dominação masculina como sendo:

Sempre vi a dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência dessa submissão paradoxal resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2002, p.4-5).

Bourdieu expõe que essa forma de violência, a simbólica, na qual resulta o exercer da dominação masculina, está intrinsecamente ligada com a divisão sexual, ou seja, feminino e masculino, homem e mulher. Ainda diz que essa divisão entre os sexos apresenta-se, por vezes, como ordem natural das coisas, adquirindo o caráter de normalidade, muitas vezes não podendo ser evitada. Uma vez que ela está presente em vários pontos, desde a divisão da casa, onde Bourdieu afirma que as partes dessa são todas sexuadas, a exemplo, a cozinha para mulher e o salão para o homem, divisão do trabalho, profissões de homens e de mulheres, a elas o cuidar e educar, a eles o administrar, o público. Essa divisão estende-se para todo o universo social, materializando-se nos corpos, e nos *habitus*<sup>4</sup> dos agentes, agindo como organização de esquemas de percepção, pensamento e ação. Transformando o arbitrário cultural em algo natural.

Como se o feminino fosse o lado obscuro, ao passo que o masculino é o iluminado, como Bourdieu aponta as diferenças, mole, duro, úmido, seco, sob, sobre, essas divisões ressaltam a superioridade do homem sobre a mulher, ao passo que as características inferiores, no campo da dominação, são associadas às mulheres. Sendo esse fato reproduzido cotidianamente, através de simbologias, fazendo com que tanto o dominado quanto o dominador naturalizem essa forma de dominação, vendo-a como intrínseca a eles e imutável.

Um quarto conceito que será bastante utilizado em minha dissertação será o estigma, para explicar toda a problemática vivenciada cotidianamente pelas profissionais do sexo em sua profissão. De acordo com Goffman (1988 p. 11).

---

<sup>4</sup> Bourdieu define *Habitus* como sendo um operador, uma matriz de percepção e não uma identidade ou uma subjetividade fixa. Sendo produto da história, o *habitus* é um sistema de disposições aberto, permanentemente afrontado a experiências novas e permanentemente afetado por elas. Ele é durável, mas não é imutável.

A sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas e total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas.

Segundo o pensamento do autor, a sociedade seleciona e identifica comportamentos, indivíduos, ações, que cada meio social deve ter para que se torne um membro reconhecido daquele local; aqueles que fogem desse padrão de “normalidade” por possuírem atributos vistos como negativos para aquele meio social, são estigmatizados.

Para melhor ilustrar esse conceito de estigma vou valer-me de uma citação feita por Goffman (1988), p. 12.

Enquanto um estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande.

Seria o estigma, então, um atributo negativo, que diferencia aquele indivíduo, de acordo com as caracterizações e seleções feitas pela sociedade, de outros pertencentes ao seu grupo maior. Trazendo para a realidade da dissertação, no caso das profissionais do sexo, o estigma se dá por sua profissão, que envolve sexualidades e sexo, sendo diferente daquele labor que a categoria social prega para uma mulher seguir.

Goffman (1988) traz que os atributos vistos como negativos, só são assim observados porque fogem do estereótipo criado para aquele indivíduo ou coisa. O conceito estigma é usado para designar algo aviltante, no entanto, o que faz-se necessário é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que leva alguém a ser socialmente estigmatizado, pode levar o outro a assegurar a sua normalidade. O estigma ficaria, então, em uma constante relação entre um atributo e o estereótipo, ou seja, o estereótipo empregado é que faz com que o determinado atributo seja positivo ou não, quando é incomum, o indivíduo vivencia o estigma.

As profissionais do sexo são expostas rotineiramente em sua profissão a uma série de agravos que podem vir a prejudicar sua vida como um todo. Dessa forma, abordarei na dissertação o conceito de vulnerabilidade. Entende-se por esta a exposição a danos à saúde, que podem advir de fatores individuais ou comunitários,

os quais causam maior propensão a injúrias e morte, também diz respeito aos meios que se têm, ou não, para enfrentar esses danos (BERTOLOZZI et al, 2000). Ainda, segundo os mesmos autores, no âmago do conceito de vulnerabilidade está à aptidão de luta e de reestabelecimento dos indivíduos e da comunidade em seu enfrentamento. Ou seja, o que pode tornar um indivíduo vulnerável, mais do que a exposição a agravantes de quaisquer ordens, está à capacidade desse material ou intelectual de buscar meios para combatê-los.

É relevante destacar que os comportamentos vulneráveis estão intrinsicamente associados ao contexto social em que afloram e reiteram o nível de conhecimento que as pessoas têm sobre eles, bem como a possível mudança que esses indivíduos podem ter sobre suas práticas (BRASIL, 2003). “A vulnerabilidade de um indivíduo, família ou grupos sociais refere-se à maior ou menor capacidade de controlar as forças que afetam seu bem-estar” (BRASIL, 2007, p.14). Ou seja, a exposição a algum tipo de vulnerabilidade está relacionada ao grau de instrução e empoeiramento que o indivíduo tem para buscar a melhoria na sua condição. Sánchez e Bertolozzi (2007) discorrem que a vulnerabilidade deve considerar a perspectiva individual do ser humano e o espaço comunitário por ele ocupado. Ou seja, quem é esse indivíduo, quais suas subjetividades e de onde ele vem.

A vulnerabilidade é multifatorial e pode ser demarcada, segundo Bertolozzi et al (2009) p. 1327-1328, “por condições cognitivas (acesso à informação, reconhecimento da suscetibilidade e da eficácia das formas de prevenção), comportamentais (desejo e capacidade de modificar comportamentos que definem a suscetibilidade) e sociais (acesso a recursos e capacidade de adotar comportamentos de proteção).” Sendo assim, o torna-se vulnerável a determinado agravo está intrinsecamente ligado com o indivíduo, o meio em que ele habita e suas vivências.

Antes de iniciar a parte teórica dessa dissertação, pensou-se em um caminho a seguir, que levasse ao objetivo de minha pesquisa. O trajeto foi percorrido e, no seu curso, encontrei obstáculos, crescimentos e saberes. Abaixo o descrevo, bem como a forma e o porquê dessa escolha. Apresento, assim, o método utilizado para a realização desta pesquisa.

Para alcançar o objetivo deste estudo, o tipo de abordagem metodológica escolhida foi a qualitativa. A pesquisa de abordagem qualitativa é entendida como aquela que procura a compreensão da natureza de determinado fenômeno social,

buscando responder questões subjetivas, atentando-se para um nível de realidade que não se prende à quantidade, ou seja, trabalham com o universo de valores, motivos, crenças, anseios, atitudes (MINAYO, 1995; FACHIN, 2006), firmando-se no que os indivíduos a serem estudados sentem, pensam, julgam e valorizam. Considerando dessa forma as diversidades que envolvem o objeto de estudo, que se tratando de concepções e sentidos, não existe resposta correta ou incorreta. Assim, todas as particularidades tornam-se relevantes e passíveis de estudo.

A partir da acepção que a pesquisa qualitativa abrange a relação intrínseca entre o mundo natural e o mundo social, entre homem como sujeito histórico e as deliberações que o condicionam, pressupõe-se o surgimento de um conjunto aleatório de informações relacionadas com a necessidade do individuo estudado, as quais surgem como uma ocasião de sentido de sua expressão (MINAYO, 2004; REY, 2005). Ou seja, as informações advindas da pesquisa em abordagem qualitativa, seguem uma variedade interessante, pois se baseiam nas subjetividades trazidas pelos estudados, dessa forma, cada um traz uma história diferente, enriquecendo o universo a ser percorrido.

Uma das diversas características da pesquisa qualitativa, que cabe ressaltar nessa dissertação, é a possibilidade de entrada em temas que são muito reservados e muito sensíveis para os indivíduos que serão estudados, como por exemplo, assuntos de cunho sexual, violência, doenças crônicas, entre outros (REY, 2005). Pressupõe-se, assim, considerar o sujeito de estudo como indivíduo em determinada condição social, fazendo parte de um grupo social ou classe peculiar, que possui seus significados e estimas (MINAYO, 2004). E esses devem, então, ser respeitados e valorados em todo o processo de pesquisa.

Ao propor estudar “Narrativas cotidianas das profissionais do sexo: o trabalho nas casas noturnas” objetivou- se analisar os devires que compõe essa profissão que é vista por diversos vieses, sendo permeada de inúmeros pré-conceitos. Pretendeu-se conhecer quais são as questões que englobam a história de cada profissional, bem como, os motivos que as fizeram optar direta ou indiretamente por essa profissão, questões que são subjetivas e não quantificáveis.

Nessa perspectiva, “torna-se difícil trabalhar com números, uma vez que nos dirigimos para um universo de significações, motivos, aspirações, atitudes e valores” (Gurvitch, apud Minayo, 2004, p.28). A quantificação dos relatos, por exemplo, não permitiria a concretização dos objetivos do estudo, visto que estaria reduzindo a

profundidade necessária para englobar as peculiaridades das vivências dos indivíduos a serem estudados, anulando as subjetividades das histórias por elas postas.

Dessa forma, ressalto a opção pela investigação metodológica com a abordagem qualitativa, pois, através desse método, é possível a compreensão da visão singular dos estudados, não tendo a pretensão de universalizar tal fenômeno, mas adentrar suas particularidades, buscando desvelar o que está por trás do cotidiano das profissionais do sexo, com base nas interpretações e relatos que se originam de suas experiências. Ainda, porque se pretende avaliar significados, e não focar-se exclusivamente a resultados, mas sim, em todo o percurso que foi estudado (TRIVINÕS, 2009).

Minayo (2004, p. 105), entende o termo campo, em pesquisa qualitativa, “como o recorte espacial que corresponde à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto de investigação”. Ou seja, diz respeito ao local em que se insere o objeto de investigação. O campo escolhido para a realização da minha pesquisa foram duas casas noturnas, as quais oferecem serviços de prostituição e estão localizadas no município de Guarapuava-Pr.

O Município de Guarapuava localiza-se na região Centro Sul do Paraná, possuindo 200 anos de história. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Guarapuava é estimada em cento e sessenta e sete mil, trezentos e vinte e oito habitantes (167.328). Desse total, cento e cinquenta e dois mil, novecentos e vinte três pessoas (152.923) habitam a região urbana e quatorze mil, trezentos e trinta e cinco (14.335) a zona rural. A maioria desses habitantes são mulheres, chegando a um total de oitenta e cinco mil, quinhentos e trinta e um (85.531), contraponto os oitenta e um, setecentos e noventa e sete (81.797) homens (GUARAPUAVA, 2014).

A economia do município, praticamente, é advinda do segmento agrícola, madeireiro e a produção de grãos, na qual o milho apresenta destaque. Além de algumas indústrias no ramo alimentício e de papel (GUARAPUAVA, 2014).

Guarapuava é uma cidade bastante seguidora das crenças religiosas, entre essas, duas são mais comuns: a Católica Apostólica Romana e as Evangélicas em suas distintas formas. O destaque vai para igreja católica com cento e trinta e um mil, quinhentos e oitenta e quatro seguidores (IBGE, 2010). Podendo associar a essa característica o fato da cidade ser bastante conservadora e patriarcal.

Apesar desse caráter conservador, a prostituição é algo bastante explícito na cidade de Guarapuava, em especial, a prostituição de rua, pois essa é comumente visualizada em uma das avenidas principais do Município, a Avenida Manoel Ribas. Apesar da prostituição de rua não ser o enfoque do meu trabalho, escrevo para contextualizar que, mesmo a atividade prostitucional sendo condenada por cidades conservadoras, como é o caso desta, ela está cotidianamente presente, em locais muito movimentados, não podendo, dessa forma, que se negue o fenômeno ou que o queira apagar ou excluir.

A escolha por Guarapuava deu-se pelo fato de a prostituição estar bastante presente nesse município e, também, por ser próximo a Irati, cidade onde atualmente resido, além disso, como fiz a minha graduação em Guarapuava, isso facilitou a dinâmica da ida ao campo, seleção dos lugares e de pessoas que poderiam fazer o intermédio para que conseguisse ter acesso mais fácil às casas noturnas, como é o caso dos profissionais do SAE. Abaixo apresento a descrição dos dois estabelecimentos em que realizei a construção de informações para a minha pesquisa.

O primeiro estabelecimento visitado foi uma casa noturna localizada em um bairro de classe média de Guarapuava, podendo ser considerado um serviço de média prostituição. Para fazer essa classificação utilizei os padrões expostos por Gaspar (1985), no que se refere à divisão da prostituição: a autora classifica a média prostituição como sendo aquela que comumente é desempenhada em casas noturnas, casas de show, bordéis, podendo ainda ser encontrada em agências de turismo especializadas nesses serviços. As profissionais que lá trabalham, geralmente mostram-se com aparência elaborada, bem vestidas, maquiadas, apresentando um bom porte, geralmente jovens de camadas mais inferiores da classe média (GASPAR, 1985). Os locais de média prostituição costumam oferecer maior segurança às trabalhadoras, por se tratarem de locais fechados, onde sempre há alguém que as acompanha e vigia, a fim de manter a ordem do local. Na média prostituição, contrariamente à baixa, não há a presença do “rufião”, controlando as profissionais, não sendo, assim, obrigadas a continuar na atividade caso não queiram.

O local estudado é chefiado por uma mulher que, anteriormente, era profissional do sexo. Para auxiliar na coordenação e atividades, a casa ainda conta com a presença de um gerente e um motorista. Os serviços se iniciam às quatorze

horas, não tendo previsão de fechamento, funcionando de segunda à sábado.

O estabelecimento fica próximo ao posto de saúde e à delegacia do bairro. Ao redor dele, existem várias residências familiares e também outros dois estabelecimentos de prostituição. O estabelecimento encontra-se atrás de um enorme muro de concreto, composto por um portão de ferro, que fica entreaberto quando a casa está em funcionamento. Sua estrutura exterior muito assemelha-se a uma casa residencial.

A decoração interna é bastante característica,<sup>5</sup> os móveis são de madeira em tons escuros e os estofados em coloração vermelha, penso que essa cor ressalta a volúpia, erotismo e a sensualidade, ainda no teto encontra-se a tradicional luz vermelha, que dá aquela penumbra no cenário durante a noite. Ao redor de todo o salão principal estão dispostos sofás e cadeiras. Logo na entrada, está o bar, com um grande balcão rodeado por cadeiras, essas que são altas, típicas de botecos.

No centro do salão, está uma espécie de palco, ou como popularmente chama-se queijo, em seu meio está uma grande barra de ferro onde as participantes me relataram que usavam para dançar e seduzir os seus clientes e que o pagamento pelo show era separado dos demais serviços da casa, podendo eles escolherem compartilhar o show com outros clientes ou assistirem individualmente. Em uma sala ao lado, chamada pelas profissionais de reservado, pois é separado do salão através de uma porta, encontram-se mais poltronas e mesas com cadeiras na temática de marcas de cerveja. Elas me relataram que aquele espaço é utilizado por clientes que não gostam de se expor no salão, querem mais tranquilidade e aproveitar de forma mais íntima a companhia das mulheres.

Na parte íntima da casa, que consegui ver com a autorização da Dona, estão localizados os quartos das meninas, a cozinha e o banheiro privativo, esses que são utilizados pelas profissionais que lá vivem. Os quartos são bastante escuros, possuem móveis típicos desse ambiente, cama, cômoda, televisão e uma enorme penteadeira, repleta de cosméticos. A cama é redonda e estava coberta por lençóis na cor vinho. Segundo a dona da casa, dentro do estabelecimento não são realizados programas, ou como elas chamam “esquemas”, que é quando o cliente paga para ter relações sexuais, esses são realizados em motéis. Aproximadamente

---

<sup>5</sup> De acordo com a bibliografia pesquisada e o que foi visto na prática de campo, as casas noturnas apresentam características muito semelhantes quanto à decoração, essa que remete ao comércio que se pratica no estabelecimento, o comércio do prazer. Móveis de cores vibrantes, luz vermelha, palco destinado a danças sensuais, tudo ressaltando a luxúria envolta no local.

dez profissionais trabalham no estabelecimento, porém, apenas três residem no local. Esse estabelecimento é bastante afamado no município, antes mesmo de eu iniciar a pesquisa e saber que lá faria o meu trabalho, já ouvira falar sobre sua fama por meio de colegas. A divulgação dos serviços também ocorre por meio de páginas na internet. Segundo a dona do estabelecimento, o seu prestígio dá-se por toda a ética e sigilo que envolve o seu trabalho, protegendo de certa forma a identidade dos clientes.

O segundo estabelecimento que visitei foi uma casa noturna localizada em um bairro do centro de Guarapuava, em uma rua bastante movimentada, próxima a uma instituição de poder público do município. Diferentemente do primeiro estabelecimento, o segundo apresenta condições mais precárias em termos de estrutura, clientela e perfil das profissionais que lá trabalham, podendo, assim, ser classificada como baixa prostituição.

A baixa prostituição é uma forma de labor, em que o local, condições materiais de trabalho e vivência são mais precárias. Sendo que, esses espaços e as mulheres que lá trabalham são comumente estigmatizados e desvalorizados (OLIVEIRA, 2007). Essa forma de prostituição pode ser encontrada nas experiências das boates e, mais comumente, nas ruas. As profissionais dessa categoria são mais ousadas na hora da conquista de seus clientes, recebendo, como já citado, estereótipos de escandalosas, violentas e arruaceiras (GASPAR, 1985). De acordo com a autora, as mulheres que praticam a baixa prostituição buscam, com o seu trabalho, a sua subsistência econômica e ascensão social. Por serem mais carentes, tanto econômica quanto socialmente fazem seus programas para conseguir o sustento e adquirir os bens materiais, objetivando uma vida mais confortável e a participação nos espaços sociais.

As mulheres que atuam nesse estabelecimento são advindas de bairros carentes de Guarapuava, apresentam idades mais avançadas e maior tempo de serviço. O estabelecimento pertence a uma mulher, porém, quem o comanda é uma gerente, que também realiza os serviços de profissional do sexo.

O local é intitulado de bar e é de frente para a rua, na calçada principal. É bastante pequeno, com péssimas condições de ventilação. A decoração interior muito assemelha-se a um boteco, possui uma mesa de bilhar, fotos de mulheres estampadas nas marcas de cerveja pelas paredes, um balcão com cadeiras altas,



mesas com cadeiras, e a máquina de música<sup>6</sup>, outra fonte de rendimento dentro do estabelecimento. No centro, como de praxe, encontra-se a luz vermelha, sendo a única iluminação dentro do salão durante a noite.

A área reservada da casa é composta por uma minúscula cozinha, onde é utilizada também como depósito para as bebidas e outras mercadorias. Tem ainda, dois pequenos quartos, um da gerente e o outro das meninas, ambos são utilizados para a realização dos programas e também para descanso. Os móveis que decoram os quartos são bastante desgastados, porém, nada caracteriza um ambiente erotizado, a decoração simples, faz alusão a um quarto residencial. Segundo a gerente, os clientes que lá frequentam têm condições socioeconômicas mais baixas, porém são de todas as idades.

O segundo estabelecimento assemelha-se ao primeiro em termos de funcionamento, diferindo apenas na hora de abertura do local, sendo que funciona de segunda à sexta- feira, das 15h até a hora que permanece o último cliente, ou seja, não tem hora para encerrar o expediente.

Os dois estabelecimentos, por se contraporem em muitos pontos, desde o da clientela até as condições de trabalho, me permitiram observar dois lados distintos da prostituição, um bastante carente, já o outro com condições de trabalho e estrutura melhorados. Observei, ainda, que o perfil das mulheres varia nos dois locais; no primeiro, eram bastante jovens, mais arrumadas, já o segundo eram mulheres mais velhas, que não se importavam tanto com a questão da aparência, podendo, esse fato, ser associado ao ambiente e aos clientes que lá frequentam. Nos capítulos subsequentes será descrita detalhadamente a forma de trabalhado de cada um deles, com base na história de vida de suas trabalhadoras.

O trabalho de campo se mostra como uma oportuna chance de não somente conseguirmos a proximidade com o que se deseja pesquisar, mais que isso, o trabalho de campo possibilita gerar um conhecimento, a partir da realidade encontrada (CRUZ, 2002). É através dele que o pesquisador inicia a relação com a população estudada, despindo, muitas vezes, o pré-conceito trazido sobre eles, possibilitando ampliar ou até mesmo, como Neto relata na citação acima, gerar um novo conhecimento.

---

<sup>6</sup> A máquina de música, conhecida como jukebox, é uma forma de rendimento no estabelecimento, pois ela funciona mediante o pagamento de uma ficha, os clientes escolhem as músicas que querem ouvir e pagam pela seleção escolhida.

Durante o trabalho de campo, diversos são os empecilhos que temos que enfrentar, podendo tornar difícil, ou até inviável, essa etapa de pesquisa (CRUZ, 2002). Para minimizar essas adversidades, devemos buscar o auxílio de indivíduos ou instituições que sejam próximas à comunidade em que se pretende realizar a pesquisa (CRUZ, 2002).

Pensando nisso, para que eu conseguisse me aproximar das profissionais do sexo e das casas noturnas onde a pesquisa foi realizada, solicitei a ajuda dos profissionais do Serviço de Atenção Especializada (SAE), de Guarapuava-PR. Esse serviço desenvolve vários trabalhos, dentre eles, com tabagistas, portadores de HIV e com as profissionais do sexo. O programa Bem-te-vi, vinculado ao SAE, é formado por uma equipe multiprofissional – com enfermeiras, médico, psicóloga, assistente social e administradora, tendo por objetivo prestar assistência integral de saúde e social para as profissionais do sexo de rua e casas noturnas do município, por meio de visitas aos locais de trabalho, educação continuada, exames, dentre outros. Por esse motivo, os profissionais que atuam nesse programa têm uma excelente relação com as profissionais do sexo, permeada por confiança e respeito, o que facilitou para que eu fosse recebida por elas.

Com intermédio desse programa, selecionei as duas casas noturnas em que realizei a pesquisa, bem como fui apresentada às donas delas, conseguindo a autorização para as entrevistas. Também fui apresentada a algumas profissionais, o que foi mister na hora das entrevistas. Como elas tinham vínculo com a equipe do Bem-te-vi, consegui uma maior confiança e interação na hora dos encontros.

Os encontros ocorreram de janeiro a março de 2014; a aproximação ocorreu de forma gradual, respeitando o horário e tempo estabelecido pelas profissionais do sexo e donas dos estabelecimentos, que era o período da tarde, sendo realizados nas próprias casas noturnas. Alguns empecilhos foram encontrados no decorrer dos encontros, especialmente na primeira casa que descrevi, pois as profissionais alegaram cansaço, indisponibilidade, me pedindo que retornasse em outro dia, o que justifica o tempo considerável que permaneci no campo.

As participantes do estudo foram seis profissionais do sexo, sendo três de cada estabelecimento, as quais tinham acima de 18 anos e aceitaram participar do estudo. No dia dos encontros, eu explicava-lhes o trabalho de forma detalhada, bem como seu objetivo, para que se sentissem seguras em participar. Mediante o aceite, eu realizava a clara leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(APÊNDICE A), após a assinatura, iniciávamos a conversa. Antes ou após esta, e aproveitava a interação e espaço para conversarmos sobre as questões de direitos, a prostituição enquanto um trabalho, bem como outros assuntos que emergiam. Como forma de construção de informações, utilizei a técnica de História Oral Temática, bem como observações participantes informais nas casas noturnas.

A História Oral é um artifício moderno utilizado para a elaboração de registros, documentos, arquivos, fontes e estudos, referentes à vivência social de indivíduos ou grupos. Esse processo não pode ser confundido com uma entrevista simples, pois para realizá-lo são necessários alguns procedimentos, que vão desde a elaboração de um projeto até a validação e arquivamento dos registros (MEYHI, HOLANDA, 2013). Ela pode ser utilizada para investigar as subjetividades, os acontecimentos de populações subordinadas, inidôneas. Pois, dentre as várias possibilidades, trabalha com o inverso, com o não aceito, com excluídos por múltiplos motivos ou aqueles que são interditados. Colocando-se na dimensão do reconhecimento da diversidade social, fomentando o cunho democrático de batalha pela inclusão. Gradualmente vêm crescendo os estudos com essas pessoas tidas como minorias, a exemplo de pesquisas sobre as questões de gênero (feminino/masculino), homossexualidade e bissexualidade, pessoas com deficiências, entre outros (MEIHY, RIBEIRO, 2011).

“Esses eus podem se inscrever socialmente por meio de suas histórias até então pouco expostas e, dessa forma, evidenciar personalidade política, atuação social, cultural e econômica” (MEIHY, RIBEIRO, p.28). A história oral se mostra como uma potente ferramenta para se valorar a trajetória desses indivíduos, dando a eles voz para que, independente do lugar onde falem, possam ser ouvidos.

Pelo fato de a prostituição e as mulheres que a exercem serem consideradas, com maior ou menor intensidade, como excluídas da sociedade, não tendo a oportunidade, muitas vezes, de expressar sua trajetória, o seu trabalho e o quanto esse tem vários vieses, pensei que a história oral pudesse ser uma oportunidade para que elas falassem exatamente do lugar onde se encontraram, despidas de qualquer julgamento ou assombramento. A valorização de grupos que apresentam outras perspectivas das adversidades postas é o intuito daquele que executa a história oral (MEIHY, RIBEIRO, 2011). Sendo assim, justifico a escolha por esse procedimento.

A história oral apresenta algumas distinções dentro dela, ou seja, modos

diferentes de fazê-la. Meyhi e Holanda (2013) expõem, basicamente, três gêneros em história oral: História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição oral. Nessa dissertação, não me ateei à explicação das diferenças entre tais gêneros. Apenas os menciono com a finalidade de apresentar-lhes o utilizado nesta pesquisa: História Oral Temática.

A história oral temática se mostra como uma opção para aqueles que querem utilizar as entrevistas como forma dialógica de impulsionar debates sobre um assunto específico. Geralmente, a História Oral temática é utilizada como método ou técnica, dependendo do que foi explicitado no projeto. Ela torna-se uma forma para se buscar esclarecimentos referentes a situações polêmicas, contrastantes (MEIHY, HOLANDA, 2013). “Comprometendo-se com o esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido” (MEIHY, 2011, p.88), trabalhando com temas específicos de acordo com o que é requerido no projeto.

Quase sempre é aplicada como técnica, pois associam, na maioria das vezes, discussões com outras fontes e documentos. Alguns estudos acabam utilizando da entrevista feita por meio da História Oral Temática, como mais um documento a ser analisado e discutido. Sendo que, nessas particularidades, o papel do entrevistador fica muito mais evidente. A objetividade é mais visualizada, ainda que chegue inexecuível à objetividade total, quando se trata de falas abertas (MEIHY, RIBEIRO, 2011).

Na História Oral Temática é o tema ou assunto que organiza e rege todo o processo de entrevista para que se atinja o objetivo proposto. A história Oral Temática não apenas permite o uso de um questionário, mas, além disso, este se torna um mecanismo chave para que se consigam os detalhes e questionamentos propostos. (MEIHY, HOLANDA, 2013). No caso do meu trabalho, toda a entrevista se fez em torno do cotidiano de trabalho dessas profissionais e de sua história dentro da prostituição. Para tanto, utilizei um questionário (APÊNDICE B), em que a primeira parte foi composta da caracterização da entrevistada e, a segunda, de pontos norteadores referentes à história delas dentro da prostituição. Todas as entrevistas realizadas foram gravadas com o auxílio de um gravador digital para facilitar as fases de passagem do oral para o escrito.

Da gravação feita em áudio ou em vídeo, muitos estudos concebem a criação de um texto através das entrevistas. No momento da edição do oral para o escrito, tem-se que realizar um procedimento parcelado em três estágios: transcrição,

textualização e transcrição (MEIHY, RIBEIRO, 2011). Essas três fases, foram realizadas em minha dissertação, a fim de que eu tivesse um texto pronto para facilitar, assim, a análise de minhas entrevistas, para melhor contextualizar essas fases. Abaixo trago a descrição de cada uma delas, conforme explicado por Meihy e Ribeiro (2011); Meihy e Holanda (2013).

A primeira fase denomina-se transcrição, que vem a ser o ato de transmutar o gravado em um texto escrito. Nessa etapa, as palavras são colocadas no papel, exatamente como foram expressas pelos entrevistados, com os erros de concordância e gramaticais, repetições e palavras sem peso semântico. Mantêm-se ainda, as perguntas e respostas na mesma ordem como foram ditas. A segunda fase é a textualização, de onde são retiradas as perguntas e as respostas e reunidas em uma narrativa. O texto mantém-se em primeira pessoa, sendo reorganizado através de designações cronológicas ou temáticas, ou seja, as passagens do texto vão se unindo com base em interesses afins, sejam estes ligados ao tempo ou a um assunto específico. As distorções gramaticais, vícios de linguagem e palavras repetidas devem ser corrigidas, algumas palavras e expressões que se repetem ao longo da entrevista devem ser mantidas em dosagem considerável para que o leitor sinta a forma da narrativa, o sotaque e de onde vem o entrevistado. A última fase que compreende a passagem do oral para o escrito é a transcrição. Compreendendo a elaboração de um texto recriado em sua totalidade. Nessa fase, os elementos de fora do texto são a ele incorporados, como as percepções advindas, as anotações no caderno de campo, objetivando demonstrar todas as vivências sentidas no campo. Nessa parte, há uma grande interferência do autor, ou entrevistador no processo. Sendo assim, o estabelecimento final do texto.

O último procedimento em História Oral é a validação. É nessa etapa que finda a interação entre o entrevistador e entrevistado. Nela é realizada a conferência do texto produzido por meio do depoimento, verificando e corrigindo os possíveis equívocos, autentica-se esse trabalho de convívio de maneira não hierarquizada, legitima-se a probabilidade de produção do conhecimento através do documento produzido (MEIHY, RIBEIRO, 2011). O respeito total a tudo o que foi narrado e, posteriormente autorizado pelo entrevistado, é o fato essencial para a organização de um texto que demonstre a vontade de quem se propôs a contar (MEIHY, RIBEIRO, 2011). Em linhas gerais, essa etapa diz respeito ao momento em que o entrevistado terá contato com o texto já pronto, podendo esse validar ou modificar

algo que foi dito, sem que se perca a veracidade dos fatos. Assim, como Meihy e Robeiro (2011) relatam, essa também foi à última fase de interação minha com as profissionais do sexo, o momento em que devolvi a elas as suas histórias, oportunizando-lhes que modificassem ou incluíssem algo, a fim de preservar a autenticidade das entrevistas.

Para complementar a técnica de História Oral Temática se utilizou a observação do cotidiano de trabalho dessas profissionais, através da visualização das casas noturnas em funcionamento. Essa observação se deu de forma simples e informal, ou seja, não tive diálogos com as minhas entrevistadas, apenas permaneci por um tempo no salão observando como a dinâmica se dava, no decorrer dos capítulos irão aparecendo as informações advindas dessas observações, as quais foram todas registradas com o auxílio de um diário de campo, sendo esse um importante instrumento, do qual usufruí para a realização desta pesquisa.

Para analisar o conjunto de depoimentos obtidos pela história oral, apropriei-me da técnica de análise narrativa. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2003), a narrativa diz respeito a:

Uma sucessão de eventos ou episódios que abrangem atores, ações, contextos e espaços temporais. A narração de eventos e episódios apresenta uma ordem cronológica e permite uma interpretação de como o tempo é usado pelos contadores de história. Os aspectos não cronológicos de uma narrativa correspondem a explicações e razões encontradas por detrás dos acontecimentos, aos critérios implícitos nas seleções feitas durante a narrativa, aos valores e juízos ligados à narração e a todas as operações do enredo (2003, p. 108)

Para os autores, uma narrativa seria a contagem, por parte do narrador, de variados acontecimentos, que englobam locais, fatos e situações. Nessa narração existem tanto aspectos cronológicos como não cronológicos ligados a explicações dos fatos ocorridos. Nas narrativas advindas dos depoimentos de história oral das seis profissionais do sexo, esses aspectos estiveram presentes, tanto a localização de tempo, ou seja, aspecto cronológico, como as razões porque determinadas coisas ocorrem, sendo os aspectos não cronológicos.

Segundo Benjamin (1994), com a narrativa é possível observar a substância de vida daquele narra, revelando marcas deste em suas palavras. Assim como impressões das mãos do artesão são encontradas na cerâmica. O rastro pessoal do narrador mostra-se claramente na narrativa, seja como relator de um fato, seja como

alguém que estava intrinsicamente envolto na situação.

Com base nisso, escolhi utilizar as narrativas das seis mulheres para, por meio delas, conhecer os acontecimentos cotidianos que perpassam suas vidas dentro dos seis estabelecimentos de prostituição, pois através da leitura desses depoimentos e com base nos objetivos do estudo, elencaram-se algumas categorias temáticas ou eixos temáticos, os quais oportunizaram a análise das narrativas, essas que ora foram tratadas de forma individual, ora foram tratadas de forma coletiva, ou seja, buscou-se valorizar as subjetividades de cada uma das mulheres, mas também se olhou o conjunto das narrativas.

Compreender uma narrativa não é somente seguir o esvaziamento da história, é também reconhecer nela “estágios”, projetar os encadeamentos horizontais do “fio narrativo”, sobre um eixo implicitamente vertical: a significação não está ao “cabo” da narrativa, mas atravessa ela. (BARTHES, 2011, p.27).

Ou seja, analisar uma narrativa não se restringe a ver o que a palavra ou a frase dizem em si, mas ir, além disso, observando as significações, fazendo correlações. Não é dado a priori, mas são buscados as razões e entendimentos para os fatos e situações. Segundo Hauer e Guimarães (2015), ao se analisar uma narrativa, torna-se impossível desprender a vivência narrada da subjetividade do narrador, visto que esse fato é o ponto crucial, pois é a compressão feita por ele que dirige a análise.

Vieira (2006), corroborando com o acima exposto expõe que entender uma história não diz respeito apenas a entender os acontecimentos que ocorrem no decorrer do tempo, mas sim, compreender a teia de relações e sentimentos que envolvem a narração. A autora, fazendo luz à análise narrativa de sua tese, explica que as narrativas foram postas para a compreensão verticalmente, oportunizando compreender o desenvolvimento dos caminhos no decorrer do tempo, e também horizontalmente, cruzando as várias histórias entre si. Ela ainda coloca, que com isso é possível engrandecer o universo das relações, sentidos e significados formados, encontrando interferências e descobertas que permitiram mostrar a realidade e a problemática estudada.

Assim busquei fazer com as narrativas das participantes, analisando-as, em alguns momentos de forma individual, vertical, salientando a história e tempo de cada uma. Mas também, e com maior empenho, horizontal, analisando o conjunto

das narrativas, interligando as histórias a fim de engrandecer o campo de visão, procurando observar os significados que as palavras traziam para a discussão da problemática estudada. E foi com base nessa análise que levantei alguns pontos para discorrer, dando forma aos três capítulos dessa dissertação.

Benjamin (1994) ressalta a importância da narrativa quando expõe que distintamente de uma simples informação que só tem sua valia momentânea, entregando-se ao momento, a narrativa não se entrega, mesmo após algum tempo ela mantém seu vigor e é capaz de se desenvolver. Ou seja, é possível, mesmo depois de anos de sua narração, trabalhar com ela. As narrativas advindas das profissionais do sexo por mim escutadas, não são simples informações, mas depoimentos orais de vida, de vivências que, certamente, mesmo após tempos, terão sua valia no que concerne ao estudo do cotidiano da prostituição de casas noturnas em Guarapuava, pois nelas estão as digitais dessas mulheres, as quais foram trabalhadas para saciar as inquietações da problemática de estudo.

Ressalta-se que a pesquisa seguiu todos os preceitos éticos no que concerne a pesquisa com seres humanos. Sendo o estudo avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética e pesquisa da Universidade Estadual do Centro Oeste-UNICENTRO, no parecer 487.703 de 10/12/2013.

Esta dissertação, objetivando problematizar sobre as narrativas cotidianas das profissionais do sexo, foi estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo irá discorrer sobre a história da prostituição ao longo dos séculos, explanando os distintos posicionamentos que as profissionais do sexo assumiram nestes. Ainda serão apresentadas as histórias das mulheres por mim entrevistadas, enquanto profissionais do sexo, ressaltando as individualidades presentes, buscando, dessa forma, contrapor a prostituição arcaica com a atual.

No segundo capítulo, inicialmente, será discutida a prostituição enquanto uma prática laboral comum, trazendo alguns aspectos que permeiam a atividade. Posteriormente apresentarei e caracterizarei a casa noturna enquanto espaço comunitário, demonstrando as vivências das profissionais do sexo nesses ambientes enquanto uma comunidade.

O terceiro capítulo apresentará uma discussão acerca dos temas corpo, gênero e sexualidades. Tendo como norte questões como a dualidade do corpo da profissional do sexo em corpo laboral e corpo social. A idealização de um ser mulher, dividindo essas, em boas e más, santas e pervertidas. E, por fim, a relação



entre profissionais do sexo e clientes, englobando os prazeres por ambos vivenciados, a questão de poder nesse relacionamento, entre outros.

## 2 PROSTITUIÇÃO: HISTÓRIA DA PROFISSÃO E INDIVIDUALIDADES HISTÓRICAS

### 2.1 PANORAMA HISTÓRICO DA PROSTITUIÇÃO AO LONGO DOS SÉCULOS

As mulheres que exercem a prostituição nem sempre foram condenadas ou receberam estigmas como as de hoje. Ao longo dos séculos lhes foram atribuídas características e sentimentos diferentes, passando da Deusa à Escrava Sexual.

A representação social da prostituta varia segundo época e cultura; nem sempre foi acompanhada do estigma que o Ocidente lhe atribui [...] a percepção dessa prática muda enormemente segundo a moral vigente. A posição social que a prostituta ocupa hoje na sociedade ocidental é tributária da visão que temos da sexualidade, algo bem diverso da Antiguidade, em que não havia a noção de pecado ligado ao sexo (CECARELLI, 2008, p.1).

Nesse primeiro capítulo, abordarei algumas fases da prostituição no decorrer do tempo e a visão social que se tinha para com essa profissão, bem como relatar as histórias das mulheres que entrevistei, ressaltando como chegaram à prostituição e a sua história dentro dela.

No princípio, para ser mais exata, na pré-história ou pré-patriarcado, diferentemente dos dias de hoje, o que era visto e reconhecido pela sociedade era o matriarcado, onde a figura da mulher era caracterizada como a criadora da força vital, adorada como uma Grande Deusa, dessa forma ela encontrava-se como ponto central dentro da sociedade (ROBERTS, 1998).

Roberts (1998) expõe algumas das atividades ou feitos que fizeram com que a mulher recebesse esse posto de centro dentro da sociedade na época pré-histórica. Esses vão desde a domesticação de animais, criação de ferramentas, descoberta de plantas que serviriam como alimentos, há vestígios da criação da linguagem, ou, até mesmo o maior de todos os capacidades dessas mulheres gerarem crianças em seus corpos. A autora afirma que esse ato era deslumbrante aos olhos dos homens, a ponto de fazer com que esses anulassem ou não ressaltassem a sua participação na reprodução humana; a mulher era detentora da força maior, da geração do universo, o que fazia com que os humanos a caracterizassem como uma Deusa. Afinal era por meio da sua capacidade e de seu corpo que toda a espécie humana seria perpetuada e, ainda, por toda essa magia

que ela trazia dentro do seu ventre protuberante, que essa criação seria posta em evidência. Ela representava o mágico, a força e o poder.

Devido ao fato de as mulheres serem postas em uma posição de tão grande poder, era imprescindível que elas devessem ter controle sobre a sua própria sexualidade. Alguns indícios de culturas da era pré-histórica insinuam que as mulheres eram independentes e desinibidas em sua manifestação sexual, utilizando artifícios, como o calendário lunar para controlar a sua fertilidade. Isso tornava-se mais fácil, pois os homens seguiam ignorantes nesse aspecto, não tendo preocupação com a paternidade, ou em ser o centro desta, como temos hoje na sociedade patriarcal. A unidade elementar da vivência social era focada na mãe e em seus filhos (ROBERTS, 1998), diferindo da sociedade atual, na qual o homem passou a ser o centro de tudo e os seus desejos, a sua posição, abarcam todo o poder, pelo simples fato de serem homens. Hoje, a posição de Divindade mudou-se para eles.

Nessa época, a sexualidade era vista por outro ângulo, pois ela se fundia com a religião e a cultura, fato que destaca o endeusamento da mulher, pois ela era detentora do poder da sexualidade e criação. Dessa forma, o sexo era algo imaculado, sacro, sendo conduzidas pelas chamadas sacerdotisas xemânicas<sup>7</sup>, por meio de rituais grupais de sexo, do qual toda a comunidade participava, partilhando do êxtase com a força da vida (ROBERTS, 1998).

Dessa forma, a prostituição era vista como uma entidade sagrada, sendo ela exercida até mesmo nos templos. Mulheres da alta sociedade, respeitáveis e distintas mantinham relacionamento sexual com o seu sacerdote ou com um frequentador do templo, realizando uma ação de adoração a um deus ou a deusa. As prostitutas eram mulheres respeitadas e os homens que utilizavam os seus préstimos lhes ofereciam homenagens. As sacerdotisas, em muitos casos, trabalhavam também com a atividade sexual (LINS, 2007).

Com o passar do tempo, essas Deusas continuaram a praticar os seus rituais em locais agora específicos, sendo as mulheres ainda o centro e detentoras do poder da vida. Porém, com o aparecimento de homens nômades, esses que começaram a ter consciência do seu papel na procriação, pois essa era uma parte

---

<sup>7</sup> Mulheres eram consideradas como a encarnação terrena da Deusa, aquelas que propiciam a ligação entre a comunidade e a sua divindade, eram as consideradas Sacerdotisas Xemânicas. Elas canalizavam a energia criativa da Deusa para o mundo material (ROBERTS, 1998, p.20-21).

crucial na sua economia de criação de gado, eles começaram a adentrar os espaços matriarcais, começando, assim, o poder masculino a ganhar os seus contornos mais evidentes (ROBERTS, 1998).

Nas primeiras civilizações da era histórica, começaram a registrar os acontecimentos do passado em forma de escrita. Já existia a mescla do poder matriarcal e patriarcal, porém, o segundo começou a ganhar maior espaço. A mulher casada passou a ser vista, um pouco melhor, como uma ponte para que o homem conseguisse perpetuar a sua geração. Surgiram os deuses masculinos para concorrer com as deusas pelo poder; governantes homens nasceram, para restringir ainda mais o poder e as leis, que retirassem o status de poder que, antes, era concedido às mulheres (ROBERTS, 1998). A deusa mulher, com todos os seus rituais sagrados e a sua supremacia dentro de uma sociedade matriarcal, passou a fraquejar e o patriarcalismo, a ganhar forças, tentando se cercar de todos os lados por deuses e governantes.

Segundo Roberts, nessa época surgiu, de forma mais evidente, a prostituição sagrada. Essa prostituição sagrada nada mais era que a tradição dos rituais sexuais que existiam como já citados nesse texto, desde a idade da pedra, onde a mulher, ou melhor, dizendo, a Deusa mulher, era o centro de tudo, de toda a adoração e poder. Apesar de ter perdido o foco central, a Deusa mulher continuava a ser adorada nos templos e os rituais ancestrais a serem empregados, mesmo contrapondo o poder dos governantes, que tentavam derrubá-la. Esses que criaram Deuses homens para controlar e explorar as mulheres dentro dos templos; é nesse ponto que se inicia a verdadeira história da prostituição, onde elas, dentro desses locais, eram cultuadas como deusas, mas também exploradas enquanto prostitutas. O fato do templo em que essas mulheres se encontravam ser, ainda, o ápice do poder econômico, político e religioso, a posição que as prostitutas ocupavam era algo elevado, um status, se assim podemos dizer, afastando-se do triste estereótipo que hoje carregam.

A relação sexual com as prostitutas consideradas sagradas era uma maneira de unir a sexualidade com a espiritualidade, pois como mencionei anteriormente, as duas estavam fundidas nessa época. Existia, ainda, a crença de que a Afrodite, deusa do amor, personificava-se nessas mulheres, propiciando a união do físico, representado pelo corpo, com o espiritual, acarretando um sentimento de desejo e respeito nos homens com quem se relacionavam, oferecendo a eles um bem estar

que não era possível ser vivenciado fora desses templos (PETERS, CERQUEIRA, 2013).

Com o passar do tempo, os homens começaram a alcançar ainda mais o poder, fazendo com que a sociedade ficasse cada vez mais dividida através das hierarquias, destacando o enorme espaço existente entre os bem-nascidos e os mal-nascidos. Essa distinção veio a se fazer evidente na classe das sacerdotisas prostitutas no templo, onde algumas, em acordo com o regime imposto, conseguiram manter a sua elevada classe. Outra divisão que ocorreu, essa que podemos dizer, que ainda hoje permanece, é a divisão entre as mulheres que são destinadas ao cargo de esposas e as prostitutas. As leis para com as prostitutas começaram a ser mais rígidas. As mulheres esposas eram alvo da repreensão e domínio dos maridos. Já os homens não estavam acostumados com a perda das antigas liberdades, então, quando queriam ter uma relação extraconjugal, ou seja, que não fossem mantidos com nenhuma de suas esposas e amantes, eles recorria às prostitutas. Elas que mantinham a sua liberdade sexual, resistindo às leis, cada vez mais estreitas, que lhes impunham, sendo uma adversária ao regime patriarcal e sua autoridade. (ROBERTS, 1998).

Na Grécia Antiga, a atividade prostituinte se fazia presente no cotidiano dessa civilização, sendo uma forma de obtenção de ganhos, semelhante a qualquer outra profissão e controlada pelo Estado (CECARELLI, 2008). Seguindo a história da prostituição explanada por Roberts (1998) na Grécia antiga, o regime patriarcal se fazia bastante forte, as mulheres eram divididas entre as respeitáveis esposas e as prostitutas. As primeiras, viviam sob forte regime de seus maridos, não podendo sair livremente de casa ou, até mesmo, presenciar uma visita em seu lar, o qual era um local escuro, fechado, sombrio, para que elas não pudessem ter o contato com as pessoas de fora. A educação dessas mulheres era totalmente voltada para os serviços e afazeres domésticos, não tendo acesso a outra forma de saber; o conhecimento intelectual, a elas era proibido, pois essa era a marca das prostitutas. As Hetairae<sup>8</sup> eram educadas em escolas, nas quais, as pretendentes a esse cargo, adquiriam saberes sobre a habilidade do amor, literatura, filosofia, sendo elas as mulheres mais educadas da Grécia (CECARELLI, 2008). Foucault (1988) expõe que na Grécia o sexo e a verdade eram unidos por uma relação pedagógica, através da

---

<sup>8</sup> Prostitutas de grande relevância social, conhecidas pela inteligência, esperteza na administração dos bens e competência nas articulações políticas (CECARELLI, 2008, p.2).

transmissão corpo a corpo de um saber relevante. O sexo oferecia apoio para as iniciações do conhecimento. Esses fatos contrapõem a visão que a sexualidade e a profissional do sexo têm hoje, em que a marginalidade e baixa escolaridade parecem, em sua maioria, permear essas trabalhadoras.

A prostituição secular começou a ganhar uma escala muito grande em Atenas. Solón, jurista, governante de Atenas, ao se dar conta do enorme lucro advindo da atividade prostituinte, tanto a comercial quanto a religiosa, iniciou a organização da prostituição, criando bordéis oficiais, administrados pelo Estado. Porém, o local de grande divertimento para os clientes não propiciava o mesmo sentimento para as mulheres que lá trabalhavam, chamadas de Deikteriades.<sup>9</sup> Elas viviam em condições precárias, casas minúsculas e insalubres, os salários eram pagos pelo Estado, porém, quem os recebia era um homem, funcionário do bordel, chamado de *Pronobosceion*. Essa, talvez seja, a primeira aparição do Rufinato no serviço da prostituição (ROBERTS, 1998).

Em conjunto com os Bordéis Estatais existiam, ainda, aquelas mulheres que eram autônomas em seu negócio, apesar da legislação empregada por Sólon. Esses locais eram extremamente lucrativos para as mulheres, as quais não tinham com os homens nenhuma relação que não fosse à de clientes; elas podiam atuar em grupos, sob o olhar de uma mulher mais velha, uma espécie de cafetina. Algumas delas eram totalmente autônomas, desempenhando a sua atividade em seu quarto privado, hospedarias e tavernas. A vida de uma prostituta independente, de classe elevada, tinha maiores regalias de que uma mulher esposa de Atenas que, como já foi mencionado, viviam sobre a represália do marido. Apesar de essas mulheres vivenciarem os ataques dos legisladores, desfrutavam de sua sexualidade e economia. As Hetairae, conhecidas por sua beleza física, inteligência e habilidades durante o ato sexual, com o seu modo de viver a vida, livre e culto, contrapunha a vida obscura e reclusa das mulheres casadas. (ROBERTS, 1998).

Da mesma forma que os homens da Grécia, os Homens de Roma dominavam a economia e o poder, bem como eram os que detinham o poder dentro de suas famílias, ressaltando o patriarcalismo. Porém, as esposas desses homens, distintamente das da Grécia, não vivam enclausuradas em seus lares, elas podiam

---

<sup>9</sup> Segundo Roberts (1998), a maioria dessas mulheres que prestavam serviço nos bordéis estatais, eram originárias das Guerras Asiáticas, porém, mais tarde, fazia parte desse grupo, mulheres compradas no mercado municipal, exclusivamente para esse fim, o de se prostituir.

sair e até recebiam educação intelectual, através de uma tutora que se dirigia a suas casas. As mulheres romanas gozavam de uma independência maior, por isso, quando foram instituídas leis, que as obrigavam, especialmente aquelas de classes dominantes, a se desposar e ter filhos, elas se regularizavam como prostitutas, ficando livres dessas imposições. Os romanos não possuíam os Bordéis Estatais, mas foram eles os primeiros a incorporar um sistema de registros do Estado para as prostitutas; uma vez que estas colocavam seu nome nessa lista, não poderiam mais retirá-lo. Por isso, algumas, especialmente aquelas de classe mais elevada, as que tinham na prostituição uma atividade de complemento, a exemplo da musicista, atrizes e dançarinas não tinham a obrigação de registrarem-se. As que se registravam eram chamadas de Meretrices e as não registradas prostibulae, de onde originou-se a palavra prostituta. Na antiga Roma, os temas prostituição e sexualidade eram cotidianamente aceitos, abertamente explorados, discutidos e até mesmo homenageados. O estado não se intimidava em receber os lucros advindos dessa profissão, não existiam estigmas sobre aqueles que compravam ou vendiam esses serviços (ROBERTS, 1998). Essa profissão não recebia a faixa de promiscua ou de imoral como se vêem na sociedade contemporânea. As mulheres e homens poderiam se deleitar nesse universo sem que tivesse que carregar a bandeira escura de pertencer ou buscar o universo da prostituição.

Na idade média, a prática prostitucional era vista como necessária, apesar de ser repulsiva aos olhos da sociedade. Porém, era tolerada para que se evitasse o pior. As mulheres que adentravam a prostituição nesse período, o faziam por distintos motivos, muito semelhantes aos de outras épocas, como a carência econômica, inclinação natural, mudança de status, origem familiar conturbada, histórico de violência. Como trazido anteriormente, nessa época, apesar da rigorosidade da igreja contra o sexo e a sexualidade, a relação sexual masculina antes e fora do casamento era socialmente aceita. A atividade prostituinte era um espaço oportuno para que os jovens reforçassem sua masculinidade e saciassem suas necessidades sexuais, ao passo, que evitava que esses se aproximassem de esposas e filhas respeitáveis. Além disso, a prostituição também se fazia útil para evitar a prática de estupro e afastá-los das relações homo afetivas (LINS, 2007).

De acordo com Roberts (1998), a prostituição só começou a ganhar seus contornos negativos, de algo pecaminoso e imoral, com o surgimento do Cristianismo. Os detentores do poder, os homens, começaram a reproduzir a ideia

de que a prostituição era um mal que assolava toda a sociedade, estava se iniciando a era do repugno à sexualidade, essencialmente, a da mulher.

As prostitutas eram escorraçadas da igreja, enquanto estivessem dedicando-se a tal profissão, os bons homens, seguidores do cristianismo, deveriam se afastar dessa classe de mulheres diferentes e impuras. As mulheres pecadoras carregavam consigo toda a culpa, todo o pavor e ódio, expressado pela hipocrisia sexual da sociedade, a menos que se redimissem de seus pecados. Nessa época, a sexualidade ganhou um caráter pecaminoso. A igreja procurava enfrentar com muita cautela a prostituição. Alguns métodos utilizados para os leprosos eram aderidos nesse caso. As prostitutas deveriam ser separadas e diferenciadas do restante da população considerada decente. Muitas delas eram sinalizadas, a exemplo a aiguleie, que seria uma espécie de corda com os nós pêndulos (LINS, 2007).

A igreja, mesmo condenando a prostituição, buscava a redenção das prostitutas por meio do casamento. Os cristãos considerados como verdadeiros e fiéis às causas do cristianismo, eram incentivados a auxiliar na recuperação dessas mulheres. Aqueles homens que casassem com uma delas tinham os seus pecados perdoados pelo papa Inocêncio III (LINS, 2007).

Apesar de todas as tentativas do Clero e de suas autoridades de perseguirem e tentarem converter a prostituição, abolindo a sexualidade e associando-a a algo pecaminoso, os Europeus medievais eram flexíveis, desinibidos no que diz respeito às práticas sexuais. A igreja vestia o véu da hipocrisia, pois tentava, de todas as formas, encurralar as práticas sexuais dos povos. Porém, eram incapazes de se autogerir. A exorbitância sexual do clero foi mostrada em esculturas e outros artefatos, esses excessos abarcaram até mesmo o topo da hierarquia da igreja, a exemplo de papas. A prostituição também veio a se fazer presente e crescer dentro da Cidade Santa de Roma; as prostitutas habitavam nas propriedades pertencentes à igreja e, abertamente, circulavam em companhia do clero e demonstravam a busca incessante pelo prazer. Muitos membros da igreja tinham bordéis dentro de suas propriedades (ROBERTS, 1998).

Foi, também, nessa época, que Henry realizou um símbolo na vida trabalhista das prostitutas medievais. Através da criação de um Gueto, onde se comercializaria o sexo, ao mesmo tempo em que as prostitutas eram protegidas por terem um local em que poderiam exercer o seu trabalho. Com Isso tentou-se criar centros ordeiros e eficazes para a satisfação das necessidades sexuais, ao passo que não



manchariam e nem insultariam a decência social, pois esses eram mantidos longe das cidades, agrupados em locais específicos, como é o caso das zonas de luz vermelha, espécie de guetos. Por meio dessa medida, as prostitutas foram banidas de outros locais de muitas cidades. Ou seja, essa atitude era de direitos e deveres, protetiva e punitiva. Foi, também, nessa época, que a autonomia das prostitutas que queriam trabalhar por conta própria na rua ou em outras casas de prostituição, foi retirada. As mulheres foram perseguidas, até mesmo de forma brutal; elas poderiam trabalhar somente em bordéis autorizados, do estado e municípios, pois o mercado do sexo estava sendo muito lucrativo e, caso fugissem a essa regra, poderiam prejudicar os grandiosos do poder (ROBERTS, 1998; LINS, 2007).

O cenário geral da prostituição na Europa Ocidental Medieval certifica os resquícios finais de uma conexão religiosa com essa profissão, isso graças ao advento da Igreja Cristã (ROBERTS, 1998). Essa que rompeu qualquer espiritualidade ou misticidade que pudesse estar envolta na prostituição.

Na renascença, novamente a figura masculina passa a ser o centro de tudo, assemelhando-se à visão grega. As mulheres eram tidas como subordinadas, não podendo adentrar certos posicionamentos caracterizados como masculinos, a exemplo dos negócios e política. O reforço da castidade feminina e da promiscuidade masculina se fez muito evidente. As mulheres, ao contrário das independentes da época medieval, e aproximando-se das de Atenas, eram mantidas presas e constantemente vigiadas aos olhos rudes e enfurecidos de seus maridos; elas só tinham permissão para ir à igreja, desde que acompanhadas por esses guardiões e donos, que assumiam o papel de esposos. Em contrapartida a essa privação de liberdade, com a Renascença, novamente veio a tona a figura clássica da Cortesã de alta classe (ROBERTS, 1998).

As prostitutas de alta classe da Itália eram mulheres livres, realizavam os seus serviços em suas casas deslumbrantes, que eram frequentadas por artistas, filósofos e políticos influentes da época (ROBERTS, 1998). Essas mulheres não estavam disponíveis nos bordéis, podendo escolher a quem prestariam os seus serviços (SOUZA, 2014). Muitos eram os dotes que as cortesãs possuíam, deixando os homens que as procuravam admirados, elas eram musicistas, poetisas, além de entender como ninguém da arte do amor. Mas, nessa época, a prostituição não era meramente composta pelas mulheres requintadas e bem resolvidas, havia também, a prostituição de rua, praticada pelas mulheres de classes inferiores, que viviam

sobre aquele jogo de punições e direitos; a presença dessas em tavernas, salões e igreja era totalmente proibida, e seguiam, aspirando ao sonho de serem como a sua face rica, as cortesãs (SEIXAS, 1998; ROBERTS, 1998).

Dessa forma, o puritanismo, advindo com a reforma religiosa, passou a ordenar a moral e os costumes seguidos pela sociedade. Os homens estavam à mercê de uma moralidade, mais severa e explícita do que aquela pregada pela Igreja no início. Os líderes da Reforma, de uma maneira geral, reprimiam as mulheres e suas funções, e ressaltavam o poder dos homens sobre elas, evidenciando o papel destinado a elas que era o casamento e a maternidade. Qualquer atividade autônoma que fugisse dessas deveria ser abafada, destruída, a exemplo das prostitutas. A divisão que hoje permeia a visão Ocidental de mulheres boas esposas e as prostitutas más e perversas se fez notório nessa época. As prostitutas foram alvos de ações violentas, como espancamentos e cortes de membros de seus corpos. Em todo o território Europeu as prostitutas e os donos de bordéis foram submetidos a leis extremamente severas, tentando controlar essa profissão. Do mesmo modo que agia com os leprosos, a igreja impedia as prostitutas de seus direitos civis. Elas eram privadas de acusar alguém de um delito e frequentar os tribunais. Não podia receber heranças, e em casos de estupro, nunca eram visualizadas enquanto vítimas. A prostituição, nessa fase da reforma religiosa, foi vista, então, com o pivô de corrupção das mentes puritanas dos homens, sendo perseguidas, mesmo dentro dos limites estipulados, a fim de preservar a moral e bons costumes (CECARELLI, 2008; ROBERTS, 1998, LINS, 2007).

Na Restauração Inglesa a indulgência sexual foi o grande ponto; a bebida, a diversão, a prostituição e os jogos eram a ordem do dia, as pessoas perseguiam os seus prazeres e a satisfação desses. A aristocracia se divertia de forma ostensiva, ao passo, que o restante da corte, a exemplo da realeza, seguia os passos desse prazer sem limites. A companhia de prostitutas e o fato de ter amantes era algo visto como natural, e até mesmo essencial nessa época. Era comum, as mulheres com boa aparência e dotes particulares adentrarem uma boa vida no papel de amantes de algum burocrata rico. Algumas buscavam oportunidades de mostrar seus predicados para assumir esse posicionamento. O teatro foi um ambiente visto como propício para disfarçar essas brincadeiras eróticas. As prostitutas começaram, então, a adentrar esses locais e atuar também como atrizes. Como a profissão de atriz era

mal remunerada, essas mulheres deveriam fazer os serviços de prostitutas ou casarem-se bem, objetivando a ascensão econômica, mesmo que, às vezes, camuflada, a sexualidade tornou-se mais perceptível e aceita nessa época, e os prazeres, a grande busca de muitos indivíduos. (ROBERTS, 1998).

O século XVII foi marcado por inovações no que concerne à prática da prostituição, apesar de, no decorrer da história, existirem estabelecimentos de prostituição de todas as formas. Esse século foi inovador, devido ao caráter de especialidades existentes, bem como a forma com que as profissionais atraíam seus clientes. Os bordéis eram especializados em públicos e profissionais distintos, havia aqueles com as prostitutas negras, os que atendiam ao clero, ainda, aquele que tinha como componentes somente virgens. As prostitutas atraíam os clientes, mostrando os seus dotes através de poses insinuantes. A instituição família mostrou-se forte nessa época, dividindo as esposas e as prostitutas; as últimas eram vistas como parte ímpar na sociedade, servindo como parte da família, pois permitiam que os homens não praticassem a abstinência sexual (ROBERTS, 1988). Foucault (1988) acrescenta que o puritanismo e a normatividade se faziam presentes nesse século, as sexualidades tidas como ilegítimas não podiam incomodar e manchar a sociedade. Os bordéis ou casas de tolerância eram os espaços onde as fantasias, o sexo selvagem e as práticas proibidas para a esposa imaculada podiam ser realizados, ou melhor, tolerava-se a sua realização. Nessa época também surgiram os primeiros vestígios da prostituição infantil, esse fato devendo-se à imensa miséria que assolava a classe menos favorecida desse período (ROBERTS, 1998).

Até meados do século XVII, três regras nítidas, juntamente com os costumes e opiniões, regiam as práticas sexuais dessa época: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Esses três poderes reguladores estabeleciam o que poderia ou não ser realizado, o que era permitido ou proibido. Todos estavam concentrados no casamento, na forma como esses cônjuges vivenciavam a sua sexualidade. Práticas que não fossem para reprodução e fora do casamento eram consideradas ilícitas (FOUCAULT, 1988). O papel da prostituição como algo ilícito e pervertido era bastante visível nesse período.

“Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos, mereciam de qualquer forma, condenação” (FOUCAULT, 1988, p.38). Como citado anteriormente no texto, era nessa profissão que as carícias e formas de expressão da sexualidade tidas como criminosas, podiam se desenvolver.

No século XIX, com a Revolução industrial, a prostituição sofreu marcantes transformações de cunho social e econômico. As mulheres, nessa época, vivenciavam posições desiguais no trabalho em comparação com os homens, dessa forma, prostituir-se em barganha de favores, ascensão social, mostrou-se como uma potente opção (CECARELLI, 2008). “Moças vindas do meio operário marcam a época das costureirinhas. Não querendo fazer parte da classe operária, que agora se familiarizou, optam pela prostituição” (LINS, 2007, p. 214).

Visto que a revolução econômica teve efeitos relevantes para as mulheres trabalhadoras, pois poucas delas estavam trabalhando nas fábricas, já o restante começou a tomar consciência de que a economia não estava crescendo de forma satisfatória para lhes proporcionar empregos. O grupo de mulheres que eram empregadas nas oficinas de roupas, exercendo a função de costureiras ou operárias, recebia salários muito baixos, o que não garantia a sua subsistência econômica, para tanto, elas deveriam ter um companheiro do sexo masculino, que pudesse, com o seu salário complementar a renda ou, quando isso não era possível, elas recorriam à prostituição como forma de potencializar os ganhos (ROBERTS, 1998).

Ainda, com o advento da revolução, mais uma transformação se fez presente na categoria das prostitutas; com o crescimento exacerbado do comércio sexual, as prostitutas invadiram as ruas e vagavam por elas, praticamente nuas, com roupas largas de tecidos transparentes. A expansão da prostituição começou a incomodar as mulheres de classe média, as quais fizeram reivindicações para que as prostitutas fossem postas em uma espécie de lar, onde teriam ensinamentos sobre trabalhos domésticos, palestras patrióticas. Nessa passagem, essas mulheres foram vistas como criminosas e potenciais traidoras da causa revolucionária. A prostituição praticada por atrizes e dançarinas também seguia nos teatros, bem como a prostituição infantil e os bordéis especializados em virgens (ROBERTS, 1998). Essa fase da prostituição e as suas multifaces são produtos da imensa pobreza que assolava aquela sociedade, na qual muitos não tinham outra opção a não ser o comércio do sexo; no caso das crianças, os aliciadores eram os próprios pais que, diante da miséria, ofereciam seus filhos e filhas para esse serviço.

Roberts apresenta que com a invasão das indústrias na França, na primeira parte do século, as autoridades se mostravam cada vez mais intrigadas com o número elevado de prostitutas de ruas que começaram a perambular na Capital.

Mais uma vez, as prostitutas, mulheres da categoria trabalhadora, foram alvos de medidas moralistas e de controle social, pois a sua imagem despudorada não poderia ser vista nas ruas da cidade, como se assim ela ficasse denegrada ou desprestigiada. Mediante este fato, a polícia recebeu o aval das autoridades para trabalhar com essa questão. A solução por eles adotada, já ocorrera em outras épocas, que era a regulamentação, tolerância e exortação. As prostitutas que se registravam, deveriam comparecer mensalmente para exames ginecológicos, realizados pelos médicos da polícia. Caso estivessem com alguma patologia, eram postas em hospitais prisão; claro que todo esse serviço era pago e as mulheres despendiam uma quantia para tanto. Na Alemanha, aquelas que não se registravam, eram penalizadas com três meses de reclusão. Antes de serem levadas à casa de correção, as registradas só poderiam atuar sob os olhares dos policiais, podendo se prostituir em bordéis autorizados e casas indicadas. Esse controle, ou regulamentação foi experienciado em praticamente toda a Europa, porém sempre existiam aquelas profissionais que desafiavam a autoridade e, mesmo com as perseguições, continuavam a trabalhar como clandestinas. Muitas dessas mulheres optaram por emigrar, objetivando encontrar melhores condições de vida ou mais liberdade.

As distintas formas de sexualidade eram alvo de poder e fiscalização no século XIX. Porém, ao mesmo tempo em que exerciam controle sobre elas, observou-se que poderiam dar lucros, como é o caso da prostituição e da pornografia. Dessa forma, o prazer e o poder se entrelaçavam, em mecanismos complexos de incitação e excitação, ora podados, ora liberados (FOUCAULT, 1988).

O novo mundo da prostituição, assumido pelas sociedades Norte-Americanas, muito se assemelhava com os antigos Bordéis de Luxo, a clientela era mais requintada e as mulheres que lá trabalhavam poderiam conseguir salários e outros bens generosos. A prostituição de menores, virgens, também se fez presente nesse ambiente luxuoso. Roberts descreve a mobília requintada, os espelhos enormes, a parte elegante da prostituição do novo mundo (ROBERTS, 1998).

Seguindo a história da prostituição ao longo dos séculos, Roberts (1998), relata que no século XIX, a figura feminina era essencial dentro dos lares burgueses, a fidelidade e amor ao seu marido faziam com que o seu patriarcado perpetuasse, bem como ela encontrava-se como pilar diante das adversidades econômicas sofridas. Para que a mulher pudesse representar com precisão essa figura, ela

deveria ser contida, abdicando da sua liberdade sexual, as mulheres sofriam uma espécie de, como a autora expõe, castração psíquica, negando totalmente a existência da sexualidade feminina; mais uma vez, transferindo esse prazer, exclusivamente ao homem. Os meios de comunicação da época fomentavam essa espécie de lavagem cerebral, fazendo com que as mulheres ficassem indiferentes e estranhas aos seus corpos, negando quaisquer sensações, prazerosas ou não, que deles pudessem emergir (ROBERTS, 1988).

Foucault (1988) expõe que nessa época nascia uma rede de observações sobre o sexo. Analisavam-se as condutas sexuais dos indivíduos, suas determinais e os efeitos causados, ao viés biológico e econômico. Surgem nessa época campanhas sistemáticas de exortações morais e religiosas, onde tenta fazer da conduta sexual dos casais, uma ação econômica e deliberada. O estado buscava saber o que ocorre no sexo dos cidadãos, o que fazem com ele, e ainda, que o controlem.

Como já posto anteriormente, essa banalização da sexualidade ocorria comumente com as mulheres, os homens permaneciam com seus desejos e prazeres aflorados, cada vez mais sedentos de satisfação. Para tanto, necessitaria de outro grupo de mulheres, que satisfizessem esses desejos e, ao mesmo tempo, preservassem a figura imaculada da esposa. Esse papel foi destinado às prostitutas (ROBERTS, 1988).

Por contraporem a figura regatada da esposa imaculada, as prostitutas eram vistas como algo impuro, sujo, pecaminoso, que feriam, sem escrúpulos, a moral da sociedade. Por outro lado, elas eram as protetoras das famílias e da esposa, para que não precisassem se sujeitar à sexualidade despudorada e satisfação carnal de seus maridos. A dualidade, que persegue até hoje o universo da prostituição, já se fazia notória nessa época. “O comércio do sexo e a família tornaram-se os dois pilares da moralidade Vitoriana – mundo separados ligados, como sempre, pelo grande padrão duplo masculino” (ROBERTS, 1988, p. 226). A prostituta era ao mesmo tempo o sujo e o protetor, o pecado e a salvação.

Roberts (1998), afirma que o que deu ênfase para essa divisão das mulheres, em esposas boas e prostitutas pecaminosas, foi outra relevante divisão do século XIX, a de classes. No período de subida ao poder, a classe média desenvolveu um verdadeiro repugno à classe da qual ela dependia, a dos trabalhadores. Hipnotizada pelos preceitos burgueses, a classe média via nos trabalhadores o caos, a miséria e

a criminalidade. Os homens pertencentes a essa classe eram vistos como criminosos e as mulheres como prostitutas. Novamente, equiparando a pobreza e a prostituição ao mundo perverso do crime, porém, do qual a sociedade burguesa dependia para manter o seu patrimônio e família intactos.

A preocupação com o entendimento do universo da prostituição se fez bastante presente nos escritos dessa época, diversos autores tentavam explicá-la, especialmente no que cerne os motivos que levaram as mulheres a se dedicarem a tal atividade, bem como, quem merecia receber a culpabilização pelo seu ingresso. A primeira constatação que se teve foi, segundo Parent Duchâtelet, que a entrada da mulher na prostituição estava ligada aos fatores econômicos, aos salários baixos recebidos, à situação de extrema pobreza que as impulsionavam a seguir essa profissão. Parent, ainda descreveu outro motivo, como se a prostituição estivesse no sangue da mulher, intrinsicamente ligado a ela, era sua veia para a luxúria e para a liberdade. Essa colocação marcava a entrada da mulher na prostituição de forma assumida. Outro ponto que era destacado como pivô de entrada da mulher na prostituição era a revolta contra as condições de trabalho que a elas eram empregadas. Jornadas muito pesadas, salários baixos e condições péssimas, nem mesmo no trabalho doméstico eram valorizadas. A prostituição se mostrava como uma opção para se contrapor a essas condições desvalorizadas, além de conseguir maior rentabilidade. Estudaram-se ainda, nessa época, as prostitutas em si. Sendo elas, vistas como o avesso da moral burguesa.

A justiça penal dessa época preocupava-se e ocupava-se com a sexualidade, sobretudo com a sexualidade classificada como perversa e antinatural. Na metade do século XIX, abriu a jurisdição para pequenas violações, como trajés curtos, transparentes, perversões sem importância. O controle social se mostrou presente nesse século com as suas distintas formas (FOUCAULT, 1988).

As prostitutas, em sua cultura desafiadora contra os estereótipos impostos a uma mulher, valiam-se das vestimentas para fazerem tais protestos, se assim podemos chamar. As roupas que deixavam aparentes suas qualidades corpóreas eram uma afronta às damas recatadas da sociedade, com a sua sobriedade. Provocavam, ainda, de forma negativa, os críticos da classe média. A cafetinagem profissional também se fez evidente e ganhou seus primeiros indícios no século XIX.

Finalizando a passagem histórica da prostituição em várias civilizações, adentramos o século XX. A história do comércio do sexo nesse século, em grande

parte, é um reviver dos fatos que ocorreram no século passado, apesar de novos temas terem se desenvolvido em virtude da Segunda Guerra Mundial. Após muitas perseguições, discursos contra, regulamentações, proibições, a sociedade honesta estava dando indícios de esgotamento sobre o assunto (ROBERTS, 1998).

A autora coloca que, apesar de o puritanismo ainda se fazer impregnado dentro da consciência de muitos, o grau de luta por ele, que anteriormente era empregado, não podia ser alimentado, pois outros temas emergiam, como a Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, Ascensão do Fascismo, entre outros. Dessa forma o comércio do sexo, diante desses, acabou ficando em segundo plano. Durante a estalida década de 1920, a vivência sexual tornou-se muito comum na classe rica, porém os jovens a ela pertencentes deveriam se casar com alguém adequado após essas experiências sexuais. A dualidade entre mulher de prazer e a mulher esposa, más e boas, se fez mais uma vez presente nesse século, ressaltado da dualidade que existiu no passado.

Durante o período que compreendeu as duas Guerras Mundiais houve mudanças no setor trabalhista para as mulheres. Com a chegada das máquinas no setor agrícola, o que substituiu a mão de obra, muitas deixaram a área rural e procuraram trabalho nas cidades. Nessa época a indústria têxtil foi substituída pelas linhas de montagem; com a expansão destas, surgiram muitos empregos para as mulheres, porém, em lojas e com cargos menos valorizados. Apesar de algumas condições não muito animadoras de trabalho, esse marco foi importante para as mulheres, pois conseguiram deixar o trabalho doméstico e remar para outros cantos. No entanto, o avanço não atingiu a todas elas e, a grande maioria, ainda experienciava salários baixíssimos e péssimas condições de vida; mais uma vez a prostituição se colocou como alternativa para elas, como complemento de renda e garantia da sobrevivência (ROBERTS, 1998).

No decorrer da Primeira Guerra Mundial, o poder dos militares assegurou aos autoritários de todos os lugares o aval para estabelecer suas soluções para a adversidade da prostituição. Em países como a França e a Alemanha, os antigos bordéis regulamentados surgiram em um estalar de dedos, objetivando a satisfação das carências das tropas. Nos EUA, a militarização possibilitou que as autoridades confirmassem a contrariedade referente à prostituição, as famosas zonas de meretrício foram fechadas (ROBERTS, 1998).

Em 1918, a coibição foi geral e a prostituição veio a se tornar uma atividade



ilegal, em quase todos os Estados da União. Com a repressão, a prostituição acabou adentrando o submundo da criminalidade, ficando à mercê de gangues que, de forma ilegal, mantinham esses serviços. As prostitutas nunca haviam experimentado tamanha falta de domínio em sua profissão, em todo o território dos EUA, elas corriam sérios riscos de serem agredidas fisicamente ou, até mesmo, em casos mais graves, mortas, caso não dessem a maior parte de seus lucros para os homens das gangues. Com essa represália total, as prostitutas acabavam tendo que exercer as suas atividades fora dos limites das cidades e em locais pouco convenientes, como os táxis e as cabines de lanchonetes, por exemplo. Foi nessa época ainda, na Califórnia, que surgiram as primeiras agências especializadas em serviços sexuais. É necessário explanar, que a prostituição só sobreviveu nesse período de constante repressão graças ao auxílio de políticos e polícias que também tiravam vantagens desse lucrativo negócio; juntamente com as gangues, eles extorquiam uma parte do ganho dessas mulheres (ROBERTS, 1998).

A década de 1920 foi marcada por uma revolução sexual na Rússia, onde associada a questões de economia de mercado, a prostituição outra vez pôde ser visualizada. Nessa época, novamente, a prostituição passou a despertar olhares negativos, algumas jovens foram detidas à força e postas em instituições de reabilitação, onde realizavam trabalhos pesados, para que tivessem uma espécie de libertação moral. Roberts (1998) compara isso com a substituição da versão cristã de redenção das prostitutas. Antes eram redimidas pelos ensinamentos cristãos, nessa época, em forma de trabalho.

Na União Soviética, em 1920, quando foi criado o Mega Estado Totalitário, a agenda sexual, transformou-se em liberalismo para a figura familiar. Como a prostituição foi assimilada totalmente pelo capitalismo, Stalin, líder da época, determinou que essa atividade jamais poderia existir no Socialismo, sendo a prostituição abolida da noite para o dia. Porém, essa atividade continuava a se fazer presente de forma clandestina, os homens a procuravam e as mulheres pobres ofereciam tais préstimos; existiram ainda, bordéis particulares frequentados por membros importantes da União Soviética (ROBERTS, 1998). A prostituição passou a ser um serviço para os grandes poderosos, que de forma escondida, traíam o que pregavam, e acabavam se deleitando nos benefícios, utopicamente colocado por eles próprios, do capitalismo.

O partido Nazista, sob o comando de Hitler, reintroduziu os Bordéis

regulamentados. A política sexual Nazista era totalmente patriarcal, centralizada na maternidade e no estigma da prostituta. As prostitutas, que prestavam seus serviços de forma irregular, eram marcadas com uma estrela preta e enviadas aos campos de concentração, trabalhavam pesado na construção de Aushwitz<sup>10</sup> e poucas sobreviveram. Tanto o nazismo quanto o Totalitarismo, causaram grandes tragédias no grupo das profissionais do sexo e também de outras minorias estigmatizadas (ROBERTS, 1998), pois de formas distintas, essas sofriam represálias ao exercer de sua profissão.

No período do Pós Guerra, o consumismo se disseminou, oferecendo a oportunidade de empregos para as mulheres, no entanto, esses continuavam a ser mal remunerados, não especializados e com uma jornada bastante pesada, comparado aos que eram oferecidos aos homens. Essa disseminação de empregos, especialmente na década de 1960, fez com que as mulheres abandonassem um pouco a atividade da prostituição, porém, essa continuava a ser a alternativa mais promissora para que elas conseguissem salários iguais ou superiores aos pagos para os homens em seus postos (ROBERTS, 1998). Para que as mulheres conseguissem se sustentar de forma mais digna necessitavam fazer uma jornada dupla, trabalhando em empregos convencionais e dedicando-se ao trabalho da prostituição, pois, apesar de todo o avanço, eram ainda desvalorizadas.

Roberts (1998) afirma que, com o surgimento da Pílula anticoncepcional, o comércio do sexo expandiu, uma vez que a liberdade sexual traçada por esses fármacos era algo jamais visto.. Os comerciantes e publicitários viram nisto a chance de obterem ganhos astronômicos. Com a publicidade voltada para a exposição da liberdade sexual, a divisão existente entre as trabalhadoras do sexo e as donzelas foi desgastada. A prostituta passou a ser visualizada, tornando-se alvo de debates e críticas. Porém, apesar de todo esse relaxamento a favor da moral e da liberdade sexual, as autoridades continuavam a fazer afronta sobre esses temas, travando uma verdadeira luta contra a indústria do sexo.

Lins (2007) expõe que, com a liberdade conquistada na década de 1960, acreditava-se que a prostituição estava dando sinais de esgotamento. Os homens não mais necessitariam e teriam interesse em manter relações sexuais com uma estranha, pois poderia assim fazer com uma namorada ou esposa, agora, mulheres

---

<sup>10</sup> Famoso campo de concentração Nazista, podendo dizer, o maior de todos.

que valorizavam o prazer sexual. Na ausência de um relacionamento estável, ele poderia recorrer a uma amiga, ou alguém que conhecesse em uma festa para satisfazer seus desejos, sem a necessidade de pagamento. No entanto, contrapondo o esperado, a prostituição cresceu e aumentou seu requinte. A imagem da prostituta sofrida, desgrenhada e triste, deu espaço para a garota de programa ou profissional do sexo, jovem, bonita, bem vestida (LINS, 2007). No entanto, é necessário explicar, que o preconceito, a discriminação e sofrimento, ainda assola a categoria das trabalhadoras do sexo nesse século, mesmo que de forma sutil e abrindo espaço para um viés mais feliz da prostituição.

Atualmente as profissionais do sexo, ainda convivem com muitas marcas trazidas de sua história passada, a exemplo do estigma e preconceito que essa população vivencia e da dinâmica do trabalho que muito se assemelha ao modo com que o labor era antes exercido. Porém, novas formas de prática prostitucional vêm surgindo, acompanhando a modernização do mundo. “No tempo presente, globalizado e com poderosas ferramentas de divulgação midiáticas que correm o mundo instantaneamente, a prostituição não está num lugar único, pois há grande mobilidade de pessoas que vendem sexo por dinheiro” (PEDRO, 2010, p.21). Como é o caso da prostituição via internet, jornais, agências que comercializam serviços sexuais e a prostituição em flats em horário diurno.

A prostituição via internet tem sido algo bastante visto atualmente; com a expansão da era digital, as profissionais do sexo alcançaram novos mercados e formas de realizar o seu trabalho. A internet, hoje, é um dos principais meios de comunicação utilizados, as pessoas fazem usos variados desse artifício para trabalho, estudos, lazeres e prazeres, nessa última categoria está a prostituição.

Ceccarelli (2008) expõe que nos endereços eletrônicos encontrados na internet ligados à prostituição, quase todos os fetiches sexuais podem ser executados mediante pagamento, esse que depende de uma espécie de serviço comercializado. A atividade prostitucional virtual se dá basicamente através do sexo vendido com o auxílio de imagens fotográficas, filmes até mesmo em tempo real, através de um webcam. Os shows realizados via webcam são relativamente simples, a mulher segue os comandos dos clientes e começa a se auto acariciar, introduzir objetos na região íntima, o autor destaca, que elas não são obrigadas a fazer nada que não queiram, mesmo no mundo virtual (ALMEIDA, 2004).

Nos sites, as profissionais do sexo têm a oportunidade de fazer propaganda

de seus serviços, o que facilitou muito o trabalho dessas mulheres que atuam como autônomas, negociam o seu programa e ficam com todo o lucro advindo desse, visto que o investimento para esses serviços é praticamente insignificante. Além do mais, o cliente tem maior facilidade na hora de encontrar essas mulheres, sem necessitar de um mediador, rufiões ou anúncios de jornais. A divulgação e negociação ocorrem por meio de sites convencionais dedicados ao serviço, chats e fóruns virtuais, onde as profissionais têm a oportunidade de serem avaliadas pelos clientes, aumentando (ou não) o marketing. (ALMEIDA, 2004; HUECK, 2011).

Outro fato bastante divulgado atualmente que tem forte correlação com a era digital são os blogs que narram as experiências vivenciadas por profissionais do sexo, as quais escolheram, em meio a outras oportunidades, trilhar o caminho da prostituição. Essas profissionais são alvos da mídia, aparecendo constantemente em canais televisivos e produzindo livros, a exemplo das ex-profissionais do sexo Raquel Pacheco, ou popularmente conhecida como Bruna Surfistinha, autora do livro “O doce veneno do escorpião”. Raquel foi uma das pioneiras na divulgação do labor da prostituição em sites, onde ela contava suas experiências e fazia propaganda de seus serviços, os preços dos programas eram de alto valor, atendendo variados clientes em seu flat. A profissional fez fama, e hoje, é uma das mais conhecidas nesse ramo (HUECK, 2011).

A prática prostitucional em agências especializadas é outra forma de prostituição que vem ganhando campo. Esses locais oferecem uma espécie de dossiê contendo fotos e informações das profissionais do sexo; os clientes, então, escolhem o perfil que mais lhes agrada. Esse mercado encontra-se em desenvolvimento, nele, atuam mulheres de distintas classes sociais, algumas com formação universitária e bilíngues. Essas mulheres comumente recebem o nome de acompanhantes, não se identificando como profissionais do sexo, pois além dos serviços sexuais, elas também acompanham seus clientes em recepções e eventos. Essas mulheres ainda recebem a denominação de Scott Girls e, geralmente, pertencem à mesma esfera social do cliente. Distintamente das profissionais do sexo convencionais que escondem a sua real identidade, as acompanhantes devem deixar explícito quem são e o que estão fazendo para serem percebidas como tal (CECCARELLI, 2008).

A prostituição divulgada em classificados de jornais também é encontrada hoje. Neles, os serviços sexuais são anunciados indicando o nome, contato e a

propaganda da profissional sexo. Barragan (2010), relata que esses anúncios costumam ressaltar características físicas das garotas, a feminilidade, o erotismo, dando a entender que se tratam de meninas requintadas, ou como a autora expõe, de alto padrão. Além disso, esses anúncios trazem uma rica descrição das práticas pelas profissionais realizadas. Jornais famosos em todo o Brasil como O Globo, O Dia e Extra, diariamente trazem centenas de anúncios desses serviços (ALMEIDA, 2004). O mesmo autor relata que esse tipo de prostituição, apesar de comum, sofreu uma queda, pois muitas profissionais optam por anunciar os seus serviços em sites, o que para elas é menos custoso e mais conveniente.

Quando se fala em prostituição, comumente liga-se esse labor à noite, mulheres da noite, trabalho na noite, entre outros. No entanto, uma prática que vem ganhando o mercado sexual é a prostituição diurna, essa que é realizada em apartamentos, quitinetes ou flats. Pedro (2010) expõe que essa forma de prostituição vem sendo comercializada devido à busca das profissionais do sexo por conforto no trabalho, ainda, porque os clientes diurnos demandam menos tempo, pois têm mais pressa de encerrar o programa. Ainda, segunda a autora, outro fato que justifica essa escolha é a segurança, visto que o trabalho nas ruas expõe as trabalhadoras a diversas formas de violência. Os locais que oferecem esses serviços podem receber o nome de casas de massagem e são praticadas por mulheres de várias camadas sociais, com níveis altos de escolaridade e muito requintadas, esses atributos sendo considerados o chamariz desse negócio.

Atualmente, o perfil das mulheres que exercem a prostituição, como já visto, também vem se modificando. Associa-se comumente a esse labor mulheres de classes baixas, com pouco ou nenhum estudo, que o praticam por não terem outra opção; apesar de verdadeiro esse fato não é geral, visto que muitas mulheres das classes média e alta, com formação universitária, optam por exercer a prostituição, caracterizando esse labor como outro qualquer, além do mais, por seus atributos essas mulheres são melhor vistas no mercado (ROBERTS, 1998).

A prática prostitucional vem com o passar dos anos aumentando seu campo de trabalho e adequando-se às necessidades apresentadas por sua clientela. Os quatro exemplos anteriormente citados marcam essa modernização da atividade. Em minha pesquisa, não tive contato direto com essas três formas de prostituição, pois a realizei em casas noturnas, porém, de modo mais discreto uma delas segue essa evolução, pois tinha um blog e um site que faziam propaganda do

estabelecimento, além de oferecer o contato. Contudo, cabe destacar que a prostituição tradicional de ruas e casas noturnas, as mais convencionais, ainda continuam a ganhar mercado e fazer clientela. A casa noturna representa uma potente opção de lazer para quem procura o mercado do prazer, pois além dos préstimos de cunho sexual, ela ainda possibilita outras formas de distração como músicas, bebidas e danças, fazendo a preferência de muitos clientes. Pode-se dizer, com base na bibliografia consultada, que apesar de toda a evolução da prostituição, essas formas convencionais ainda hoje são mais vistas e procuradas.

A minha pesquisa foi realizada no Município de Guarapuava Paraná, nesse local a prostituição também ganhou contornos diferentes ao longo dos anos, assumindo distintos posicionamentos. Abaixo exponho a história da prostituição em Guarapuava, fazendo algumas correlações com a prostituição atual, a qual tive contato para a realização desse estudo.

## 2.2 A PROSTITUIÇÃO EM GUARAPUAVA: O PASSADO E O PRESENTE

O município de Guarapuava, cenário de minha pesquisa, é um local guiado por parâmetros conservadores, pautados na moral familiar e cristã. Apesar de todo o conservadorismo da cidade, a prostituição se mostrou e se mostra presente na história desse local. Assim como em outras sociedades, a prostituição em Guarapuava sofreu mudanças ao longo dos anos, contrapondo-se em alguns pontos à atividade prostitucional que, hoje, é vista nesse espaço. Abaixo, apresento um breve panorama histórico da prostituição em Guarapuava e as transformações sofridas por esse labor.

A cidade de Guarapuava, nasceu com a assinatura do formol e a instalação da freguesia de Nossa Senhora do Belém, em nove de dezembro de 1819 (Guarapuava, 2014). A prostituição nesse local, inicialmente, foi praticada por escravas, tendo surgido para saciar as carências de variados segmentos da sociedade, visto que a mulher branca daquela época deveria preservar-se das luxúrias, sendo espelho de mãe e mulher. Existem evidências de que as primeiras casas de prostituição em Guarapuava surgiram no ano de 1908, nas proximidades da atual Lagoa das Lágrimas e da Catedral de Nossa Senhora do Belém, pontos que hoje se localizam no centro da cidade (SALDANHA, 2013). Com o passar dos anos, o labor prostitucional ganhou expansão no município, especialmente, com o

crescimento econômico e a urbanização do local.

Como citado anteriormente, as primeiras casas de prostituição, ou como se chamavam na época, “Casas de Tolerância”, ficavam na área central do município. Porém, esse fato não se perpetuou. A prostituição sempre teve seu estigma negativo, apesar de presente cotidianamente nas cidades, logo ela não poderia ser posta em evidência, visando higienizar e arrumar a cidade, as casas de tolerância foram retiradas da região central da cidade e organizadas em um bairro, chamado Vila Pequena, onde se situa a área de meretrício do local (SALDANHA, 2013). Distintamente da configuração atual da prostituição em Guarapuava, onde se podem notar focos desse fenômeno em diversos bairros e em uma rua bastante movimentada, a prostituição nas décadas de 1940 a 1960, fora condensada em um espaço e local específicos, já mencionados no texto.

Com base nas referências de Moraes (1995), Gaspar (1985) e Saldanha (2013), é possível notar que era comum a existência dessas zonas de meretrício no Brasil, principalmente até meados da década de 1980. Essas zonas caracterizavam-se por bairros voltados para a atividade da prostituição, sendo compostos por casas de tolerância, bordéis, boates, bares cabarés, todos esses objetivando a oferta e o comércio sexual nas mais distintas formas.

Em Guarapuava, entre as décadas de 1940 e 1960, a zona de meretrício era então a Vila Pequena, onde o comércio do sexo se fazia muito presente, visto que não havia muitas opções de lazer, a prostituição era a maior fonte de distração nesse período. Fazendeiros e outros homens da região vinham a esses locais em busca de prazeres e diversão. Esse espaço chegou a ser ocupado por 57 casas de prostituição (SALDANHA, 2013).

Os estabelecimentos de prostituição encontrados nessa época, em Guarapuava, eram basicamente de duas formas, os cabarés e dos bordéis. Os cabarés eram locais requintados, chefiados por uma gerente que tomava conta de tudo com muita excelência. As mulheres que lá trabalhavam eram bem vestidas, educadas e sabiam portar-se de forma mais discreta, sendo criteriosamente selecionadas pela dona da casa. Era comum esses locais contemplarem a sua clientela com shows de ballet, musicais e bailes temáticos. O público, seguindo a lógica do local, era composto por homens ricos, que estavam dispostos a gastar muito dinheiro com essas profissionais, oferecendo-lhes, segundo Saldanha (2013) traz em sua obra, joias, casas e luxo. Segundo a autora, existia apenas um cabaré

em toda a zona de meretrício da vila pequena. Os bordéis da época faziam a vez da baixa prostituição, as mulheres que lá laboravam eram consideradas vulgares, sem educação, a clientela não tinha tanto dinheiro e não existiam os grandes eventos do cabaré. A própria dona da casa é que comandava o negócio. Ainda existiam alguns bares, onde, além de bebidas alcoólicas, ofereciam-se encontros para os clientes. Hoje em Guarapuava, não é possível encontrar a prostituição praticada nos cabarés, pautada no luxo e requinte; o que se observa, hoje, são as casas de baixa e média prostituição, além da prostituição de rua, praticada por mulheres e travestis.

Após alguns anos, a zona de meretrício da Vila Pequena, foi desenvolvendo-se com base no comércio do prazer e foi sendo povoada por famílias que adquiriram imóveis por terem preços menores. Como a prostituição era posta de forma oposta aos bons costumes e à moral familiar, logo a zona teve que ser desfeita e as profissionais do sexo, donas dos estabelecimentos e funcionárias tiveram que mudar-se e ocupar outro espaço. Porém, não foram as famílias que pediram a mudança dessas trabalhadoras, mas sim as autoridades policiais da época, que eram regidas por uma moral bastante restritiva e conservadora.

O local escolhido como a nova zona de meretrício foi o bairro Morro Alto, conhecido na atualidade, também, como o alto da XV, famosa rua da cidade (SALDANHA, 2013). No bairro Morro Alto, ainda hoje é possível observar casas de prostituição, no entanto, elas estão bastante evidentes e não se escondem em um local restrito, dividem o espaço com casas de família, comércios, escola, unidade de saúde. Em uma das casas localizadas nesse bairro, realizei a minha pesquisa, podendo comprovar a existência desses estabelecimentos.

As casas de prostituição eram tão visadas e vigiadas que as donas da casa, para o funcionamento dos locais, deveriam pagar uma taxa de licenciamento para a prefeitura, além de tributos sobre os produtos vendidos, a exemplo das cervejas e cigarros. Cada um desses produtos, adquirido para a comercialização, deveria ter autorização da prefeitura para a venda. O horário de funcionamento desses ambientes também era determinado pelas autoridades, das 22 às 4 h, porém, muitas casas burlavam tal regra (SALDANHA, 2013).

Esses fatos contrapõem a dinâmica da prostituição hoje, pois as casas não pagam diretamente tributos sobre os produtos vendidos, além de não necessitarem de permissão para compra e venda. O horário de funcionamento também é diferenciado, sendo estipulado de acordo com cada ambiente, geralmente, inicia-se



no período da tarde, não tendo horário para fechamento.

A prostituição em Guarapuava, desde seu início em 1908 até meados dos anos 80, seguiu o modelo regulamentador francês, onde as profissionais do sexo viviam sob vigia da polícia. Esse modelo visava institucionalizar a prática prostitucional tolerada e acabar com a clandestina. Os estabelecimentos de prostituição e as profissionais do sexo deviam registrar-se na polícia, eram acompanhadas pelas autoridades sanitárias. Essas mulheres tinham pouca liberdade de frequentar locais fora da zona de meretrício, para isso precisavam do aval das autoridades. Elas recebiam, ainda, uma carteira de identificação profissional, garantindo a aptidão ao exercício da prostituição, visto que as autoridades queriam acabar com a clandestinidade dentro dessa profissão. Por serem vistas como focos de doenças venéreas, as profissionais do sexo também deveriam ser examinadas, ou melhor, dizendo, inspecionadas regularmente, essa prática dava credibilidade ao estabelecimento (SALDANHA, 2013).

Nos anos 90, esse modelo regulador foi extirpado do Brasil, a carteira de registro foi extinta e as profissionais do sexo não necessitavam mais trabalhar exclusivamente na área reservada. Em Guarapuava-PR a realidade foi a mesma, com a queda desse modelo, as profissionais do sexo passaram a ocupar diversos bairros, desfazendo as antigas zonas de meretrício; foi também nesse época, que a prostituição de rua ficou mais evidente (SALDANHA, 2013).

Na contemporaneidade, Guarapuava, conta com variados serviços de prostituição, entre eles estão a prostituição de rua, bares e casas noturnas. A prostituição de rua, que é comumente exercida por travestis, fato que não foi encontrado no tempo remoto. A atividade prostitucional em bares, considerados baixo meretrício, pela clientela e condições do ambiente. E a prostituição em casas noturnas, a qual retrato nessa dissertação. Essa forma de prostituição, uma das mais, senão a mais convencional pode ser encontrada em diversos bairros, mescladas a casas de família, comércio, igrejas, escolas. Esses ambientes são facilmente identificados e conhecidos no local, pois em sua estrutura apresentam atributos que denotam, como muros altos, nomes chamativos, ou a famosa luz vermelha. Algumas profissionais do sexo são autônomas, oferecem e fazem propaganda de seus serviços em blogs, sites e redes sociais; nesses espaços elas denominam-se acompanhantes, geralmente essa classe de trabalhadoras do sexo atendem em hotéis e motéis. É comum encontrar nesses endereços eletrônicos,

homens oferecendo serviços sexuais, o que não é comum encontrar nos estabelecimentos de prostituição, visto que esse labor, na maior parte, ainda é feminino.

Para contextualizar a prostituição na contemporaneidade em Guarapuava, explano a seguir as individualidades históricas das profissionais por mim entrevistadas, mulheres que hoje tem seu jeito próprio de vivenciar o labor, porém, que em muitos pontos trazem traços das suas antecessoras.

### 2.3 INDIVIDUALIDADES HISTÓRICAS

Cada indivíduo carrega consigo uma trajetória histórica referente aos anos vividos, influenciada pelo local de onde o sujeito fala, ou seja, sua cultura, visão, comunidade e família. Toda a história é subjetiva, pois ela é formada por autores distintos, sendo esses os próprios viventes. O que pode acontecer é que em grupos de pessoas que têm algo em comum, como por exemplo, trabalho, alguns fatos dentro de suas histórias particulares podem ser também percebidos em outras pessoas desse mesmo grupo.

Anteriormente apresentamos a história da prostituição de uma maneira geral, ao longo dos séculos. Muito tempo se passou desde então, porém algumas coisas desse grupo de profissionais parecem, ainda hoje, compor as suas histórias individuais. Toda a história é relevante e passível de ser contada, carrega em si algo de novo, de seu, do seu eu. E esse eu, apesar de pertencer a um nós maior, deve ser valorizado e expressado de forma individual, ressaltando que dentro de um grupo maior, existe o particular, de forma a valorar aqueles a quem ouvimos.

As histórias individuais que apresentarei foram compostas por seis mulheres profissionais do sexo e se referem ao início de suas trajetórias dentro dessa profissão, bem como o que as motivou a seguir por esse caminho. Sabe-se que a visão da prostituição sofreu alterações ao longo das épocas, cada período caracterizava a profissional do sexo de uma forma, então, apresentarei a visão que cada uma das mulheres tem hoje do que é ser uma profissional do sexo.

Tratarei essas vivências de forma particular, apresentando uma a uma. É relevante expor que muitas passagens dentro dessas histórias irão repetir-se por toda a condição de vida anterior à prostituição, que se era semelhante, porém com às particularidades que são cabíveis a cada mulher. Ressalta-se que, no decorrer

dos capítulos, as histórias dessas mulheres serão postas de acordo com a temática atribuída. Para fins éticos, atribuirei pseudônimos a elas, para que assim tenham a sua identidade pessoal e profissional preservadas.

### 2.3.1 A história de Monalisa

As histórias das mulheres dentro da prostituição iniciam-se a partir do momento em que decidem ou são condicionadas por diversos fatores a ingressar nessa profissão. Infelizmente, ainda hoje, por mais avanços que tenham ocorrido, a prostituição ainda não é vista como uma profissão, apesar de se configurar como tal. Muitas mulheres ainda a veem como a última opção de trabalho, quando nenhuma outra ocupação for possível.

Monalisa, uma mulher de 22 anos, com dois filhos pequenos, religião evangélica, está na profissão há um ano. Assim como muitas mulheres, criava os seus filhos sozinha, ou seja, sem a ajuda de um companheiro, era uma mulher do interior. Sabemos que na maioria das cidades interioranas, devido à característica pacata e de pouco desenvolvimento, a questão trabalhista é bastante precária, especialmente quando a educação não é o forte do local. E, assim, aconteceu com essa mulher, devido à baixa oferta de empregos, sem especializações que a destacassem no mercado, rumou para uma cidade maior, objetivando a garantia da subsistência dos seus. De acordo com a história de Monalisa, sua irmã já havia trabalhado na prostituição, o que facilitou sua entrada nesse labor.

O fator trabalho, em conjunto com o fator filhos, talvez seja, senão o principal, um dos fatores que mais fazem com que as mulheres adentrem a esse trabalho. Pelas poucas exigências de qualificação intelectual, fácil ingresso e horários alternativos, muitas mulheres a observam como uma chance de obter lucros. Essa facilitação aumenta quando já se tem alguém que tenha contatos com o ramo, como é o caso de Monalisa, em que a sua irmã já havia se prostituído. Porém, esses aspectos simplistas, não configuram a prostituição como uma atividade fácil, na qual qualquer um pode ingressar, assim como ao longo da história; as mulheres devem possuir algumas habilidades.

Gaspar (1985) destaca alguns fatores que podem ser condicionantes à entrada das mulheres na atividade prostituinte, alguns se assemelham e muito, aos proferidos por Monalisa. Dentre esses está a situação econômica, caracterizada pelo

difícil ingresso no mercado de trabalho, ou quando ingressam a esse mercado de trabalho formal os rendimentos são baixos; ou ainda, quando as mulheres são as únicas responsáveis pelo sustento de sua família.

Na história dela, assim como na de muitas mulheres, o peso e a culpa por exercer uma profissão que, ao longo da história foi e atualmente é condenada por uma sociedade patriarcal e hipócrita, faz com que ela habite em dois cenários, sendo um deles fictício. Para os familiares, (ou melhor, dizendo), para protegê-los e se proteger do julgamento deles, ela contou que trabalha como babá. Esconder a atividade de profissional do sexo torna-se mais essencial e marcante quando se envolve religião. Em muitas religiões, especialmente a católica e a evangélica, o sexo antes do matrimônio é condenado, sendo ele visto como meio exclusivamente de procriação, fora disso, é pecaminoso, especialmente quando se dá com múltiplos parceiros, como é o caso da prostituição. As pessoas educadas sob esses preceitos acabam tomando consciência desses, e os levam para as suas vidas, como é o caso da família de Monalisa.

O depoimento abaixo foi retirado da história por ela narrada, referente à sua profissão e ingresso a ela. Nesse relato é possível observar o peso da religião e do conservadorismo em sua vida, a ponto de anular-se ou anular a sua verdade, em prol do sustento de sua família.

Minha família, na verdade, não sabe que estou aqui, meus irmãos não sabem, somente a minha irmã, para eles falo que estou trabalhando de babá. Não dá para contar senão vira uma confusão. Eu sou de uma família bem conservadora, somos evangélicos, e se eu contar uma coisa dessas, minha mãe vai me matar, então preferi não contar nada, estou trabalhando aqui de boa. Antes de vir trabalhar aqui, minha vida era normal, dia a dia em casa, era tudo tranquilo, eu era de casa mesmo (MONALISA).

A duplicidade de identidade profissional, ou a vivência fictícia dessas, é muito comum na prostituição; as mulheres que nela adentram preferem manter em sigilo a sua história e a sua real condição, por medo de ferir suas famílias ou ainda de serem rejeitadas socialmente. A anormalidade expressa pela visão social da prostituição é mostrada na fala dela, quando relata que tinha uma vida normal antes da profissão.

Silva (2004) expõe que as mulheres que trabalham na prostituição, devido à visão que é constantemente reproduzida sobre sua profissão, como algo deteriorado e sem valor, fazem de tudo para acobertarem a sua identidade de profissional do sexo. Coloca ainda, que elas fazem isso para que a sua profissão não prejudique ou denigre os outros papéis por elas desempenhados, como o de mãe, esposa e filha.

Monalisa, apesar do pouco tempo de vivência na prostituição, um ano apenas, já sente esse peso, mas mostra-se resistente, tentando viver uma vida convencional quando está longe de seu trabalho, omitindo sempre a sua profissão, buscando a socialização em momentos de lazer e familiares.

*Trabalho de segunda a Sábado. No domingo eu vou para casa, e fico com a minha família e namorado. Também saio com a minha amiga para fazer um lanche. (MONALISA).*

Nesse trecho da História Narrada por Monalisa, mostra que a divisão dos dias da semana, é a mesma divisão de sua história, de segunda a sábado ela é a profissional do sexo que atua em uma casa noturna de médio meretrício e, no domingo, ela é a babá, que veio para a cidade grande em busca de melhores condições de vida, e está retornando a sua casa para viver a vida tradicional em família. Assim como nos bordéis clandestinos da antiguidade, muitas dessas profissionais também trabalham às escondidas; o curioso é que se escondem daquela que as mantém, a sociedade.

Quanto a sua visão do que é ser profissional do sexo atualmente, Monalisa expressa. *Uma profissional da noite, para mim, é uma mulher que se dedica ao que está fazendo, está ali, dando tudo dela (MONALISA).*

Na descrição que ela deu, nota-se certo tom de sofrimento, de grande esforço, ou até mesmo de insatisfação. O tudo dela é o corpo e isso fica explícito neste trecho, mostrando o quanto é dificultosa a profissão, a qual deveria ser como qualquer outra. Porém, por toda a questão cultural e social, acaba sendo condenada e isso é transmitido às profissionais que a exercem.

### 2.3.2 A História de Camélia

Como já foi anteriormente citado, as histórias das mulheres dentro da prostituição em muitos pontos são semelhantes, desde os tempos antigos. A de Camélia assemelha-se, em alguns aspectos, com a de Monalisa e de outras mulheres que aqui descreverei. Camélia tem 18 anos, não têm filhos e está na prostituição há cerca de 10 meses. Assim como Monalisa, adentrou a prostituição devido ao fator desemprego. Desde muito cedo ela cresceu sob a tutela de uma Tia, não conheceu os pais, tendo pouco contato com os irmãos. A sua mãe a abandonou quando ainda era criança, suas tentativas de buscar por ela foram em vão.

Em virtude da condição precária em que vivia e de pouca orientação, ela abandonou muito cedo os estudos, não tendo chance, segundo ela narra, de conseguir emprego. Como já tinha contatos dentro da casa noturna, assim, que alcançou a sua maioridade, adentrou a prostituição, pois o ingresso a essa profissão antes dos dezoito anos, apesar de muito comum, é considerado um crime de exploração sexual. Felizmente as casas noturnas com as quais pude ter contato, a maioria é uma das exigências que as donas dos estabelecimentos fazem. Camélia experienciava um grau tão marcante de carência de informação que não tinha nem mesmo a documentação completa. Ela justificou o fato por residir em uma precária área rural.

*Eu cheguei aqui porque estava procurando emprego, foi quando fiz 18 anos, eu já conhecia a dona da casa, então vim trabalhar aqui. Como não tenho experiência para trabalhar em nenhum tipo de trabalho, porque estudei até a oitava série, desisti dos estudos (CAMÉLIA).*

A vivência dessa profissional retrata a de muitas no que diz respeito às condições de vida, infelizmente, a maioria das profissionais do sexo ainda são advindas de condições precárias nos segmentos econômicos e intelectuais, tendo em seu próprio corpo a sua única ferramenta de trabalho. Poderia dizer que o adentro a prostituição, não pode ser explicado através de uma única causa. No caso de Camélia, a condição é bastante relevante, mas ela optou também por essa profissão e disso não faz questão nenhuma de esconder, o que é bastante interessante para ela e sua categoria de trabalhadoras.

A história de Camélia é bastante aberta, não tendo o sentimento de culpa ou vergonha em exercer a prostituição, seus familiares sabem da sua atividade laboral e não a condenam por isso, tendo ela uma relação cordial com eles.

*Com a minha tia tenho uma boa relação, ainda tenho seis irmãos de sangue, mas não tenho muito contato. Faz uma semana que não vou para casa, minha família não fala nada sobre eu estar aqui, me tratam normal. O meu namorado sabe que estou aqui, eu o conheci aqui, na casa (CAMÉLIA).*

Algo bastante comum na história das profissionais do sexo, de uma maneira geral, é o relacionamento afetivo iniciado dentro da prostituição. Ainda hoje, o casamento é visto como algo protetivo à moral feminina, o relacionamento com os clientes poderia ser uma chance de sair da condição de profissional e passar a de mulher respeitável na sociedade; infelizmente as duas ainda são vistas como

opostas.

Camélia analisa a profissional do sexo como sendo uma mulher que trabalha na noite e está sempre no local, pronta para realizar os serviços. A transparência no que se refere a sua profissão foi algo bastante explícito durante toda a narração de sua história, lembrando as prostitutas livres na Itália durante o período da renascença, quando não faziam questão de esconder seu trabalho.

*A minha vida desde que vim para cá, não mudou nada, continuo fazendo as mesmas coisas, eu gostava de sair, me divertir e hoje eu faço isso, posso do mesmo jeito (CAMÉLIA).*

Independente de todo o estigma sobre sua profissão, Camélia leva uma vida social convencional como a de qualquer mulher, não alterando os seus hábitos em favor da profissão que realiza; o que deveria ser comum a todas as profissionais do sexo que se prendem ou anulam pelo preconceito. Mas, mais que isso, deveria ser internalizado na consciência social de que, assim como outros labores em que a vida social e a pessoal não se modificam ou são impedidas em prol da ocupação, com a prostituição não deveria ser diferente. Precisamos de mais cortesãs renascentistas Italianas, que exponham o seu trabalho, fazendo arder os olhos estereotipados da sociedade.

### 2.3.3 A História de Capitu

A história de Capitu e os motivos que a fizeram adentrar a prostituição são distintos de todos os que pude ouvir durante as entrevistas. O que pode se assemelhar com outras, talvez seja a condição precária de vivência e a falta de orientação quando jovem. Ela narra que os seus pais se separaram cedo, quando ela tinha 13 anos, a partir daí, a sua mãe começou a sair sempre para baladas, trazer bastantes bebidas e homens para casa. Ela, então, resolveu experimentar esse universo. Começou a sair com vários homens, fazer uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas. Conta ainda que, quando criança, sofreu abuso sexual de dois primos mais velhos e que isso a acompanha até hoje no cotidiano de sua profissão, quando ela escuta algumas palavras semelhantes às por eles proferidas no dia do abuso.

*Quando era criança, fui violentada com nove anos, eu ainda tenho alguns traumas, de falarem deixa eu gozar na tua boca, eu acho que é uma coisa tão nojenta, eu me lembro da época que estava brincando de casinha e me*

*vi em uma situação totalmente diferente, que para mim no começo era uma brincadeira. Foi um primo, e eles estavam em dois, um me segurou e meu primo teve o ato comigo (CAPITU).*

Casou-se aos 15 anos e vivia uma vida convencional, ou como ela diz, era uma respeitável dona de casa. Pouco tempo depois de casada, descobriu que o seu marido a estava traindo e veio, a saber, que era com uma profissional do sexo. A partir desse momento começa a ligação de Capitu com a prostituição. Para fazer afronta ao marido e estando com o orgulho ferido, ela o fez como fuga para a revolta provocada pela traição e passou a dedicar-se à prostituição.

*Então ele gosta de puta, eu quero ir ser também (CAPITU).*

Cecarelli (2008) apresenta que as tentativas de desvendar os fatores que levam a mulher a se prostituir são bastante insatisfatórias, sendo elas variadas. O autor apresenta alguns possíveis fatores tais como: rixas com homens, perturbações infantis não resolvidas, abandono causado pelo companheiro, obstáculos na criação dos filhos, entre outros. Um desses fatores foi o motivador para que Capitu adentrasse a prostituição, o abandono e traição do marido e os conflitos com esse. O fator mantedor, ela afirma ser o dinheiro.

Como no início da profissão ela ainda não tinha atingido a maioridade, teve que ficar clandestina da polícia. Desde essa época, já se passaram nove anos, ela relata que já trabalhou em distintos lugares e abandonou por diversas vezes a profissão em razão de casamentos. Mas como gosta do seu trabalho, sempre acaba retornando à prostituição; relata que o seu labor é divertido, tem festas, bebidas, homens. E isso a faz se sentir confortável com a sua profissão.

*Mas é como andar de bicicleta, uma vez que você aprende, nunca mais esquece, é muito bom, eu gosto ao menos, me sinto bem (CAPITU).*

Devido a essa proximidade com a sua profissão e satisfação em exercê-la, diferente da maioria das profissionais, ela não se sente coibida em dizer que é profissional do sexo e não se abala com o preconceito existente, apesar de reconhecê-lo.

*Eu gosto de ser assim, não me importo com o que os outros pensam, se virarem a cara para mim, daí eu viro mais ainda, não quer me olhar, o problema é seu (CAPITU).*

No que se refere à visão que tem sobre ser uma profissional do sexo, utiliza



duas nomenclaturas atribuídas à mulher que exerce a prostituição, caracterizando-as de formas distintas.

*Vejo a profissional como aquele negócio que ninguém sabe, mais escondido, geralmente por telefone, que você vai e contrata por um horário tal, faz o que tem para fazer, pega o dinheiro e vai embora, eu acho que essa é a profissional é assim. Nós somos algo mais liberal, prostituta foi um nome estranho que deram na bíblia, não sei o porquê de prostituta. A garota de programa fica esperando alguém chegar para vir pagar, eu acho que essa é a diferença da profissional. A profissional ela vai e consegue, está sempre de carro, bonita, cabelão, unha bem feita, a garota de programa é igual a gente, fica esperando em um lugar o cliente chegar, não é para construir alguma coisa, mas sim para sobreviver (CAPITU).*

A diferença por ela elencada diz respeito a uma hierarquia que sempre existiu dentro da prostituição, as trabalhadoras do sexo de luxo e aquelas que ganham salários inferiores, trabalham em locais precários, sendo pertencentes às camadas mais inferiores da sociedade, no que se refere à economia. A profissional do sexo, seria, na visão dela, a primeira categoria dentro da prostituição, aquela que esbanja dinheiro, está sempre com roupas de grife e consegue construir patrimônios com o seu trabalho, atendendo os clientes em locais privados, assim como faziam as cortesãs da antiguidade. Já a garota de programa é aquela que trabalha em condições mais inferiores, o dinheiro que ela tem, utiliza para a sua sobrevivência, sem muita pretensão de crescimento dentro da profissão, como as prostitutas de rua e clandestinas da antiguidade. Com essas caracterizações, é notório que, mesmo com o decorrer dos anos, a hierarquia dentro da prostituição se faz bastante presente e as mulheres que nela trabalham reproduzem essas divisões.

#### 2.3.4 A História de Sabrina

Sabrina, mãe de três filhos, está há oito anos na prostituição. A sua história, assim como Monalisa e tantas outras mulheres, iniciou-se pelo fator dinheiro e filhos. Ainda muito jovem casou-se, saindo da casa de sua mãe, tornou-se mãe e não estudou. Quando se separou, viu-se sozinha sem o companheiro e com os filhos para sustentar. Foi aí que ela entrou na prostituição. O fator que a mantém nesse trabalho é o dinheiro, é o proporcionar, como ela relata, o que não teve a seus filhos, no que cerne aos bens materiais.

*Semana passada mesmo, dois dias antes de iniciar as aulas, eu não tinha dinheiro para comprar os materiais escolares dela, e naquele dia eu tinha que comprar, eu não tinha nem um centavo, estava desesperada, iriam*

*começar as aulas, pensei: Meu Deus, estou fodida, me ajude. Então chegou a noite daquele mesmo dia, e eu trabalhei muito, consegui o dinheiro e comprei tudo o que ela precisava (SABRINA).*

Moras (1995) relata que algumas profissionais do sexo, confrontando o estereótipo que opõe a maternidade à prostituição, apresentam cuidados e preocupações excessivas com seus filhos, sendo até mesmo super-protetoras. Diante das obrigações que elas mesmas impõem sobre o ser mãe, podem muitas vezes realizar um trabalho árduo, objetivando conseguir maiores ganhos, para proporcionar melhores condições aos seus filhos, como é o caso de Sabrina.

A condição de profissional do sexo para ela é um pouco desconfortável, ela narra, que somente a mãe e uma irmã sabem da sua profissão, o restante dos familiares e filhos não têm conhecimento. Esse fato deve-se novamente ao preconceito internalizado dentro da sociedade para com aqueles que optam por viver a vida com lucros advindos de atividades sexuais. Em uma parte da narrativa de Sabrina, esse fato fica bem evidente.

*Tem algumas pessoas que aceitam bem minha profissão, outros já dizem: olha a puta, a biscate chegando! A sociedade é foda, sempre vai ter um, dois, três para falarem mal, já tem outros que dizem, não, tudo bem, é a vida dela, não está fazendo mal a ninguém (SABRINA).*

Ela relata não se importar com as opiniões negativas a respeito de sua profissão e dela, especialmente se ocorrerem dentro do estabelecimento, porém, que fora dos contornos da casa noturna, ela é a Sabrina mulher e merece respeito. A separação da profissional do sexo e da mulher é como já citei diversas vezes, muito evidente, a ponto de as próprias profissionais separarem a sua vida profissional e pessoal, de forma tão aguda, que criam outros nomes e situações para não revelar sua real condição.

*Lá fora eu sou eu, me dou o respeito para que eu possa ser respeitada não como garota de programa. Sempre evito falar que trabalho como profissional do sexo, principalmente nos lugares que não me conhecem, assim, as pessoas tem mais respeito, se eles souberem que é mulher da zona, acham que podem fazer tudo, se não sabem tratam melhor, tem assuntos diferentes (SABRINA).*

Elas, produto dessa sociedade, caracterizam a sua profissão como não digna de respeito, como Sabrina mesma afirma, aqui ela é prostituta e, lá fora, ela mesma.

*Claro que eu poderia ter estudado, arrumado um emprego descente, não que aqui não seja (SABRINA).*

Por mais que ela tente maquiagem essa visão negativa da própria profissão, esta aparece bastante transparente em sua narrativa. Esse fato, devendo-se ao que é pregado pela sociedade, que por envolver o sexo, aspectos ligados ao sexo, à prostituição não se torna uma profissão convencional aos olhos sociais, não sendo, dessa forma, decente. Porém, Sabrina tenta se esforçar para ver sua profissão como trabalho, o que não nega a sua insatisfação; boa parte dessas, devendo à maneira como ela é visualizada socialmente. No que cerne à visão dessa profissão, ela acredita que a profissional do sexo é uma mulher que oferece seu corpo por dinheiro, sem mais.

### 2.3.5 A História de Hilda

A História de Hilda com a prostituição é a mais longa e duradoura de todas as mulheres com quem tive contato, pois faz 24 anos que ela exerce tal função. Assim como outras mulheres, Hilda entrou na prostituição por causa da questão financeira e do sustento de seus cinco filhos. Antes da prostituição, ela trabalhava como empregada doméstica, porém, o que ganhava não era suficiente para que mantivesse um padrão de vida bom para seus filhos.

Ainda na menoridade, com dezessete anos, ela iniciou a sua carreira nas ruas, relata que vivia em um mundo bastante perigoso, rodeado por drogas lícitas e ilícitas, além de todo o risco que a rua acarreta. Quando atingiu a maioridade, veio a trabalhar em casas de prostituição e até hoje permanece nesse ambiente. Atualmente, sua principal função é a de gerente do estabelecimento, no entanto, quando a situação financeira está mais crítica ela realiza programas, acompanhamentos de bebida, entre outros.

Durante os 24 anos de trabalho, ela já parou algumas vezes, mas por não ter condições de continuar sustentando os seus filhos longe da prostituição, ela acabou retornando para esse ofício. Abaixo, um relato dela para ilustrar esse fato.

*Nesses vinte e quatro anos de profissão eu já parei algumas vezes, mas como eu não tinha condições de sustentar meus filhos eu voltei para essa vida. O que me fez entrar foi só o dinheiro mesmo, porque ganha mais do que doméstica (HILDA).*

É bastante comum na prostituição as mulheres se desvincularem da atividade por algum tempo, seja porque arrumaram um outro trabalho, seja ainda, porque

casaram-se, o segundo ocorrendo com mais frequência. Ao passo que é bastante constante o retorno das mulheres para esse labor, ou por não se adaptarem à rotina de outro emprego, pelos baixos salários, ou ainda, porque o casamento não deu certo.

Gaspar (1985) p. 74, em sua pesquisa com as prostitutas da Vila Mimosa, veio a constatar esse fato: “algumas mulheres também deixam a zona durante o período de ligações afetivas estáveis, quando o homem dispõe de renda suficiente para manter o casal e pretende que a mulher abandone a prostituição”.

Hilda relata que, no decorrer dos anos de sua profissão, muitas coisas mudaram; uma delas é a forma melhorada com que a sociedade observa as profissionais do sexo.

*A profissão mudou ao longo dos anos na parte do respeito. Hoje em dia está bem melhor do que quando comecei antes eu saía na rua e as pessoas não me olhavam, hoje em dia, temos vizinhos que mora atrás do bar, desde o mais novo até o mais velho nos respeita. Hoje em dia quando saio na rua às pessoas me respeitam mais, quando eu comecei nem olhavam na minha cara, achava que era uma coisa do outro mundo o que você fazia, hoje já não, a maioria dos lugares que frequento as pessoas já me respeitam (HILDA).*

Contudo, ela diz que ainda existe o preconceito, mesmo que melhorado. E que esse vem tanto das mulheres quanto dos homens, através de xingamentos que para elas são considerados pejorativos como o popular “puta”, olhar com desprezo para o estabelecimento e para elas, entre outras formas. Além do preconceito, ela refere-se a outra mudança ao longo dos anos de profissão no que diz respeito ao objetivo de se prostituir e à entrada das drogas de forma bastante forte nesse meio.

*Hoje em dia você vê muita droga, a droga está avançada com pessoas que trabalham na noite, na minha época eram bem menos, hoje em dia as mulheres se prostituem por uma pedra de crack, por uma maconha, na minha época não, nós corríamos atrás para ter alguma coisa, você queria ter uma roupa melhor, um calçado melhor e se não corrêssemos atrás, não teríamos (HILDA).*

Hilda lida bem com o seu trabalho e é assim que ela o caracteriza como um trabalho, exigindo de todos, respeito para com ele. Não faz questão de esconder sua profissão, sua família e filhos sabem o que ela faz inclusive a visitam em seu estabelecimento. Ela diz se sentir querida e respeitada por eles. Esse apoio, de certa forma, a encoraja a seguir e a desviar dos impasses que a profissão pode acarretar

no que se refere à aceitação dela como tal.

### 2.3.6 A História de Lola

Novamente teremos uma história de prostituição sendo iniciada pelo fator filhos; desta vez a personagem é Lola. Com 14 anos ela engravidou de seu primeiro filho e foi posta para fora da casa de seus pais, sem dinheiro para manter a gravidez e comprar as coisas para o futuro bebê, ela acabou iniciando no labor da prostituição.

Primeiramente realizou programas através de contatos telefônicos, porém, quando o seu filho nasceu ela abandonou a profissão. Passado algum tempo, já em seu segundo casamento, ela retornou à profissão, pois veio a separar-se de seu esposo, necessitando oferecer o sustento aos seus filhos, que nessa época já eram dois.

*Eu comecei por necessidade mesmo, e como eu já disse, quando eu me separei que fui de vez para noite trabalhar, desta vez, trabalhar em boate (LOLA).*

E até hoje, apesar de ter retornado o relacionamento com o seu segundo marido, ela segue exercendo a prostituição. O que é bastante ímpar na história de Lola é que ela trabalha em duas profissões distintas. Durante o dia, ela é operária em uma fábrica de produtos alimentícios e, à noite, para complementar a sua renda e manter um bom padrão de vida, ela dedica-se à prostituição. Ela narra que pretende seguir essa jornada dupla até conseguir comprar uma casa e a filha ser maior, pois ela acredita que o fato de ela ser uma profissional do sexo influenciará a sua filha de forma negativa, ou como ela coloca, dar mal exemplo. Lola, corroborando com outras mulheres entrevistadas, tem uma visão negativa e desvirtuada da prostituição, que apesar de lhe fornecer lucros, não a caracteriza como um trabalho comum.

A separação da vida pessoal com a profissional, ou melhor, da Lola profissional do sexo com a Lola mãe é evidente em sua fala. Essa duplicidade parece seguir sempre as profissionais do sexo, em virtude de terem que maquiar algo que não é bem visto, muitas vezes nem por elas próprias. Essa separação pode ir desde os nomes, como já citei, até vestimentas, palavreados e tudo mais, o que dificilmente ocorre de forma tão forte em outras profissões.

*Eu separo tudo, fora daqui eu sou uma pessoa normal, dentro daqui eu sou outra pessoa (LOLA).*

A normalidade à qual ela se refere, seria o padrão que é imposto socialmente aos comportamentos e profissões permitidas a uma mulher. No entanto, apesar dessa visão negativa de sua profissão, ela relata ser respeitada e aceita pelo marido e demais familiares; ainda relata que a sua sogra era uma profissional do sexo, o que, segundo ela, faz com que o marido a aceite melhor.

A prostituição teve a sua evolução, cada época foi vista e vivenciada de uma maneira particular, não esquecendo as particularidades de quem a experiência, sendo agraciada e denegrada, exposta e escondida, aceita e rejeitada, sagrada e pecadora. E, esses opostos, até hoje, acompanham a carreira profissional das atuantes.

Cada história aqui apresentada carrega consigo particularidades, individualidades e subjetividades que, apesar de se assemelharem em alguns pontos, foram vivenciadas de forma diferente por cada uma delas. Por pertencerem a épocas semelhantes da prostituição, a vida enquanto profissional do sexo de muitas é parecida, as experiências de trabalho, os motivos de adentrar, a forma de encarar a profissão, a visão que têm delas e de seu labor e o que percebem e sentem como resposta da sociedade para a sua profissão. No decorrer dos capítulos seguintes, as histórias serão melhor explanadas, especialmente no que se refere aos cotidianos laborais dessas mulheres.

### 3 O TRABALHO DA PROSTITUIÇÃO E AS RELAÇÕES COMUNITÁRIAS

*Já me chamaram de louca por trabalhar na boate, mas é uma coisa que aprendo, porque aqui não deixa de ser um trabalho normal (Profissional do Sexo Capitu, 18 anos).*

O trabalho é considerado um feito humano, dessa forma, laborar representa uma maneira de alcançar um espaço dentro de um grupo comunitário (OLIVEIRA, 2007). O dicionário da língua portuguesa Aurélio (2004), descreve trabalho como sendo uma “Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim”.

Silva, Costa e Nascimento compreendem o trabalho:

Como uma ação humana sobre a natureza, que muda sua morfologia e constrói a identidade do sujeito, realizado histórica e socialmente. Nesse sentido, o trabalho de natureza sexual deve ser entendido como uma prática laboral, caracterizada por significados sociais, históricos e culturais construídos sobre influências da época e do local em que é praticado (SILVA, COSTA, NASCIMENTO, 2010, p.2).

A prostituição feminina é um fenômeno social e de origem histórica constante em quase todas as civilizações. No cenário popular, a prostituição é posta como o mais antigo labor que o ser humano presenciou. Esse fato, não pode ser validado totalmente, o que se sabe são as evoluções e transformações que a profissão sofreu ao longo dos anos, seja no aspecto da conceituação, da legitimação ou da visão da social (FONAI; DELITTI, 2007; CUNHA, 2012).

A prostituição é uma prática antiga que nos faz viajar a tempos muito remotos, desde o período Neolítico até os dias de hoje, acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade e a adaptação da prostituição às ordens que se sucedem. Historicamente, esta prática mostra as contradições de uma sociedade hipócrita em relação aos valores da família e da moralidade. Atualmente, mesmo com toda a liberdade sexual conquistada pelas mulheres a partir da década de 60, o fenômeno da prostituição continua muito presente e carregado de estigmas e tabus (GUIMARÃES, BRUNS, 2008, p.1).

Apesar do vasto tempo de existência dessa profissão, somente no ano de 2002 a prostituição adulta passou a ser reconhecida no Brasil enquanto um trabalho e inserida na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)<sup>11</sup> (BARRETO, 2008).

---

<sup>11</sup> De acordo com o Ministério do trabalho e emprego “A Classificação Brasileira de Ocupações – CBO é um documento que retrata a realidade das profissões do mercado de trabalho brasileiro. Acompanhando o dinamismo das ocupações, a CBO tem por filosofia sua atualização constante de forma a expor, com a maior fidelidade possível, as diversas atividades profissionais existentes em

Segundo Rodrigues (2009), o debate sobre a sanção da nova versão da CBO, ocorreu nas primícias dos anos 2000, ante o comando do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), essa ação acabou por englobar distintos órgãos da sociedade que operavam em defesa dos direitos das profissionais do sexo, para argumentar a inserção da profissão na CBO. Nesses debates que surgiram no Brasil no decorrer do século XX foram pensados novos caminhos em relação à prostituição. Essas discussões contaram com a presença de técnicos da área, pessoas atuantes nas organizações de defesa ao direito das prostitutas, entre outros. Como produto de todas essas reflexões, abriu-se um leque de atividades que podem ser desempenhadas pelas profissionais do sexo, as quais são descritas a seguir.

De acordo com a CBO (2013), o labor da prostituição é caracterizado “pela busca por programas sexuais, atendimento e acompanhamento de clientes, participação em ações educativas no campo da sexualidade”, sendo que essas atividades são realizadas por conta própria em vários lugares e horários.

Rodrigues (2009) mostra que a incorporação desse labor na legislação do MTE, denota um claro progresso na forma como as políticas públicas do Brasil têm percebido o meretrício. Essa definição e a sua inserção no MTE vêm configurando e abrindo espaço para os entendimentos e reflexões da prostituição enquanto uma profissão, como produto disso, um passo para a melhoria e busca da aceitação social das mulheres que a exercem como trabalhadoras.

### 3.1 A PROBLEMÁTICA DO TRABALHO PROSTITUCIONAL

Apesar da inegável evolução que a prostituição alcançou nas últimas décadas no que concerne a reconhecimento e respeito, as mulheres profissionais do sexo que entrevistei seguem vivenciando o sofrimento e a marginalização de seu labor, além de toda a dificuldade intrínseca dessa atividade. Boaventura de Sousa Santos (2002) expõe que na modernidade existem numerosas expressões de dominação e opressão, o autor cita, como exemplo, o patriarcado, onde figura da mulher é inferiorizada em relação ao homem. As profissionais do sexo em seu trabalho convivem com essa realidade em seus cotidianos, pois sofrem opressão de gênero, opressão no trabalho (ou por exercer tal trabalho), opressão na rua e em variados



segmentos.

A mulher, mesmo quando opta diretamente pela prostituição, sofre o que Boaventura de Souza Santos (2002) chama de diáspora da liberdade, ou seja, as profissionais do sexo são violadas (direta ou indiretamente) de seu direito de seguir o trabalho que desejam, essa violação se realiza através da exclusão e da discriminação. Elas podem exercer a prostituição, porém, terão que conviver e aceitar as adversidades causadas por uma sociedade formada e conduzida no padrão da competição, da individualidade, da regulação.

As sociedades são as imagens que se tem de si vistas nos espelhos que constroem para reproduzir as identificações dominantes [...] Os espelhos da sociedade não são físicos, de vidro. São o conjunto de instituições, normatividades, ideologias que estabelecem correspondências e hierarquias entre campos vastos de práticas sociais. Ex: ciência, educação, religião. Refletem o que as sociedades são, por de traz deles não há nada (SANTOS, 2002, p.47-48).

São os espelhos da sociedade que regularizam a prática da prostituição, ou melhor, que refletem essa prática como algo promíscuo, não como uma atividade laboral, esses espelhos segregam de certa forma a prática, porém, por traz deles não há nada de regulador, porque são esses espelhos que além de refletir dão sustentação ao trabalho da prostituição.

Boaventura de Souza Santos (2002) apresenta um conceito importante para fomentar a discussão em torno da problemática da prostituição, o de conhecimento de emancipação. Esse que designa o trânsito entre o estado de ignorância denominado colonialismo, para um estado de saber denominada solidariedade.

O colonialismo, diz respeito à ignorância da reciprocidade, infalibilidade de ver o outro a não ser como um objeto. As profissionais do sexo são observadas pela ótica do colonialismo, pois não são vistas como trabalhadoras, como mulheres, mas sim como objetos de uso sexual. A essa categoria de trabalhadoras não são proferidos gestos de solidariedade, que se co-responsabilizem e ofereçam condições de melhoria ao seu labor. A esse grupo, em muitos casos, especialmente nos que estudei, não é despendido nenhum senso de responsabilidade, nem a responsabilidade vertical do estado para com essas mulheres, nem a responsabilidade horizontal entre os cidadãos (SANTOS, 1991). Aliás, a cidadania a essas muitas vezes é negada, elas são apagadas ou esquecidas, pois elas são o diverso, o diferente.

Vivemos cercados por inúmeras diversidades, porém, esse fato é de grande

relutância para a maioria dos indivíduos, onde o padrão de normalidade, de regulação, instituído pelas diversas estruturas sociais tem que ser seguido. Boaventura de Souza Santos (2002) discorre que os homens nascem livres, porém, estão presos por todos os lados, trazendo para a realidade da prostituição, o mesmo acontece com as profissionais do sexo, são livres para escolher trilhar tal labor, mas quando seguem esse caminho são acorrentadas ao preconceito e à discriminação, sendo impedidas de permear muitos caminhos, muitas esferas sociais, pois trilham um percurso que foge das normas sociais, um percurso que se contrapõe à normalidade e, por isso, não são vistas (em sua maioria) como cidadãs, são impedidas ou, na melhor das hipóteses, não são bem vistas quando circulam em meios sociais.

Na contemporaneidade, no mundo capitalista, individualista em que vivemos inúmeras forças pretendem acabar com a solidariedade das relações, pois muito nos ocupamos com o nosso mundo particular, com os nossos problemas, com as nossas visões, onde o outro é mero ocupante de espaço. O que mais claramente assinala a situação sociocultural deste fim de século é a aspiração do pilar da emancipação pelo da regulação, da ordem (SANTOS, 2002). Esse fato reflete no posicionamento que se tem do trabalho da profissional do sexo, em que se não pensa em criar melhores condições para que aquelas que escolheram dedicar-se a tal labor possam emancipar-se, reconhecendo essa categoria de trabalhadoras, ao contrário, de forma implícita ou explícita, a sociedade segue regulamentando essa prática, colocando regras de condutas, nas quais a profissão mais antiga do mundo não tem vez.

Visto que a sociedade segue buscando fazer com que as experiências dominantes de uma categoria, de um sexo, de uma etnia, tornem-se experiências universais (SANTOS, 2002). Ou seja, alguns indivíduos, classes, etnias, crédulos, vistos como superiores no meio social, se impõem cada vez mais, para que sejam reconhecidos, aceitos e aderidos por todos, vindo a ser considerados verdades absolutas, isso acaba por restringir a emancipação e reconhecimento dos outros segmentos, pois se tornam enfraquecidos frente a esses. A exemplo da profissional do sexo, a classe dominante impõe o trabalho adequado, ou melhor, dizendo, atividades que sejam reconhecidas como laborais, nas quais a prostituição, apesar de inclusa, como é o caso da classificação brasileira de ocupações, não é anuída pela maioria da sociedade, dificultando a vida daqueles que se dedicam a esse

labor, no que concerne às vivências sociais como um todo.

O que deveria se tornar senso comum na sociedade, povoar a mente dos indivíduos, contraponto a preconceito, estigmatização, seria o conhecimento emancipatório, trazido por Santos (2002). Visto que ele segue rasgando o princípio de solidariedade, de responsabilidade horizontal, colocando-se contra o preconceito conservador. Esse conhecimento deveria ser discutido quando se fala em prostituição. Já que a profissão tem acompanhado a história do mundo, mesmo com todas as normas, regras, condutas, ela segue existindo ora abertamente, ora na clandestinidade, mas está presente. O que preocupa é o sofrimento, exclusão que as mulheres ainda sentem, ao ponto de serem impedidas da liberdade que lhes é conferida, não liberdade de circular pela sociedade, mas liberdade de expressão, de serem quem são de exercem o labor que escolheram, de executarem a profissão à qual se sentem aptas, de serem respeitadas como trabalhadoras, afinal, é esse trabalho que lhes dá sustento, tendo uma importância inegável na vida dessas mulheres.

### 3.2 O TRABALHO DA PROSTITUIÇÃO: SUA IMPORTÂNCIA E A INCORPORAÇÃO NO HABITUS DAS PROFISSIONAIS

A sociedade observa o trabalho profissional como um dos atos mais nobres que o ser humano pode realizar. Esse fato influencia a perspectiva dos indivíduos, visto que o labor é uma atividade desejada pela maioria das pessoas, tendo uma relevância inegável para aqueles que o exercem, influenciando suas vivências, ações, percepções.

A prostituição, mesmo com todas as opiniões e posicionamentos contrários, caracteriza-se como um labor, o qual apresenta suas particularidades, assim como qualquer outra profissão. Dessa forma, tem grande relevância na vida das profissionais do sexo, haja vista que através dessa profissão que elas conseguem o seu sustento, além de ser algo observado pela sociedade como intrínseco delas, pois ao contrário de outras atividades, a mulher trabalhadora do sexo é visualizada comumente pela lógica de seu trabalho, soando mais alto do que o próprio ser humano que exerce a prostituição. Esse papel relevante e de destaque que a prostituição tem na vida dessas, vem sendo constantemente reproduzido pelas estruturas sociais, acabando por incorporar as suas vivências, fazendo, dessa forma,

parte do seus habitus.

Bourdieu (2002) entende e conceitua habitus como sendo:

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e possibilita o cumprimento de tarefas infinitamente diferenciadas, graças à transferência analógica de esquemas (BOURDIEU, 2002, p. 261).

Com base nessa definição, Habitus seria, então, a incorporação das estruturadas sociais pelo indivíduo, que influenciam na sua visão, na forma, de agir, de se portar, do seu sentido de mundo, a visão de mundo. Trazendo para a realidade por mim estudada, pode-se dizer que as profissionais do sexo, com base na influência do meio social em que vivem e viveram, incorporam essa estrutura que seria o labor prostitucional e esse influi na forma de agir, pensar, perceber, fazendo parte do habitus dessa mulher.

O habitus diz respeito a uma competência aprendida no ato e para o ato, que atua sob o nível de consciência (WACQUANT, 2007). Não é uma disposição natural, mas sim social, sendo modificável conforme o tempo, lugar, distribuições de poder (BOURDIEU, 2007 ). O trabalho como habitus das profissionais do sexo, seria uma experiência que elas adquirem quando realizam tal atividade e que influencia diretamente na ação, na percepção e apreciação do labor. Essa aptidão, não é algo que nasce com essas mulheres, mas que foi adquirido socialmente através das experiências vivenciadas nessa profissão, sendo influenciada pelo espaço, tempo, meio e por que não, pela distribuição de poder que existe na prostituição. Através da incorporação do trabalho como habitus dessa mulher, ela consegue desempenhar a sua função.

Wacquant (2007), ao analisar o conceito de habitus proposto por Bourdieu expõe que o habitus nunca é a cópia de uma única estrutura social, pois ele é um agrupado de variadas disposições que grava, armazena e estende sua influência nos variados espaços, gradativamente encontrados na vida de uma pessoa. Dessa forma, a atividade prostitucional, enquanto habitus da profissional do sexo influencia suas vivências, que vão desde a forma de se portar, de valorizar acontecimentos, de se comunicar, até na visão que tem da sociedade.

Como explano no início desse tópico, o trabalho representa uma grande aspiração do indivíduo, mostrando-se como um importante aspecto na vida desses,

com a prostituição não é diferente. Em minha pesquisa, de forma direta ou indireta, as profissionais do sexo deixaram transparecer em sua narrativa que, apesar de todo o preconceito, discriminação, carga horária, entre outros, a prostituição se mostra importante, somando coisas positivas a suas vidas.

*Hoje em dia, eu sei como lidar com o meu corpo, sei ganhar as pessoas (LOLA).*

No relato acima a prostituição se mostra como um fator importante na vida dessa profissional. Lola é uma das profissionais que ingressou ainda jovem na profissão, o labor trouxe conhecimentos a ela, experiências de vida, pois nesse trabalho são muitas as situações que as profissionais têm que enfrentar boas ou não, o que acaba ofertando uma bagagem de vida à mulher, influenciando o seu saber. A prostituição também propiciou a essa mulher o seu autoconhecimento, através de percepções sobre seu corpo, o sentir, o usar, o porta-se. Além disso, como ela apresenta “hoje eu sei ganhar as pessoas”, isso remete mais uma vez experiência de vida que a profissão trouxe a ela, visto que ela convive com diferentes segmentos de pessoas, isso se reflete em seu posicionamento, em suas relações sociais, dentro do trabalho e fora dele.

*Me sentir desejada é uma das grandes coisas do trabalho, autoestima (CAPITU).*

O labor prostitucional não se refere apenas a uma relação comercial, mas vai além, perpassando a socialização, o afeto e desejo. A autoestima é uma das coisas mais relevantes ao ser humano e interfere diretamente nas relações sociais desses. Para Capitu, o trabalho a oportuniza ter uma visão melhor de si, do seu corpo, de se sentir e perceber. Para ela, o sentir-se desejada pelos clientes lhe faz bem, faz sentir-se melhor e se observar de forma mais positiva. Já que a profissional do sexo é vista de forma inferiorizada e sem valor pela maioria das pessoas, homens ou mulheres. O desejo seria para ela uma autoafirmação, pois na sociedade machista e patriarcal que habitamos, a mulher necessita da aprovação do homem para se sentir bem, desejada. A profissional do sexo Capitu, enquanto produto dessa sociedade acaba constituindo esse fato em seu habitus. Dessa forma, trabalho ou as relações e experiências que ocorrem no trabalho são incorporados por essa mulher, influenciando diretamente em sua vida, bem estar e nos relacionamentos sociais.

*Eu dou as coisas para minha filha, eu ajudo na casa da minha mãe, não é aquela grande ajuda, mas ajudo, tenho minhas roupas para comprar, porque como que eu vou andar toda virada. Final de semana eu saio à noite, então se eu quiser ir a uma balada chique, que é caro, eu sei que vou ter dinheiro e roupa apropriada, aqui eu compro o que eu quero, se quiser sair eu saio (SABRINA).*

As profissionais do sexo, as quais entrevistei, eram advindas de famílias com condições econômicas precárias, isso como já relatado, influenciando o adentro e a permanência dessas na profissão, como será melhor explanado no tópico de vieses. A segregação social entre classes dominantes e dominadas é muito presente em nossa sociedade, alguns têm condições aquisitivas melhores, ao passo que outros têm apenas ou nem o necessário. O ter e proporcionar aos seus uma vida melhor, no que diz respeito à aquisição de bens materiais e status social é a aspiração de muitos indivíduos.

O trabalho se mostra como uma oportunidade de se conseguir dinheiro para sustentar tais desejos, explicitando a importância dessa atividade. Essa relevância do trabalho foi pronunciada pela profissional do sexo Sabrina, visto que permite a ela auxílio no sustento de seus filhos e entes, além de conseguir diminuir a distância material que separa as categorias sociais, através da compra de roupas, sapatos, e da circulação em espaços por ela considerados chiques e distantes da sua realidade. O labor prostitucional permitiu a ela essa ascensão, esse adentro, aumentando sua liberdade, no que se refere ao desejo de ir ao local que desejar e pagar por isso.

Pode-se dizer que a prostituição se mostra para as mulheres as quais entrevistei como um aspecto de grande importância. As profissionais do sexo com o tempo acabam incorporando as experiências que a prostituição lhes propicia e reproduzindo em seus cotidianos. A atividade prostitucional se mostra como uma matriz de percepção para elas influencia direta ou indiretamente a visão de mundo e a auto visão, bem como a sua forma de experienciar suas vivências, sejam elas dentro ou fora da profissão.

### 3.3 O LABOR DA PROSTITUIÇÃO E AS SUAS FACES

*O Meu trabalho funciona assim, fico sentada no balcão, vestindo uma roupa mais elegante, chamativa para atrair a atenção dos clientes, e eles chegam perguntam quanto que está, e eu conto que, todo o programa custa 100*

*reais, com duração de meia hora (MONALISA). Começamos a trabalhar lá pelas 15h00min, 15h30min, que é quando abre a casa, e sempre 03h30min da manhã ela fecha, é difícil passar desse horário, a hora que fechar nós vamos descansar, para poder trabalhar no outro dia. Aqui trabalhamos de segunda a sábado. Hora que a casa abre vamos para o salão com as meninas e ficamos por lá, chegam os clientes, vamos, cumprimentamos, conversamos (CAMÉLIA).*

O labor da prostituição constitui-se em uma relação de barganha de produtos variados, onde as mulheres profissionais do sexo <sup>12</sup>ofertam um bem considerado pessoal, o corpo, em troca de bonificações oferecidas pelos clientes, mais comumente expressas por meio do dinheiro (GASPAR, 1985).

Na fala das mulheres fica evidente a associação da prostituição enquanto uma prática de trabalho comercial e de negócios, em que a profissional do sexo é a comerciante, ou seja, aquela que negocia os preços, as vantagens, expõe os limites e os produtos que tem a oferecer; o cliente assume o papel de comprador, aquele que tenta negociar o preço, pede pelo produto, esse que não necessariamente vem a ser o corpo da mulher, mas sim a fantasia, o que ela vai representar. Outro ponto que caracteriza o discurso dessas mulheres é a prostituição enquanto uma prática laboral é a rotina de trabalho que seguem, assim como em qualquer outra atividade, elas dizem, a todo o momento, a palavra trabalho e, apesar de todo o estigma sobre elas, elas os veem assim, mesmo que às vezes, como já exposto, esse trabalho, na visão de algumas delas, é visto como algo não decente, o que não elimina o caráter trabalhista da prostituição.

Silva, Costa e Nascimento (2010), afirmam que a relação fundada entre a profissional do sexo e o cliente é de comércio. Caracterizada pela técnica de negociação, préstimos de cunho sexual, como prazer, fantasias, afagos, sexo e companhia. Sendo desempenhada diante transação com o cliente acerca dos serviços que serão despendidos e o valor cobrado.

Um grande equívoco seria associar o labor da prostituição exclusivamente ao sexo ou à venda do corpo como é posto na maioria das vezes, muitas são as funções e habilidades que a profissional desempenha, como, acompanhante, dançarina, conselheira, como dito, nem sempre os programas perpassam o ato sexual, às vezes elas se portam, exclusivamente, como damas de companhia,

---

<sup>12</sup> Trabalhadora sexual se considera a pessoa, homem ou mulher, maior de idade quem em uma forma mais ou menos permanente oferta sua expressão genital, e suas habilidades eróticas o de simulação afetiva a outras pessoas de igual ou diferente sexo, em troca de uma recompensa (MORO, 2000, p.16).

distraído e ouvindo as lamúrias e estórias de seus clientes.

*Tem alguns que vão para o quarto para não fazermos sexo, só para conversar, tem bastante cliente que vai para o motel beber, conversar, contar da vida, porque na boate é muito cheio, tem uns caras que não podem ficar expondo-se, né?, Então tem bastante cliente que paga e vai conversar (SABRINA)*

*O meu trabalho é uma coisa que acontece, não tem como explicar, chega um cara, você começa a conversar, passa um tempo ele pede uma bebida, te oferece uma bebida, ou você vai pedir uma bebida para ele, conversa vai, conversa vem, quando você ver ele já te pergunta quanto custa e vamos lá, não tenho como descrever totalmente (HILDA).*

As profissionais do sexo necessitam conquistar o cliente, desempenhar relações sexuais, atuar como distintos personagens, acordar quanto ao uso do preservativo, entre outras funções e papéis. Ressalta-se que nem todas as mulheres executam todas essas funções, algumas podem meramente acompanhar o cliente enquanto ele bebe e permanece no estabelecimento (BARRETO, 2008).

A prostituição e a sua caracterização como um trabalho comum, ainda encontra alguns vieses, as mulheres, apesar de caracterizá-la enquanto um trabalho em seus discursos, carregam nessa descrição o peso do estigma, quando elas afirmam que, apesar de tudo, é um trabalho comum, elas se referem à forma como é julgada a prostituição, a forma não convencional do seu desenrolar. No entanto, durante todo o seu discurso a caracterizam como um labor, um meio de ofertar serviços e receber lucros.

*Fiquei dois dias sem trabalhar e logo arrumei outro emprego na noite mesmo, porque querendo ou não é um trabalho, isso é um trabalho (SABRINA).*

*Já me chamaram de louca por trabalhar na boate, mas é uma coisa que aprendo, porque aqui não deixa de ser um trabalho normal (CAMÉLIA).*

De acordo com Moura (2007), ininterruptamente, a atividade de se prostituir teve sua visão pela sociedade intermediada por inúmeros pontos de vista, encontrando, assim, distintos julgamentos. Alguns indivíduos a veem como um trabalho comum, digno do ser humano, já outros, a observam como um ato violento ao corpo da mulher, condenando e desrespeitando as profissionais que ganham a vida através dessa prática.

O dualismo existente em torno da prostituição, no que diz respeito a ela ser ou não uma profissão, acompanhou e acompanha as opiniões na sociedade. De um lado está sua associação ao sujo, ao pecaminoso, ao indigno, no outro, o que se



ressalta é o seu reconhecimento enquanto trabalho digno, mesmo utilizando-se de artifícios que não sejam tão comuns, mas sim, uma profissão benemerente de respeito. Essa divergência de opiniões acerca da prostituição pode ser constatada nas falas de dois autores de épocas semelhantes.

Gomes (1994) analisa a prostituição como sendo um trabalho normal, como uma transação comercial entre duas ou mais pessoas. Isso ocorrendo por meio de uma negociação em que, ao mercador (profissional do sexo), cabe oferecer a bonificação sexual e, ao negociante, pagar o valor pelo serviço recebido. Já Barry (1991) considera o ato de se prostituir como algo violento, que infringe, sem modéstias, o decoro humano, o corpo da mulher, sendo até mesmo uma maneira de discriminação de gênero pela condição em que a mesma é colocada.

Gaspar (1985), assim como Gomes (1994), escolhe tratar a prostituição como se esta pertencesse a um continuado de condutas que focaliza a relação entre mulheres e homens, perpassando pelo comando sexual e o alcance de benefícios, meramente por meio do dinheiro ou de outras vantagens quaisquer. A fala da autora, mesmo que não diretamente, assume a prostituição como relação que gera algum tipo de lucro para quem oferece o serviço, aproximando essa da visão de trabalho. Por meio da prostituição, as mulheres descobrem um meio de obter benefícios materiais, visto que, para muitas, inexistente alternativa para possuí-los, a não ser se prostituindo (GOUVEIA et al., 2010). Em sua obra, Passini (2005) apresenta que as feministas tidas como contratualistas ou liberais, seguem a linha de pensamento da prostituição enquanto trabalho, “uma vez que as prostitutas estabelecem um contrato a partir de uma combinação, especificando um tipo de trabalho por um período de tempo e uma quantidade de dinheiro” (PASSINI, 2005, p. 3).

Moro (2000), em seu livro sobre a caracterização da prostituição na Cidade de Bogotá- Colômbia, afirma que a profissional do sexo tem com a sua profissão a mesma familiaridade que outra trabalhadora tem com a sua ocupação. E que, de uma maneira geral, as mulheres gostam e consideram bons os rendimentos para a sua sobrevivência econômica. O autor argumenta, também, que essa ideia da prostituição ser uma boa ocupação é contrária à opinião de algumas pessoas participantes de grupos que visam à reabilitação das profissionais do sexo, pois, segundo o autor, as mulheres não julgam precisar de auxílio algum para sair da prostituição e buscar outro trabalho por acharem que estão fazendo algo errado, pois a prostituição de adultos, praticada com emancipação e livre não é crime.

Dessa forma, a prostituição é um labor como qualquer outro, em que há uma relação de negócios com regras, horários, prazeres, ganhos e abdições, sendo esses fatores inerentes ao trabalho desempenhado por essas mulheres. Porém, o que muitas vezes fere a sociedade, de uma maneira geral, é que nessa negociação e atividade os serviços perpassam a sexualidade, algo que ainda nos dias atuais é posto como sagrado. Ou seja, a sexualidade, especialmente a feminina, é estereotipada na sociedade patriarcal<sup>13</sup> em que vivemos uma vez que esta é recatada e os atributos voluptuosos da profissional do sexo contrastam com esse padrão de normalidade imposto, o que faz com que sejam vistas apenas como seres sexuais, anulando, assim, a mulher que está por traz dessa profissão.

*Em Ivai tem alguns lugares que não nos atendem, sabendo que trabalhamos na boate, ninguém atende, se você chegar no mercado a caixa vira as costas, o segurança fica atrás, mas tem lugares que tratam normal (CAPITU).*

*Preconceito todo mundo tem, falam muito mal. Nunca aconteceu de falarem diretamente para mim, mas já percebi, através de olhares, comentários, percebi quando falavam da minha profissão, e quando cheguei todo o assunto mudou (LOLA).*

A profissional do sexo tem em si e em seu corpo sua ferramenta de trabalho, ofertando-o em troca de dinheiro da mesma forma que fazem outros trabalhadores com os mais variados préstimos das mais distintas áreas. Contudo, o que difere a profissional do sexo de uma trabalhadora qualquer é o estigma que a sociedade confere a essas mulheres (BRUNS; GOMES, 1996), pois o comportamento de liberdade sexual expresso pelas profissionais do sexo, a sua oportunidade de vivenciar a sexualidade, erotismo, à noite, não são atributos esperados para o estereótipo que a sociedade cria de comportamento feminino, o que faz com que essas mulheres carreguem um estigma, e sejam vistas, pelos normais, como Goffman (1988) coloca, como seres desprezíveis com características depreciativas, no caso, a sexualidade, o fazer sexo com variados parceiros.

Na transação comercial ocorrida na atividade da prostituição cria-se uma imagem despudorada da mulher profissional do sexo, na qual ela não pode

---

<sup>13</sup> De acordo com Scott (1989), o patriarcado corresponde a subordinação da mulher, e se explicam pelo “dever” do homem em exercer essa dominação. Bourdieu (2002), expõe que essa dominação torna-se naturalizada em algumas ações corriqueiras do cotidiano como, a divisão social do trabalho, a divisão dos cômodos do domicílio, na qual à mulher cabe a cozinha, ao homem o salão. Simone de Beauvoir (1970), coloca que no regime centrado no patriarcalismo, o homem é posto como o senhor da mulher. Seria então, a sociedade patriarcal aquela centrada no poder e dominação do homem sobre a mulher, sobre as ações, fatos e coisas.

desempenhar nenhum outro papel social, por exercer tal função, sendo, essa exclusão, fruto dos estigmas sociais e morais aceitos como corretos pela sociedade (RUSSO, 2007). As profissionais do sexo ao serem classificadas como uma comunidade que coabita no contexto do cenário da ociosidade, e com o universo da criminalidade, devido a esses pré-julgamentos, acabam apartadas, não somente do aspecto econômico, mas também ético da categoria de trabalhadoras ou daquelas classes produtoras (MORAES, 1995).

Cecarrelli (2008) expõe em sua obra que, na visão social, os dois espaços, prostituição/vida pessoal, são incompatíveis, aquela que cursa um, não pode vivenciar o outro. Ou seja, uma mulher que quer ser totalmente respeitada na sociedade, terá que arcar com os preconceitos diários, por ainda haver a separação de mulher para casar e da prostituta promíscua e libertária.

Ao se ligar ao mercado do sexo, ocorre certa "invisibilização" do ser feminino. [...]. A prostituição aparece como fortemente determinante de sua inserção social e de sua condição feminina. Socialmente, há todo um conjunto de ideias e imagens fixas que costuma se interpor como verdade com relação às mulheres que a vivenciam em seu cotidiano; modelos que estão no imaginário social e que costumam servir de base para classificação das mulheres que se prostituem (RUSSO, 2007, p.501).

Na citação do autor, ao colocar a profissional do sexo no mesmo patamar que uma mulher que não exerce tal labor, este poderia estar denegrindo a imagem da sociedade e da mulher sem as máculas do pecado, que a possível sexualidade despidorada da mulher prostituta traz. E que essa visão, muitas vezes, mitológica da prostituição, e reproduzida cotidianamente, acaba servindo como base para a segregação das mulheres que exercem a prostituição, anulando as mais variadas faces de suas vidas.

Na circunstância da prostituição, o preceito que forma a identidade da mulher é desrespeitado por meio da perda da castidade e pelo número variado de parceiros com os quais ela tem relações sexuais. Essa marca parece decretar toda a personalidade das profissionais do sexo (GASPAR, 1985).

“O comércio do sexo continua a ser estigmatizado, tanto na consciência comum como no direito que, literalmente, exclui que as mulheres possam escolher dedicar-se à prostituição como um trabalho” (BOURDIEU, 2002, p.18). Esse talvez seja o principal desafio a ser enfrentado cotidianamente pelas mulheres que exercem a prostituição, a não aceitação de sua profissão como tal, bem como os estigmas e preconceitos que lhes são impostos, impedindo ou dificultando-lhes o

acesso às demandas sociais como trabalhadoras comuns. Ressalta-se que esse impedimento não costuma ocorrer em outros trabalhos, pode, por exemplo, uma atriz, frequentar qualquer espaço social, sem ser apontada como impura ou promíscua. Quando o foco muda para a sexualidade, as fantasias eróticas e o prazer, o cenário muda de figura e a repreensão e negação pairam.

Outro ponto trazido pela visão popular para com a prostituição é a associação desta exclusivamente com orgia, lazer e promiscuidade, por vezes, intitulando a profissão como aquela de vida fácil.

*Meu horário é meio bagunçado, antes das seis e meia eu não consigo dormir, então eu fico cansada para trabalhar, porque ir dormir as seis e às dezesseis horas já tenho que tomar banho, me arrumar e trabalhar outra vez (SABRINA).*

*Eu trabalho das três horas da tarde até a madrugada, dependendo do lugar começo às oito da noite e paro as cinco, seis horas da manhã, nessa casa é mais sossegado, tranquilo, mas tem lugar que eu trabalho que é bastante puxado (CAPITU).*

*Eu começo a trabalhar às três horas da tarde e o horário de fechar não tem, enquanto te gente o estabelecimento está aberto, de segunda a sábado, no domingo é a folga, daí eu vou para casa (HILDA).*

“O mito de que a prostituta é “uma mulher de vida fácil” e de que esta atividade constitui-se numa forma de ganhar dinheiro sem fazer força, têm sido decantadas em prosa e verso nas mais variadas situações sociais e produções discursivas” (MORAES, 1995, p.104). Ao associar exclusivamente a prostituição ao lazer, ignora-se o esforço, que, como qualquer trabalhador, as profissionais do sexo também têm que despender, de rotinas pesadas de trabalho, horários, regimento, talento, performances bem feitas e nas mais variadas funções que podem exercer, dessa forma, é incabível anular todos esses requisitos e se pensar apenas no prazer, na sexualidade, pois toda profissão perpassa o prazer e a abdição.

Moraes (1995), em sua Obra “Mulheres da Vila” pesquisa que realizou na Vila Mimosa, local conhecido por ser um espaço onde a prostituição é bastante comum, pode constatar que o prazer sentido, algumas vezes, está associado à clientela; uma conversa agradável, acompanhada de uma bebida, um jogo, mas que isso é intrínseco da função que elas têm que desempenhar. Ainda, que de vida fácil o trabalho não tem nada e os seus cotidianos laborais são bastante desgastantes. A autora afirma, portanto, que a prostituição configura-se como trabalho e as casas noturnas como postos para o desempenho da atividade.

Russo (2007 p. 501) reforça essa ideia ao afirmar que “a prostituição remete a uma profissão, uma vez que exige qualificações específicas, remete a um mercado particular e se concretiza a partir do pagamento por um serviço prestado”.

Sendo assim, a prostituição representa um trabalho, uma barganhar ou um comércio, independente dos estereótipos e preconceitos que a ela são destinados; essa é uma atividade lucrativa para quem a exerce, que promove o sustento e ou bonificações para muitas mulheres e, ainda, que exige da mulher, assim como em outros trabalhos, todo um preparo, todo um saber, mesmo que empírico no modo de desempenhá-lo, objetivando ser boa e satisfatória no que realiza. Sendo assim, faz-se necessária a criação de leis e mecanismos que garantam, a essas trabalhadoras, reconhecimento, respeito e direitos.

### 3.4 O TRABALHO DA PROSTITUIÇÃO E OS SEUS VIESES

Não era feliz o tempo todo, mas isso ninguém é em nenhuma profissão.  
(GABRIELA LEITE).

A prostituição, assim como qualquer ocupação, apresenta distintos vieses perpassando os positivos e negativos. Esses podem ser constatados nos discursos das profissionais do sexo em que algumas dão maior ênfase ao lado negativo e outras ressaltam que, apesar de todo o estigma, conseguem ver a prostituição sob uma ótica mais positiva.

*A vantagem desse trabalho é que tu tem dinheiro, tu ganha, e nunca vai ficar sem dinheiro, além disso, nada é bom. (MONALISA).*

*O bom de trabalhar aqui, não tem. Não gosto de trabalhar, não gosto, eu gosto das minhas migas, de conversar com as meninas, digamos, que estamos todas conversando, bebendo é legal (SABRINA).*

Na fala das participantes fica em evidência a visão negativa sobre a prostituição, poderia dizer que não seria sobre a prostituição, mas como a atividade se dá. Ambas, mesmo que de forma acentuada, destacaram positivities na profissão, seja pelo lazer e diversão, como é o caso da primeira, seja pelo dinheiro, esse último podendo ser o fator mantedor e de destaque quando o assunto são os benefícios ou os pontos positivos de se exercer a prostituição.

*O lado bom de trabalhar aqui é porque ganho bem, a única coisa boa que eu levo é o dinheiro. Já ruim tem muitos, a bebida faz mal, somos conscientes disso, envelhecemos mais cedo, são muitas coisas ruim,*

*mínimas, mas são, pois mais tarde trarão problemas. Enquanto estou nova, tudo bem é só envelhecer que os problemas vão chegando, a única coisa boa mesmo, que levo daqui, é o dinheiro. Eu acostumei a viver bem, então eu sei que se eu não trabalhar, são muitos gastos da minha casa que terei que cortar, então prefiro vir trabalhar e não diminuir meus gastos, não cortar o que acostumei os meus filhos (LOLA).*

*Eu acho que o único ponto de eu trabalhar na prostituição é o fato de poder dar uma vida melhor para meus filhos, como eu falei, se eu estivesse trabalhando, como não tenho estudos, se eu estivesse trabalhando de doméstica, haveria muitas coisas que eu ia ter que privar os meus filhos, pois com o salário de doméstica eu não ia conseguir dar para eles, então eu acho que o único ponto bom é esse (HILDA).*

No discurso das profissionais, o prazer de ser profissional do sexo está atrelado totalmente ao dinheiro e à vida confortável que esse poderá oferecer para ela e seus familiares; a chance de ascensão ou de conquista de bens capitalistas para manter um posicionamento vantajoso, no que se refere aos bens materiais, faz com que, mesmo não gostando do trabalho, da atividade, ela tenha uma ligação positiva com a profissão em si, pois é através dela que seus rendimentos são possíveis; uma mescla de prazer e sofrimento luta e conquista. Barreto (2008) constatou que, em várias atividades laborais, a ocupação se coloca como condicionante de prazer e, ao mesmo tempo, de sofrimento, angústia e opressão.

Russo (2007) expõe em seu estudo que, de todos os aspectos positivos existentes na atividade prostituinte, o dinheiro se destaca; é pelo simbolismo nele presente que as mulheres adentram e permanecem na prostituição, um simbolismo ligado ao que a sua materialidade propicia, sendo percebido como o agente facilitador que torna possível as relações da vida e da subsistência. O autor cita, também, que o dinheiro pode apresentar distintas acepções para as pessoas, podendo estar ligado à conquista da independência, sobrevivência, ostentações, comodidade, dignidade, entre outros. Ressalta, em todos esses, o poder que esse componente monetário pode acarretar principalmente no que tange à autonomia de quem o detém para realizar ou adquirir algo por meio dele. Sendo que, segundo Russo, na prostituição o dinheiro é visto como uma espécie de compensação. Compensação essa, por vivenciar todas as atividades e situações não desejosas, sejam elas dentro do trabalho, ou na vida cotidiana.

*O bom de trabalhar aqui, em meu ponto de vista, é a experiência, uma coisa a mais que vou aprender. Outro ponto bom é que somos uma família, tem a questão do dinheiro também (CAMÉLIA).*

O fator dinheiro novamente se fez presente na fala de uma profissional do

sexo, mesmo que mencionado por último em sua lista, esse não deixou de soar como um fator benéfico proporcionado pela prostituição. Junto a ele, ela elencou dois pontos positivos, um que é a experiência, ou seja, a prostituição lhe possibilitou adquirir uma nova habilidade, ressaltando, o que já foi anteriormente colocado no capítulo que, para exercer tal trabalho, faz-se necessária certa preparação.

A questão de companheirismo e fraternidade, sentida na relação com as outras habitantes da casa, também foi proferida no discurso das profissionais, essa que poderia ser um conforto, um auxílio e uma referência dentro desse universo. Ainda mais no caso de Camélia, que veio de uma realidade familiar não tão próxima, essa vivência comunitária, fraternal com outras pessoas, propiciada pela dinâmica da prostituição é, para ela, um enlevo em sua vida.

*Aqui sempre tem aqueles fedorentos, chatos, mas o bom de tudo, é que sempre tem o cara legal para conversar, fazer festa, brincar, sempre tem uma amizade verdadeira, sempre tem uma picuinha, uma fofoca, acho que isso é o gostoso do trabalho. Eu gosto, porque gosto me sinto bem. Eu sou bagunceira nata, prefiro viver tudo hoje ao invés de esperar amanhã e acabar não vivendo. Eu vivo tudo. Acho que tudo é em torno do dinheiro, o que fazemos a vida mais ou menos boa, do que posso comprar adquirir. (CAPITU).*

Gaspar (1985) alega que o espaço da casa noturna, devido a toda a sua dinâmica, caracteriza-se como um ambiente de socialização e diversão. Sendo assim, a atividade prostituinte está intrinsecamente ligada ao lazer, à diversão, à dança, à música, à liberdade e, em muitos casos, é essa demanda que o cliente vem buscar, cabendo à profissional do sexo, adentrar todo esse universo. O que para as profissionais do sexo pode ser prazeroso, pois, apesar de estarem trabalhando e enfrentarem algumas adversidades em seu labor, é o fato de poderem aproveitar a ocasião e divertir-se com o que lhes é proporcionado, até mesmo encontrando o prazer nessas pequenas coisas. Barreto (2008), em sua pesquisa verificou que o prazer em exercer a prostituição está atrelado ao prazer sexual, conversas com os clientes e pelas experiências de vida que a atividade traz.

No trecho acima, retirado da narração de Capitu, ela demonstra que o viés positivo de seu trabalho atrela-se, à diversão, à distração e às conversas. A todo o momento em seu discurso ela volta para isso, demonstrando que consegue sentir contentamento em seu trabalho. E, assim como as outras, refere-se ao fator dinheiro como motivador e mantedor, ressaltando o simbolismo em torno do

dinheiro, que é o que ele pode propiciar, como bens materiais, status, dentre outros. Como em qualquer trabalho, pois trabalha-se, dedica-se, esperando o dinheiro o que soa mal aos ouvidos de grande parte dos indivíduos é que esse dinheiro advém de atividades ligadas a sexo.

O lado negativo da prostituição sobressaiu-se, no conjunto de discurso das entrevistas, em relação os benefícios por essa trazidos.

*O ruim é o preconceito que as pessoas têm, nem todas, mas sempre tem, eu acho que cada um é um. Sempre saio, vou a mercado, normal (CAMÉLIA).*

A discriminação aparece como um viés negativo da prostituição, arriscando-me a dizer que esse seria o início de todas as outras adversidades encontradas nessa profissão. Desde a falta de respeito, até as privações sofridas pelo exercício da prostituição, como saúde, socialização, educação; em todos esses campos o preconceito se faz bastante presente e prejudica, de forma nada singela, as profissionais do sexo.

Ao refletir sobre o que é ou não é o ser feminino, reflete-se sobre determinadas atitudes, comportamentos e performances adotadas. O ser feminino tem um estereótipo e é caracterizado por uma série de atributos ligados à forma de agir e se portar. No que cerne à mulher, em cada sociedade e tempo, existe algumas imposições que ela deve seguir para ser socialmente afirmada como pessoa de valor (RUSSO, 2007). A autora assegura que, conforme o meio sociocultural que a mulher habita, ela deve desempenhar determinados papéis e ações que a faz ser ou não reconhecida e respeita enquanto mulher, enquanto um ser social.

Munhoz (2009) explica que ao adentrarem o universo da prostituição, as profissionais do sexo identificam a exclusão social que viviam, experiências essa que é expressa sob a forma de preconceito e discriminação. Porém, elas são complacentes com isso devido aos benefícios que o dinheiro ganho com essa atividade podem lhes fornecer.

*É ruim também pegar um homem nojento, tão nojento que nem gosta do meu perfume, do meu cabelo, e vem com ignorância, geralmente são os mais riquinhos. Chegar um homem fedido, com cheiro de bunda, axila, mau hálito, é horrível, terrível mesmo (SABRINA).*

*E, de ruim é muitas vezes você ter que encarar uma pessoa a qual nunca viu na vida, e ficar com ela aqueles minutos que mais parecem uma eternidade (HILDA).*



O relacionamento sexual com desconhecidos é algo muito comum na prostituição, porém, esse fator é visto como incômodo para a maioria das profissionais do sexo, pois nem sempre o prazer é sentido nesse tipo de relação. A negatividade agrava-se quando o cliente não tem uma aparência que agrada a mulher, ou apresenta condições de higiene precárias, está alcoolizado, entre outros. Barreto (2008) encontrou no relato das profissionais do sexo que entrevistou, queixas a respeito de terem que manter relações sexuais com clientes que não gostam, ou estão sob o efeito de álcool e drogas. As profissionais acabam vendo isso como um fato bastante negativo, ocasionando repúdio e nojo a esses tipos de relação, mesmo que algumas delas tenham o poder de escolha, o fator lucro, às vezes, as condiciona a conviver com essas situações, assim como outras negativas citadas.

*De ruim é não poder sair na hora que quero, ter que esperar fechar, acho que é só de ruim, ficar olhando bebida e não poder beber, não tem muita coisa de ruim (CAPITU).*

*Tu tem que estar mentindo para a família, namorado, a todo o tempo, é complicado ficar longe da família e dos meus filhos (MONALISA).*

Outro fato elencado pelas profissionais do sexo como ponto negativo em sua profissão é a questão de uma rotina de trabalho que as aprisiona por muito tempo e, também, pode fazer com que fiquem mais tempo longe de sua família e amigos. O horário de funcionamento das casas noturnas visitadas era muito estafante e as mulheres ficavam a maior parte dos dias em função do trabalho, o que pode prejudicar a relações de socialização fora da casa. O fato de a casa noturna ser um ambiente proibido para menores de idade faz com que as mulheres mães não possam receber a visita de seus filhos; essa distância se torna mais pesada quando elas têm que trabalhar fora de suas cidades ou de forma escondida. Geralmente, esses ficam sob a tutela de um familiar próximo ou de uma babá.

Os vieses positivos e negativos da prostituição se manifestam com maior e menor intensidade, de acordo com a forma como a mulher experiencia essa profissão, ou seja, pela forma como a sociedade a visualiza e respeita as condições de trabalho, o seu poder dentro da prostituição, o lucro, a relação com as outras profissionais, é algo subjetivo de cada história. Todos esses fatores irão influir para que elas tenham mais ou menos prazer com a prostituição, veja-a com mais ou menos sofrimento.

### 3.5 AS VULNERABILIDADES LABORAIS

*A bebida faz mal, somos conscientes disso, envelhecemos mais cedo, são muitas coisas ruim, mínimas, mas são, pois mais tarde trarão problemas. Enquanto estou nova, tudo bem é só envelhecer que os problemas vão chegando (LOLA).*

A mulher profissional do sexo, em sua prática laboral, encontra-se exposta cotidianamente a uma série de vulnerabilidades; Ou seja, em sua atividade essas mulheres se deparam com injúrias que podem trazer considerados agravos a sua saúde e vida. Essas vulnerabilidades podem ser associadas a variados fatores os quais são intrínsecos a sua profissão e a forma como experienciam essa. Podendo relacionar-se a fatores cognitivos, ao quais se referem ao acesso dessa população à informações ou ainda a capacidade que têm de reconhecer os agravos existentes em seu trabalho. Podem estar ligadas a fatores comportamentais, os quais são associados ao desejo de buscar mecanismo para proteção, como é o caso do uso de preservativos. O último fator elencado que leva a vulnerabilidade é o social, o qual se refere à capacidade de buscar ações protetivas e o acesso aos recursos para tal (BORTOLOZZI, 2009).

A Classificação brasileira de Ocupações, em meio à apresentação das possíveis atividades desenvolvidas pelas profissionais do sexo, mostra algumas vulnerabilidades a que estas mulheres podem estar expostas em sua rotina de trabalho, tais como: o não uso de preservativos, doenças sexualmente transmissíveis, violência física, discriminação devido aos inúmeros estigmas impostos sobre tal trabalho, revezes financeiros, entre outros (BRASIL, 2014). Olivar (2010) retrata em seu trabalho, alguns aspectos presentes na atividade da prostituição que podem vir a fazer com que a profissional do sexo torne-se vulnerável, entre eles estão, uso rotineiro de álcool, drogas, doenças de cunho sexual, discriminação e violências.

Salmeron e Pessoa (2012) trazem que essas mulheres vivenciam um ambiente ladeado por injúrias, violência, humilhações, por todos esses fatores, incorporando-as ao conjunto de indivíduos vulneráveis. Dessa forma, faz-se necessária uma atenção especial a esse grupo, especialmente no que cerne à dignidade e às condições de trabalho, pois, como já foi dito, as vulnerabilidades são muitas, cotidianas e multifatoriais. A seguir exponho algumas formas de

vulnerabilidade experienciadas pelas profissionais de minha pesquisa.

### 3.5.1 Álcool: o combustível da profissão?

*Sabe, acho que já sou alcoólatra, não vivo sem, se não tiver alguém para pagar, eu pago para eu mesma, preciso sempre estar embalada no álcool para poder trabalhar, fora daqui também tenho que beber muito, eu bebo muito (CAPITU).*

Como foi anteriormente trazida, a profissional do sexo em sua rotina de trabalho convive ou é condicionada a conviver com diversos fatores que as expõem, a curto ou em longo prazo, a uma série de complicações ligadas a sua saúde como um todo. O consumo de bebidas alcoólicas e de cigarro é contínuo e comum dentro dos estabelecimentos de prostituição; esses hábitos são referidos por algumas profissionais como mecanismos de trabalho que, conseqüentemente, acometem a saúde. (BONADIMAN, MACHADO, LÓPEZ, 2012).

O consumo exacerbado e rotineiro de bebidas alcoólicas foi um aspecto bastante relatado pelas profissionais de minha pesquisa, podendo arriscar em dizer que em muitos casos esse se torna o principal combustível da profissão, o que traz rentabilidade além de as deixarem mais desinibidas na realização dos programas. O lucro advindo do consumo de bebidas refere-se à porcentagem que as profissionais do sexo recebem por consumi-las e induzir o cliente a fazer o mesmo. Dessa forma, pensando em potencializar os lucros, elas acabam utilizando sem medidas essas substâncias, mesmo que não sejam de seu agrado ou que prejudiquem a sua saúde. O álcool seria também uma ferramenta de trabalho à medida que deixa a profissional mais relaxada na presença dos clientes, assim, ela conseguiria realizar práticas e fazer programas, que sóbria, muitas vezes, não os faria. .

*Bebidas alcoólicas eu consumo bastante, bastante mesmo, tem dias que eu bebo tanto que chego a passar mal, eu tomo wiski com red Bull, e acelera o meu coração, então preciso tomar sempre um xarope (SABRINA).*

*Eu consumo bastante álcool, se eu falasse que não, eu estaria mentindo, então, bebo bastante, tanto trabalhando ou às vezes quando saio para me divertir, acho que é porque peguei um hábito, se eu sair e não beber não me divirto (HILDA).*

A ingestão de substâncias alcólicas, algumas vezes, é tão presente que, como no caso do relato acima, a profissional acaba se tornando dependente delas, fazendo grande consumo, até mesmo em outras relações sociais das quais faça

parte. Essa vulnerabilidade não tem cunho cognitivo, pois as profissionais reconhecem o risco, sendo uma forma de vulnerabilidade percebida, visto que elas têm consciência das complicações que poderão sofrer em decorrência do consumo assíduo de bebidas alcoólicas, mas, por inúmeros motivos, preferem encarar esse risco, uma vez que necessitam desse artifício para o bom desempenho de sua atividade.

*Procuro me controlar bastante na bebida, tem clientes que vem e pagam, a gente toma, é claro, na verdade temos que tomar, mas eu procuro manejar bastante, não dá para ficar tomando (MONALISA).*

Como foi possível observar em minha pesquisa, o consumo de álcool e, também, a indução do cliente ao consumo é mais uma das inúmeras regras que permeiam a rotina laboral dentro dos estabelecimentos prostituintes, pois, como a maioria delas relatou, a bebida é algo bastante rentável dentro da prostituição, tanto para as profissionais, devido à porcentagem que recebem, quanto para a casa, porque os valores cobrados por essas estão bastante acima do que se vê no comércio convencional, por exemplo. Isso faz com que boa parte do lucro de uma casa de prostituição venha da venda dessas bebidas, para tanto, as profissionais do sexo devem, juntamente com os clientes, fazer uso dele para que potencializem os ganhos e, no final, tenham a chance de ter uma bonificação maior.

Silva (2004), em sua dissertação de mestrado, a qual tinha como foco a prostituição feminina em Goiânia, encontrou dados semelhantes ao de minha pesquisa no que concerne ao consumo de álcool. Nas casas noturnas em que visitou, o autor constatou que uma das exigências feitas pelos donos do estabelecimento era que as mulheres deveriam consumir e, também, fazer com que o cliente consumisse o maior número possível de bebidas, pois o lucro da casa noturna depende muito desse fator. Ressaltando, a vulnerabilidade das profissionais do sexo, de uma forma geral, às adversidades oriundas do álcool, o qual prejudica, desde a saúde física e psicológica, até os próprios cuidados que elas possam ter durante os programas, no que cerne à prevenção, à defesa e ao discernimento, entre outros, por mais acostumadas que estejam.

### 3.5.2 Preservativo: uma ferramenta indispensável no labor da prostituição

*Eu me cuido bem, uso preservativo, temos que usar, né? (MONALISA).*

Ao longo da história, as profissionais do sexo sempre foram vistas como agentes transmissores de DST. Esse apontamento retrata a sociedade, regida por padrões patriarcais, onde à mulher destina-se a incumbência de cuidar de si e do outro, no caso das profissionais do sexo, que ferem os regimentos sociais de conduta, o mister da culpa pela transmissão de doenças, fica totalmente a cargo delas (BRASIL, 1996). Ou seja, a mulher é vista como um verdadeiro reservatório de doenças, como o inferior, ou como Bourdieu (2002), ilustra no esquema sinóptico das oposições pertinentes, o úmido, escuro, ressaltando a culpabilização da mulher até mesmo no que se refere a doenças e transmissão dessas, e anulando a participação do homem na disseminação, bem como nos cuidados para evitá-las.

A elaboração cultural existente sobre órgãos femininos- internos, não visíveis – em oposição aos masculinos, onde a “doença” decerto seria perceptível, transforma simbolicamente a mulher num receptáculo de doença e portanto numa fonte de transmissão. Essa afirmativa não ultrapassa porém os limites do preconceito, pois as garotas têm cuidados meticolosos com o corpo e conhecem as manifestações das doenças tanto nelas quanto nos seus clientes (GASPAR, 1985,p.103).

Com o surgimento da AIDS, as profissionais do sexo foram julgadas como grupo de risco para a transmissão da enfermidade; por terem o seu trabalho ligado ao ato sexual, sofriam esse estigma de verdadeiros reservatórios de doenças, sendo que qualquer um que não tivesse uma relação protegida, mesmo que essa fosse monogâmica, estaria exposto a tal enfermidade. Atualmente, esse quadro teve algumas modificações e sabe-se que qualquer indivíduo, caso não se proteja, é vulnerável a adquirir tal doença (MOURA 2007).

Como o ato sexual é um dos principais préstimos dessas profissionais, as DSTs e a AIDS se mostram como um grande e cotidiano risco ocupacional (BRASIL, 1996). As DSTs são caracterizadas como risco laboral para as profissionais do sexo, pelo fato de que essas necessitam fazer o uso do preservativo como um material de proteção individual (MORO, PINHEIRO, BARROSO, 2009). A vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis é um exemplo de vulnerabilidade percebida pelas profissionais de minha pesquisa, na medida em que elas veem no preservativo um artigo indispensável durante o ato sexual, independente da forma como esse é realizado. A partir do momento em que reconhecem esse risco, elas desenvolvem e buscam mecanismos individuais de proteção, algumas com maior outras com menor intensidade.

*Quando estou com o cliente, olho a camisinha. O cuidado com a camisinha é o principal (SABRINA).*

*Sempre me previno, costumo levar de dois a três preservativos para o quarto, porque quando vou fazer um programa, faço o sexo oral e sai o lubrificante do preservativo, então eu troco para fazer o vaginal, caso eu perceba que estou seca, porque a partir do segundo, terceiro programa não lubrifico mais, então troco novamente para não estourar, antes que o pior aconteça, tem que trocar (LOLA).*

Assim, o preservativo é para as profissionais do sexo o mesmo que os equipamentos de proteção individual, EPIS, são para um trabalhador de uma determinada área que faça uso desses materiais, a função é a mesma, proteger.

*Eles pedem para fazer sem camisinha, mas quando a esmola é demais o santo desconfia, geralmente eles oferecem, te dou mais vinte, trinta, não, muito obrigada, ou é com camisinha ou não é (CAPITU).*

O uso do preservativo foi um fator constante na fala das profissionais do sexo da pesquisa, elas relataram que não realizam atos sexuais de nenhuma espécie sem o uso desse protetor.

*Geralmente uso camisinha, muita raro não usar. Ai, o homem adora, eles chegam e perguntam, quanto é o programa, respondo que são cem reais, ele pergunta se faço de tudo, eu digo que sim, mas sem camisinha não (CAPITU).*

As doenças sexualmente transmissíveis são uma vulnerabilidade percebida, pois as profissionais veem o preservativo como um artigo indispensável em seu labor, além do conhecimento dos riscos ocasionados pelo não uso deste. Porém, foi possível observar que o uso de tal artifício não ocorre em todas as relações, há casos em que elas dispensam o uso, sendo um risco para elas, companheiros e as próprias colegas de trabalho, pois uma vez não utilizado, o risco de se adquirir uma doença sexualmente transmissível é bastante presente. Explicitando uma forma comportamental de vulnerabilidade, à medida que decidem, influenciadas por distintos fatores, não utilizar esse mecanismo.

*Com o namorado eu não uso (HILDA)*

*Porque aqui eu uso preservativo, mas com o meu marido não (LOLA).*

Dentre os fatores que podem levar as profissionais do sexo ao não uso de preservativos está a flexibilização quando se tratam de relações sexuais com

namorados, companheiros e maridos. Moro (2000), constatou em sua pesquisa, que as relações afetivas podem comprometer a saúde das profissionais, ao passo que elas não utilizam preservativos com quem se sentem emocionalmente envolvidas. A confiança em demasia em seus parceiros e a separação do sexo no trabalho e na vida afetiva, onde o não uso do preservativo é visto como uma prova de amor pode influenciar esse fato.

O homem, principalmente o companheiro fixo, muitas vezes é visto como limpo, seco, livre de qualquer doença, ficando dispensado de preocupar-se com a proteção, pois a culpa pela disseminação de doenças fica a cargo da mulher, ainda mais quando essa tem múltiplos parceiros como é o caso da profissional do sexo. Por exercer o papel de agente controlador na relação, ele submete muitas vezes à mulher a sua vontade, com medo de desagradá-lo é coagida, e assume esse risco, aumentando as chances de adquirir afecções de cunho sexual. Essa realidade foi percebida no relato das profissionais por mim entrevistadas.

### 3.6 VIOLÊNCIA E DISCRIMINAÇÃO: EXEMPLOS DE VULNERABILIDADE NA PROSTITUIÇÃO

*Eu já sofri violência física e verbal na profissão, uma vez chegou um cliente e queria pagar oitenta reais pelo programa, e eu disse que não ia, ele me respondeu, o que você quer ser mais, você é igual a todas, sua puta, isso é uma agressão (SABRINA).*

Ao refletir sobre o que é ou não o ser feminino, pensa-se sobre determinadas atitudes, comportamentos e performances adotadas, ou seja, o ser feminino é caracterizado por uma série de componentes ligados à forma de agir e se portar. No que concerne à mulher, em cada sociedade e tempo, existem algumas imposições que ela deve seguir para ser socialmente afirmada como pessoa de valor (RUSSO, 2007). A autora comenta que, conforme o meio sociocultural que a mulher habita, ela deve desempenhar determinados papéis e ações que as fazem ser ou não reconhecidas e respeitadas enquanto mulher, enquanto um ser social.

A profissional do sexo geralmente é associada à figura indesejada do feminino, pois atribui-se a elas a vivência livre da sexualidade, a libertinagem, indo contra aos papéis sociais e históricos atribuídos às mulheres, sendo estes os de mãe e submissa ao prazer do outro (RUSSO, 2007).

Quando omitem as diferenças, os estereótipos que cercam esta categoria são utilizados como tentativa de organização de um certo caos, já que a prostituta é o elemento que representa a desorganização do padrão de conduta sexual admitido. É então produzida uma classificação da prostituta que destaca a ideia de perigo e de deformação do seu papel feminino (MORAES, 1996, p.32).

Assim, a mulher que exerce a prostituição é permeada de estigmas, podendo sofrer em sua vida particular inúmeras formas de discriminação por adotar uma profissão oposta aos padrões destinados a uma mulher e, também, por ganhar a vida com atividades que envolvam a sexualidade, muitas vezes sem limites; limites esses que só existem porque são empregadas pela sociedade, padronizando, mais uma vez, as relações afetivas e sexuais humanas.

*Tem homens também, às vezes estamos na frente do bar e eles passam e gritam: “o putada”, isso é uma forma de preconceito (HILDA).*

*Tem lugares que ninguém atende, se você chegar no mercado a caixa vira as costas, o segurança fica atrás (CAPITU).*

O ato de exercer a prostituição, muitas vezes, é carregado de um estereótipo tão evidente que a mulher pode ser vista, exclusivamente, pela ótica do trabalho, do que faz, anulando a sua vida pessoal, social, seus princípios e ações, como Russo (2007) apresenta, a vida de carne e osso. Esses esquecimentos e discriminações levam a profissional do sexo a vivenciar situações conflitantes em seu trabalho e vida social, a exemplo da violência, em suas mais variadas formas.

*Eu já sofri violência, e foi em uma boate fechada, o homem estava drogado, muito drogado, não sei do que, mas ele estava. Ele queria transar sem preservativo e eu estava grávida de seis meses, e disse que não. Devolvi o dinheiro para ele ir dormir sozinho, e eu iria para outro quarto dormir. Quando fui levantar da cama, ele me pegou pelo pescoço e bateu em meu rosto, minha filha nasceu toda manchada de susto, eu não sei mesmo se isso acontece (CAPITU).*

*Tem alguns clientes bons que eu aguentava, pois eles gastavam um monte, se me xingavam eu ficava quieta, mas agora eu não fico mais calada para ninguém, se chegar um e me chama de puta, eu vou responder, você sabe que eu sou puta, o que você veio fazer atrás. Sofri agressão física também, levei chute e tapa na cara (SABRINA).*

A relação de poder e dominação existente sobre a mulher prostituta geralmente se faz evidente, mostrando-se por meio de atos discriminatórios e de violência física, psicológica, sexual. Esses atos de violência se baseiam no estigma que recai sobre ela e se sustenta pelo patriarcalismo existente em uma sociedade



conservadora.

Essa comunidade de trabalho historicamente vive à margem da sociedade, sendo estereotipada, violentada, física, psicológica ou sexualmente. Os atos violentos podem ser assegurados pela circulação das profissionais em locais inseguros, ocasionando grande exposição a essas mulheres, ainda, pelo fato de o cliente achar que tem poder sobre ela por estar pagando o programa (PENHA et al, 2012).

Em sua pesquisa para a dissertação de mestrado, Diniz (2009), encontrou que as violências mais comuns, sofridas cotidianamente pelas participantes, foram a social e a física, sendo a primeira expressada por discriminação e desqualificação, por parte da sociedade em geral ou de segmentos governamentais no que se refere à assistência e visualização dessas profissionais.

*Eu demorei meia hora para retornar de um esquema, e isso tem regra como eu falei, quando eu cheguei a dona da casa estava muito brava, me xingou até de puta, veja bem, até a própria patroa, olha como tem preconceito, ela me xingou um monte (SABRINA).*

Diniz (2009), ainda coloca que os atos violentos para com as profissionais do sexo, comumente partem dos rufiões, policiais e clientes. Sendo essas pessoas detentoras de um mascarado ou explícito poder sobre essas profissionais, configurando uma relação desigual marcada por uma sociedade patriarcal, machista, onde a mulher a profissional do sexo é vista, duplamente, como ser menos valorizado por não ser homem e não seguir a postura considerada correta para uma mulher.

Não é justo que as profissionais do sexo tenham que conviver diariamente com essa vulnerabilidade, traduzida em violência e discriminação, simplesmente por exercerem um trabalho em que a sexualidade se faz presente. É necessário refletir sobre essa agravante situação e buscar meios para que essas mulheres possam atuar na prostituição sem que tenham que sofrer ou ser expostas a essas injúrias, munidas pelo desenfreado preconceito de uma sociedade discriminadora e patriarcal.

### 3.7 LEGALIZAÇÕES: O PROJETO DE LEI GABRIELA LEITE, O QUE PENSAM AQUELAS QUE ESTÃO NA LUTA?

#### 3.7.1 Apresentando o projeto de Lei

A prostituição é atividade cujo exercício remonta à antiguidade e que, apesar de sofrer exclusão normativa e ser condenada do ponto de vista moral ou dos “bons costumes”, ainda perdura. É de um moralismo superficial causador de injustiças à negação de direitos aos profissionais cuja existência nunca deixou de ser fomentada pela própria sociedade que a condena. Trata-se de contradição causadora de marginalização de segmento numeroso da sociedade (BRASIL, 2012, p. 3)<sup>14</sup>

A prostituição é um labor, o qual se encontra atuante há muitos séculos, porém, apesar deste vasto tempo de existência, ela ainda não é vista e regulamentada enquanto uma profissão; muitos até a confundem com a exploração sexual, anulando o direito daquelas que decidiram dedicar-se à prostituição, ainda, privando as trabalhadoras de direitos, como quaisquer outras profissionais.

Há algum tempo, essa prática vem buscando visualização e aceitação enquanto uma profissão comum, alguns segmentos permanecem lutando por essa causa. Um exemplo disso é o Projeto de Lei número 4.211/2012, proposto pelo Deputado Federal Jean Wyllyz (PSOL/RJ), em doze de julho de 2012, carinhosamente intitulado de “Lei Gabriela Leite”.

Esse projeto visa, em linhas gerais, à regulamentação da prática da prostituição enquanto atividade laboral (BRASIL, 2013; BRASIL, 2003).

Antes de o deputado Jean Wyllyz propor o projeto de Lei Gabriela Leite, outros parlamentares já tinham militado em prol dos direitos dessa categoria de trabalhadores, como é o caso do Ex Deputado Fernando Gabeira (PV), que propôs um projeto de Lei semelhante ao atual, o 98/2003, que objetivava a garantia do pagamento a essas profissionais pelos seus serviços prestados, direito de exercerem o seu trabalho, bem como, regulamentação dos estabelecimentos de prostituição. No entanto, o projeto foi arquivado assim que terminou o mandato do deputado. Outro projeto, destinado às trabalhadoras do sexo, foi o proposto pelo Deputado Eduardo Valverde, o número 4244/2004, que tinha como propósito “instituir a profissão de trabalhadoras do sexo e de outras providências” que, assim como o de Gabeira, não obteve sucesso e foi arquivado (BRASIL, 2004).

---

<sup>14</sup> Trecho referente à justificativa para a criação do Projeto de Lei “Gabriela Leite”.

O atual projeto de Lei leva esse nome em homenagem à profissional do sexo Gabriela Leite que, desde o final dos anos 70, foi ativista pelos direitos humanos, mais particularmente, os direitos das trabalhadoras do sexo. Gabriela deu início a sua luta em 1979, quando questionou as ações autoritárias e violentas partidas da polícia, representante do Governo do Estado de São Paulo, para com as profissionais do sexo e travestis. Foi ainda a fundadora da ONG “Davida”, que tem como intuito o incentivo de políticas públicas para a fortificação da cidadania das profissionais do sexo, organização da classe e a promoção dos seus direitos. A ONG lançou ainda, um marca de confecções chamada Daspu, em alusão a loja de roupas de grife Daslu, que foi criada como tentativa de superar o obstáculo de financiamentos para o desenvolvimento de ações de trabalho alternativo para as profissionais do sexo (BRASIL, 2012).

Em uma reportagem para a tribuna do advogado no ano de 2013, Gabriela Leite expõe a sua opinião a respeito do projeto de lei e seus benefícios.

Importante porque permitirá regular a relação de trabalho entre prostituta e donos de casas, boates e termas, ao tirar do Código Penal os artigos referentes ao negócio, hoje ilegal. Essa relação não é formal justamente porque o proprietário é criminalizado, o que leva as prostitutas a serem exploradas, ao contrário do que pensa o senso comum, para o qual a proibição do negócio deixa a prostituta mais protegida. Sendo que nós não cometemos ilegalidade ao prestar serviços sexuais. Por outro lado, o projeto fortalece a penalização da exploração sexual, hoje mal definida no próprio Código (LEITE, 2013).

O projeto de lei 4.211/2012 apresenta variados propósitos, todos ligados à desmarginalização e às melhorias das condições de trabalho aos indivíduos que exercem a prostituição. O intuito desse não é apenas desmarginalizar a atividade, oportunizando às profissionais do sexo, acesso aos serviços e políticas de saúde, direitos trabalhistas, segurança pública e, sobretudo, o respeito a sua condição de ser social. Acima disso, a regulamentação da prostituição compõe uma ferramenta eficiente à batalha pela não exploração sexual, pois essa permitirá a vistoria em estabelecimentos de prostituição e a vigilância do estado sobre as condições da atividade (BRASIL, 2012). Um dos objetivos desse projeto é expor a diferenciação entre prostituição e exploração sexual, facilitando o controle e punição para quem praticar ou favorecer essa adversidade.

Os artigos do código penal colocam erroneamente a prostituição e a exploração sexual no mesmo patamar. De acordo com a redação do já mencionado

projeto 4.211/2012, considera-se exploração sexual; forçar alguém a praticar a prostituição, utilizando-se de violência ou coação; o não pagamento pela atividade sexual desempenhada opcionalmente, além da confiscação de todo ou de mais que 50 % dos lucros advindos das práticas sexuais realizadas por terceiros. Por outro lado, a atividade prostituinte deve ser espontânea, remunerada, sendo permitido o exercício apenas por pessoas maiores de idade com as faculdades mentais preservadas. Sendo o trabalhador/ora do sexo o único beneficiário dos lucros de seu labor, podendo o serviço ser prestado de forma independente ou em cooperativas.

Dessa forma, a prostituição e a exploração sexual são atividades opostas, enquanto uma representa uma prática laboral não criminosa, a outra é crime, fere e escraviza sem decoros a dignidade humana (BRASIL, 2012). Confundi-las ou equipará-las seria, novamente, negar a existência do labor da prostituição, anulando os muitos indivíduos que a escolheram voluntariamente como modo de subsistência. No momento, o Projeto de Lei está aguardando Constituição de Comissão Temporária pela Mesa.

Esse projeto, se colocado em prática, seria uma oportunidade das profissionais exercerem a sua cidadania emancipatória ou a nova cidadania, proposta por Boaventura de Souza Santos, pois teriam condições, pela responsabilidade do estado e ajuda mútua dos indivíduos, de buscar melhores condições de vida, retirando-se da área de marginalidade que lhes são cabíveis, buscando novos direitos que contemplem a sua profissão, que não se encaixa no esperado convencionalmente. Seria, então, uma forma de decidirem sobre o rumo de sua profissão, por meio de um respaldo legal e respeito daqueles com quem elas convivem.

### 3.7.2 A visão das profissionais sobre a legalização

*Eu vi na internet esses dias que estão querendo pagar as prostitutas, eu acho assim, que não precisava ser dois mil reais, como eu vi, mas acho que tínhamos sim que ter um direito, uma lei que nos preserve, porque também corremos riscos de se machucar, tomar uns goles, cair e quebrar o pé, de engravidar até mesmo de um cliente, estourar a camisinha, e ocorrer um afastamento por gravidez. Eu acho assim, que seria bom se essa lei vigorasse, não precisava ser tanto dinheiro, mas sim como um trabalhador comum (CAPITU).*

*Eu acho errado até certo ponto legalizar, porque ninguém vai querer fichar uma mulher mais velha, que nem na minha idade, com 41 anos, nenhum dono de casa vai me fichar sendo que amanhã ou depois eu vou ter que*

*parar, eles estão fazendo algo bom para quem está entrando, mas ruim para quem já está, como dizem, se aposentando (HILDA).*

A legalização da prostituição é um assunto que divide bastante a opinião das profissionais do sexo, como foi possível notar na pesquisa. O primeiro relato, acima exposto, chamou bastante a atenção pelo esclarecimento com que a profissional trata do assunto. O legalizar, para ela, asseguraria direitos trabalhistas comuns, porém específicos às condições de sua profissão, especialmente no que se refere às adversidades encontradas no trabalho, como gravidez indesejada, abuso de álcool, entre outros. Para ela, a lei seria importante, pois garantiria a atenção caso fosse necessário o afastamento da profissão durante algum tempo. É possível observar que a lei ainda é pouco conhecida como tal, acredita-se que ela apenas garantiria direitos e um piso salarial ou um bom salário do ponto de vista delas, ainda há distorções sobre o real conhecimento da lei. Essas distorções são a elas disseminadas por uma mídia que é permeada, muitas vezes, por informações errôneas e fantasiosas.

A aparência física e a idade são fatores vistos como importantes dentro da prostituição. Esse fato é reforçado no segundo relato e, também, influi na opinião dessa mulher no que diz respeito à legalização da prostituição. Acredita-se que a juventude é um fator mantenedor da prostituição e a legalização seria uma forma de segregação, e mais que isso, uma forma de exclusão das mais velhas, pois no ramo da competição, os donos das casas prefeririam contratar para registrar aquelas profissionais mais novas, que tivessem maior forma e atrativos de trabalho.

Segundo Moraes (1985), esse fato da idade influenciar na profissão, seria mais um dos inúmeros estereótipos empregados às profissionais do sexo, de que as “putas velhas”, seriam aquelas que estavam em estágio de ruína, devassidão no que diz respeito à relação com os clientes. Ou seja, como o dito popular apresenta: a bananeira que deu cachos. No entanto, a autora explana que, apesar do fator idade poder, algumas vezes, influenciar negativamente na atividade prostituinte, eles não são definidores do mantimento dessa profissional na profissão, podendo, até mesmo, ser neutralizados por elas.

*Eu não quero que legalizem, a minha carteira eles não assinam, porque isso, apesar de ser uma profissão, a qual eu não digo para ninguém e boa, mas não digo que é ruim, pois eu consegui algumas coisas nessa vida e espero conseguir mais ainda, mas a minha carteira assim, não, porque você vai procurar outro emprego, e eles vão olhar a sua ficha anterior e não vão querer te dar um emprego, vão achar um pretexto, então é complicado,*

*muitas pessoas, apesar de tudo, não vão querer aceitar (LOLA).*

*A minha carteira eles não assinam (MONALISA).*

A fala dessas duas profissionais ilustra a opinião da maioria das entrevistadas. As mulheres se posicionam contra a legalização, pois acreditam que ao serem registradas como trabalhadoras do sexo, ficariam manchadas e marcadas por toda a vida, ficando presas a essa profissão, por não conseguirem nenhum outro emprego. Segundo elas, quando os empregadores tomarem conhecimento de sua antiga profissão, não lhes ofereceriam a chance de competir com igualdade pelo emprego desejado.

O estigma que a profissional do sexo carrega é tão evidente, a sua associação a algo imoral se mostra tão escancarado na sociedade, ao ponto dela própria ter rejeição contra si, ou melhor, falando, sobre a sua ocupação. Sendo essas mulheres produto dessa sociedade preconceituosa, nada solidária e conservadora, acabam reproduzindo e internalizando, mesmo que de forma mais acentuada, a visão marginalizada da prostituição, até mesmo contra a lei que lhes pode oferecer melhor visibilidade, direitos e chances de emancipação.

No cenário atual, nenhum desses aspectos é visto por não seguir a essa normativa; elas acabam sendo excluídas de exercer a sua plena cidadania, pois a cidadania normativa que vivemos, anula as diversidades existentes no meio, fazendo com que essas profissionais não despertem o senso de corresponsabilidade do estado e dos cidadãos para a garantia de seus direitos. Ressalto que legalizar seria uma forma de vigorar uma lei que considerasse a diversidade e as especificidades postas pela prostituição, uma forma de trazer-lhes direitos que não fossem normativos, mas condizentes com a sua particularidade, visto que os direitos trabalhistas, de forma geral, não protegem as profissionais do sexo, ao contrário, as exclui de participar desta cidadania excludente; legalizar seria uma boa oportunidade de emancipar, de se solidarizar, de lutar e corresponsabilizar o estado e os indivíduos pela causa dessas mulheres.

### 3.8 CASA NOTURNA: UM AMBIENTE COMUNITÁRIO

*É uma família, nós acordamos juntas, comemos juntas, bebemos juntas, aqui é nossa segunda família, uma tem que respeitar a outra, mas tem horas que bebo demais e não sei o que faço, então no outro dia peço*

*desculpas e fica tudo bem (SABRINA).*

A casa noturna, ou estabelecimento de prostituição, é um espaço de socialização entre a comunidade interna, expressa pelas profissionais do sexo e outros trabalhadores, com a comunidade externa demonstrada pelos clientes e população em geral que a frequentam. As boates ou zonas são estabelecimentos públicos, caracterizados pelo serviço da prostituição; qualquer indivíduo, dentro de um limite, poderá ter contato com as mulheres que lá trabalham e são elas mesmas que consentem realizar ou não o programa (GASPAR, 1985).

Esse é o espaço onde se dá a maior parte das relações de sociabilidade das profissionais do sexo por mim estudadas, pois passam muito tempo dentro dos estabelecimentos; muitas delas, especialmente no caso dessa pesquisa, habitam nesses ambientes, fazendo desses a sua comunidade de trabalho, mais que isso, o seu espaço, o local de suas vivências.

Montero (1998; 2004), define comunidade como sendo um grupo em permanente progresso e mudanças, que a sua inter-relação pode criar em seus membros um sentimento de pertença e identidade social. Esse local tem uma determinada organização, que varia de acordo com o caso, com as necessidades e interesses comuns, que tem sua própria vida, porém, também abarca a pluralidade de vidas de seus membros, esses que criam formas de inter-relação, baseados pela ação, afeto, conhecimento e informação. Não se pode negar que essas relações também podem gerar situações contrárias, como, divisão, conflitos e, até mesmo, as perdas de indenitárias.

Zygmunt Bauman (2003) discorre que ao falar de comunidade sempre se pensa em algo bom. Como sendo aquele local de agradável convivência, aconchegante, em que o indivíduo pode gozar da plena segurança, sem temer os ataques obscuros, camuflados. Espaço em que ele pode sentir-se acolhido, aprovado e, podem, de forma livre, trocar vivências, experiências, valores. Pode mostrar quem realmente é, sem a necessidade de ouvir julgamentos, discutir, mas de forma fraternal, buscando o melhor para todos, pensamentos e ações para a coletividade. “Comunidade é, nos dias de hoje, outro nome do paraíso perdido, mas que esperamos ansiosamente retornar” (BAUMAN, 2003, p.9). O autor expõe que, na atualidade, o individualismo tomou conta das relações, na desenfreada busca por desenvolvimento e pelo crescimento das desigualdades essa definição de

comunidade é algo utópico, idealizado. Visto que do mesmo jeito que ela protege, isola, cerca, aperta, logo, tornará algo conflituoso, sufocante. Dessa forma, a segurança e liberdade, dentro de uma comunidade necessitariam de ajustes, porém, ainda não foi inventada a fórmula mágica para isso, que nos permita alcançar, de forma equilibrada, esse tão sonhado paraíso, essa tão sonhada comunidade.

Mediante as mudanças ocorridas na modernidade, as relações passam de sólidas para líquidas, a instabilidade paira, onde a estabilidade é procurada incessantemente, as diferenças são gritantes, o direito de ser igual com distinções é emergente, a liberdade, a prisão, a identidade, a segurança, a busca pelo paraíso perdido. Diante dessas problemáticas, Bauman (2003), discorre sobre duas formas distintas de comunidade: a comunidade estética e a comunidade ética. Primeiramente, abordarei a temática da comunidade estética.

Nesse tipo e comunidade é possível sentir o bem estar de estar em comunidade, sem sofrer como consequência o desconforto do comprometimento, do cerceamento. A união entre os membros desses espaços é vivenciada como se fosse real, no entanto, não se polui com a rigidez, inelasticidade e proteção às subjetividades, ao individual. Essa comunidade, não necessita de uma extensa e minuciosa história de construção, e nem requerem um árduo esforço para garantir o seu futuro. Sendo fáceis de confundir-se com as comunidades verdadeiras, porém, sem as amarras tradicionais (BAUMAN, 2003). Ou seja, essa forma de comunidade preza a subjetividade, a individualidade, a liberdade de seus indivíduos, é momentânea, não pensa no antes, nem no depois, o que vale é agora.

As comunidades estéticas podem se formar mediante distintos fatos, a exemplo de um evento festivo periódico, como um festival de rock, um jogo de futebol, uma semana de moda, muito comentada e que aproxima multidões. Ou, ainda, pode formar-se em torno de adversidades variadas às quais os indivíduos se deparam cotidianamente, esse tipo de comunidade se sustenta pela duração do rito semanal ou mensal predito, e se desmancha novamente, assegurando aos membros que a melhor forma de resolver os seus problemas é os enfrentando individualmente, demonstrando que outras pessoas assim o fazem com louvor. Qualquer que seja o objetivo da comunidade estética, o atributo comum a elas é o caráter superficial, breve, contingente dos elos que nascem entre seus participantes, não criando uma teia de responsabilidades éticas, ou seja, acordos em longo prazo (BAUMAN, 2003).



Pode-se dizer que esse tipo de comunidade, apesar de fazer menção à comunidade verdadeira, é um tipo volátil, passageiro, sem amarras, em que a individualidade é vista, os laços ligam, mas não apertam, unem, mas não sufocam, abrem as portas e janelas para o mundo exterior, dando oportunidade para que todos os tipos entrem e saiam, sem que sejam rigidamente punidos, no entanto, isso pode abalar a segurança tão sonhada da comunidade idealizada, tudo pode estar muito solto, sem compromissos, a comunidade estética foge em muitos pontos da comunidade sonhada, sendo o oposto da comunidade Ética.

A comunidade ética é aquela formada através de compromissos de longo prazo, de direitos inalienáveis e deveres inalteráveis. A sua estabilidade é institucionalmente garantida. Os compromissos existentes nessa forma de comunidade são do tipo distribuição fraterna, ressaltando o direito de todos os membros a um seguro comunitário que os proteja dos erros e adversidades, que são riscos inerentes à vida individual. Essa comunidade representa para seus membros a certeza, a proteção e a segurança, algo que para eles não é possível obter de forma isolada (BAUMAN, 2003).

Distintamente da comunidade estética que valoriza a subjetividade, a liberdade, o individual, os compromissos mais fugazes, a comunidade ética, valoriza o que é sólido, o que é longo, o que é seguro, aproximando-se, dessa forma, da comunidade sonhada, idealizada na qual esses atributos fazem parte da vida de seus membros.

Ao trazer esses dois conceitos de comunidade, explorados por Bauman (2003), para a realidade por mim estudada, pode-se dizer que a casas noturnas, não negando o seu caráter comunitário, como já explanado anteriormente, traz consigo características que as aproxima da comunidade Estética. As profissionais do sexo, apesar de viverem a maior parte do tempo dentro desses estabelecimentos, não estão cerceadas nele, não estão presas a esse ambiente. De certa forma, elas são livres para entrarem e saírem quando quiserem, além de ser possível que outras pessoas adentrem a esse espaço, sem que isso abale a comunidade. Os laços que as ligam podem ser temporários visto que o que as une é a realidade em comum, o objetivo em comum, o trabalho, não uma longa história, não tendo a obrigatoriedade de que seus membros se relacionem, firmem compromissos éticos em longo prazo, mesmo porque as profissionais do sexo têm grande rotatividade de uma casa para outra. No entanto, não se podem negar os sentimentos fraternais que envolvem

essas relações.

Outro ponto que remete às casas noturnas que estudei a uma comunidade estética é o hoje, essas comunidades, comumente não fazem planos para o futuro, elas se preocupam é com o momento atual, não com o passado nem com o futuro, mas com o presente. Essa característica fugaz das comunidades, as quais estudei, pode ser percebida no relato dessas mulheres.

Tomando como norte os conceitos trazidos por Montero (1998; 2004) e Bauman (2003), é possível observar a casa noturna como um ambiente comunitário, que ao longo do tempo sofre transformações evoluções, o qual não está cercado, permitindo a troca com outros indivíduos e comunidades exteriores, o que pode ameaçar a segurança dessas. A interação entre os membros desse local pode gerar neles, de forma mais ou menos intensa um sentimento de pertença, de identidade. Essa comunidade é organizada para atingir os objetivos comuns aos membros, respeitando a subjetividade existente. Esses objetivos geralmente são presentes, não se preocupando com o passado e futuro. A relação entre os indivíduos pode gerar bons sentimentos, esses que são sentidos na comunidade verdadeira, como afeto, cooperação, solidariedade, ao passo, que também podem existir conflitos, desafetos, adversidades, esses que são resolvidos, na maioria das vezes, sem medidas drásticas.

Dessa forma, mesmo contrapondo a segurança e solidez da comunidade idealizada, ou da visão que se tem utopicamente de comunidade, a casa noturna se faz, para a maioria das profissionais do sexo, a sua comunidade, o seu espaço, o local em que suas vivências e o seu labor podem ser concretizados. Abaixo exponho alguns aspectos vivenciados por essas profissionais em seu espaço comunitário, que fogem da visão restrita que a sociedade tem da casa noturna, como ambiente estritamente sexual.

### 3.8.1 Vivências comunitárias: O que existe atrás do salão

*Nós convivemos bem, aqui, se tem algum problema sentamos e conversamos, não somos muito de briga, desavenças. Se todas estivermos sentadas e chegar um cliente, não vamos brigar por causa dele, vai uma, se o cara não quiser vai a outra, mas tudo na boa, nunca tive problemas aqui. Todo mundo se respeita e sabe o que tem que fazer e a hora que tem que fazer, ninguém manda em ninguém (LOLA).*

A casa noturna, como já explicitada, representa o principal ambiente de

vivência das profissionais do sexo, onde boa parte de suas relações e ações acontecem. Sendo esse espaço, mesmo que em curto tempo, a extensão das famílias dessas mulheres. Das seis mulheres entrevistadas, cinco habitavam as casas noturnas, convivendo cotidianamente com as outras profissionais, estreitando relações, apoiando-se, dividindo regras, sem deixar de lado a sua subjetividade, tudo em prol da boa convivência.

O diálogo torna-se fator essencial para que elas mantenham um bom relacionamento, especialmente, quando estão ligadas ao comércio, esse que apresenta competições. Corona (2007) expõe em sua pesquisa, que um aspecto bastante importante na relação de sociabilidade e convivência entre as profissionais do sexo é o esclarecer de situações. Dialogar e entender-se, buscando, para o bom convívio, deixar as coisas o mais transparente possível, evitando, assim, envolver-se em fofocas, ou outras situações que venham a prejudicar o bom andamento dessa convivência.

*Aqui vivemos como uma família, temos uma boa relação, tudo é dividido, sempre. Eu divido o quarto com uma menina, nos damos bem, dias três ficamos conversando até às sete e meia da manhã. Até emprestamos roupas uma às outras, menos lingerie. Não é muito diferente do que se fosse na casa da gente, da nossa família. Tenho uma ótima relação com a dona da casa, ela é uma mãe para nós. Quando preciso de ajuda recorro a ela ou ao gerente (CAMÉLIA).*

*Aqui na casa moramos em três gurias, nos sentimos como se estivéssemos em nossa casa, nos damos super bem, como se fossemos irmãs, hoje estamos em duas, mas quando estão às três nos damos bem. Dividimos as tarefas tem dias que uma lava a louca, uma cozinha, a gente não precisa limpar, uma mulher vem e limpa, e é assim, me vejo bem trabalhando aqui (MONALISA).*

A relação comunitária existente dentro da casa noturna aparece bastante explícita no relato de *Camélia*; o apoio, o companheirismo, a troca de experiências, a ajuda e a referência transformam esse ambiente, muitas vezes estigmatizado como puramente sexual, libertino, erótico, no lar dessas mulheres, espaço em que conseguem sentir-se aceitas.

As profissionais mantêm uma relação de amizade entre si, fazendo, muitas vezes, o papel da família, umas para as outras. A dona do estabelecimento, por vezes, foi retratada como a mãezona, a protetora, a amiga. Esse fato foi retratado também por Moraes (1995), algumas profissionais tinham na dona da casa, uma referência de amiga e conselheira, e atribuíam a ela a denominação de tia, relação

quase que folclórica como a autora expõe e que só pode ser entendida se pensar a questão de afeto e interesses.

Como em qualquer relação de convivência, elas apresentam conflitos, discussões, porém, conseguem resolver esses impasses. É, ainda, uma forma de proteção, de aconchego e amizade. Anteriormente, no texto da dissertação, explanei que um dos lados positivos que as profissionais viam em trabalhar na prostituição era, exatamente, o companheirismo vivenciado junto às colegas de moradia e trabalho. Afinal, como Gaspar (1985) apresenta, a casa noturna é um ambiente de socialização, sendo assim, se mostra como um local onde os bons sentimentos estão presentes, especialmente para aquelas que lá convivem.

*Se um homem pular em uma das meninas, vão todas em cima, pois somos uma família, por exemplo, se ele bater em uma, vai à outra, a outra (SABRINA).*

No trecho acima, retirado do discurso de uma das profissionais, fica notório o companheirismo, a união e a relação de proteção e coletividade que perpassa o interior da casa noturna, no que se refere às mulheres. Corona (2007) encontrou em sua pesquisa que as relações de sociabilidade, expressas pela amizade e companheirismo se fizeram presentes no cotidiano das profissionais do sexo por ela entrevistadas, entre elas e com outros sujeitos, direta ou indiretamente ligados a esses locais. Nos relatos encontrados no texto da autora, é possível observar que essa sociabilidade e amizade vão, desde batalhar juntas, da convivência em moradias, resolução e apoio diante de problemas, até o momento de lazer, propriamente dito. No que cerne à solidariedade entre as profissionais, à autora relata que o desprendimento dessas se torna uma obrigatoriedade dentro do grupo para com a colega que esteja em uma situação crítica. Dessa forma, realizam proteção e defesa, umas das outras, através da sociabilidade e trocas mútuas.

*Na comida e na limpeza fazemos troca e tem uma mulher que limpa aqui (CAMÉLIA).*

*Algumas ajudam, outras já acham que a obrigação em fazer as coisas é somente minha por eu receber por mês, mas a maioria delas ajudam. Se tem alguma coisa por fazer, elas vão e fazem, hoje mesmo quando cheguei estava quase tudo organizado (HILDA).*

*Eu sempre fui boa em acatar regras, cada casa tem um jeito, você faz uma comida e lava sua louça, enxuga, guarda, o quarto tem que estar sempre arrumado, eu acho que isso é o básico de morar com mais pessoas (CAPITU).*

Dentro dessas comunidades, as profissionais do sexo apresentam algumas regras a serem seguidas, desde aquelas que perpassam a boa convivência doméstica, como limpeza, alimentação, arrumação, até as que se referem à rotina de trabalho em si, a fim de que mantenham uma correta organização no ambiente.

*Uma das poucas coisas que não podemos fazer aqui é o que eu já fiz muito, o cliente está me pagando uma dose, respeitando e eu saio de perto. Outra regra tem a ver com as bebidas também, quando começamos a beber com o cliente, ele pede uma lata de cerveja, se tomarmos a mesma lata que ele, não vamos ganhar comissão, porque nosso rendimento é a partir de vinte reais, então, não podemos tomar junto com eles. O meu dever aqui é respeitar e sempre ter uma boa relação com os clientes (CAMÉLIA).*

*Nossas obrigações são cumprir o horário, e não vir bêbada aqui atentar os outros (CAPITU).*

*Então eu nem olho, se eles estiverem com qualquer tipo de mulher, independente se é esposa, namorada, irmã, eu passo e nem olho. Passo, às vezes eles chegam aqui e reclamam que sou metida, que não os cumprimentei lá fora, mas se eu não sei que tipo de mulher é, como vou chegar e perguntar se está tudo bem, ela iria questionar quem eu sou, e o cliente ficaria em uma saia justa (SABRINA).*

Oliveira (2007) aponta que as profissionais do sexo nas casas noturnas adotam normas na prática de sua atividade, como tempo, local, tabela de preços, ética profissional, nessa prática mais comumente caracterizada pelo sigilo. Esses aspectos, ainda que maleáveis, são intrínsecos do cotidiano dessas mulheres. Dentre os deveres que essas profissionais adotam em sua rotina laboral: a luta pelo dinheiro, o não envolvimento com o cliente, permanecer sóbria, evitar desordens com as colegas de trabalho, tratar bem a clientela e atentar-se com o fazer, não com o prazer, ainda ter precauções para não adquirir doenças sexualmente transmissíveis e uma gravidez indesejada (SOUZA, 1998). Comumente, essas regras são impostas por uma figura bastante representativa dentro dos estabelecimentos, a dona da casa.

Segundo Moraes (1995), essas figuras exercem distintas atividades dentro do universo da prostituição, desde aconselhamentos, manutenção da ordem dentro do estabelecimento, evitando tumultos, controle de clientes, que possam apresentar comportamentos abusivos, dentre outros. São as donas das casas que exercem maior controle sobre as profissionais, criando as regras disciplinares que elas devem seguir, objetivando manter o bom funcionamento da casa e a boa relação entre as profissionais do sexo, e entre profissionais e clientes. A autora ressalta que a figura da dona da casa não tem a ver com a figura de agente explorador, papel que ficava

a cargo dos cafetões. A relação dessas com as profissionais do sexo assemelham-se na relação de um empregador com diversos empregados, ressaltando o caráter mais fluído da relação.

Nas casas noturnas por mim estudadas, as regras ficavam mais no que se refere ao horário de atendimento, sendo das 15h até a hora que tiver clientes. Valores que se modificam de acordo com a atividade sexual desempenhada, ficando a cargo da profissional decidir o preço. Em se tratando da divisão de lucros sobre todas as atividades desempenhadas, a profissional do sexo deve pagar uma comissão ao estabelecimento. No que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas, a mulher deverá manter-se sóbria, a fim de conseguir trabalhar adequadamente durante toda a noite. Outras regras perpassam a ética profissional, no que diz respeito ao sigilo e discrição sobre os clientes, cordialidade com esses, dentre outros.

A casa noturna, assim como qualquer ambiente comunitário, apresenta um ponto de segurança, aconchego, segurança e direção para aqueles que lá vivem. Sendo que essas vivências perpassam regras e ações, que visam, de forma direta ou indireta, explícita ou implícita, o bem estar coletivo. Não podendo esquecer que, como em qualquer comunidade, existem relações de poder, alguém que norteie esse ambiente, a fim de que ela funcione de forma adequada. Diante disso, não se nega o caráter comunitário da casa noturna, não pelo viés ilusório da comunidade almejada traduzida por Bauman (2003), mas como um ambiente em que as relações fraternais, os conflitos, as acertos, os erros, a interação, a fluidez, a segurança, estão presentes, indicando que esse espaço é mais que um ambiente de trabalho, é um espaço comunitário.

### 3.8.2 O que fazer quando não estou trabalhando? O contato das profissionais com a comunidade exterior

*Final de semana eu saio à noite, então se eu quiser ir a uma balada chique, que é caro, eu sei que vou ter dinheiro e roupa apropriada, aqui eu compro o que eu quero, se quiser sair eu saio (SABRINA).*

As rotinas de trabalho das profissionais do sexo de minha pesquisa são bastante pesadas. Trabalham de segunda a sábado, tendo apenas o domingo como folga. No entanto, elas buscam, nesse intervalo de tempo, um lazer diferente

daquele muitas vezes proporcionado pelo trabalho, um contato com a comunidade exterior. O trabalho e a remuneração paga por este, proporciona às profissionais do sexo terem atividades de lazer, como o relato mesmo diz, pois é através dele que elas podem pagar baladas caras, vestir-se da melhor forma, a fim de participarem com igualdade do mundo fora dos muros da casa noturna, sendo vistas pela ótica que deveriam ser sempre olhadas, a de uma mulher comum.

*Final de semana saímos (eu e meu marido) durante o dia, vamos almoçar no restaurante, ou fazer um lanche com as crianças, dar um passeio no parque, andar de bicicleta (LOLA).*

*Nossa folga é apenas no domingo. Aí como disse, no domingo eu vou para casa, e fico com a minha família e namorado. Também saio com a minha amiga para fazer um lanche (MONALISA).*

*No domingo é a folga, daí eu vou para casa. No sábado quando fechamos vamos para alguma discoteca, ou algo assim, e no domingo eu vou para casa, participo de um almoço de família, brinco bastante com a minha filha que é pequenininha ainda, ela tem quatro anos, então fico em casa no domingo brincando bastante (HILDA).*

A folga do final de semana, para muitas profissionais, especialmente aquelas que têm filhos e habitam as casas noturnas, é uma oportunidade para conviver e ter contato com seus entes queridos. É uma chance de participarem ativamente da família da qual fazem parte. Devido ao tempo escasso durante a semana, utilizam o dia para dormir e a noite para trabalhar, muitas não convivem de forma direta com os seus, ou quando o fazem é de maneira bastante superficial.

Para a maioria, a folga propicia o descanso, o contato, a fraternidade do encontro, uma verdadeira recompensa para a jornada de trabalho, não que essa não lhes proporcione bem estar, como pode ser percebido em falas anteriores, o trabalho é um condicionante de diversão e muitas delas conseguem misturar o trabalho com o lazer.

*Quando saímos nos sentimos muito bem, bem mesmo, como se estivesse saindo de uma prisão, porque tu fica aqui só trancada, sair faz a gente sentir-se bem mesmo, não que nós estejamos presas, mas ficamos bem (MONALISA).*

As profissionais do sexo, comumente, vivem a maior parte do tempo dentro das casas noturnas, responsabilizando por isso, a rotina e a forma como seu trabalho transcorre. O que não significa que elas fiquem presas ou não possam sair. Elas podem sair, porém devido a sua carga laboral estafante, acabam fazendo isso com menor intensidade. Na fala da profissional, essa prisão consentida fica

bastante evidente quando ela diz que ficam presas, ela não se refere ao regime de cárcere ou que alguém não as deixa sair, pois sua comunidade e condição a permitem sair quando quiser, porém, retomo, por toda a circunstância que a atividade laboral se dá, esse fato fica mais dificultoso. Retomo, então, a questão de que as folgas ou o lazer fora da profissão seriam, para as profissionais, uma forma a ressaltar e vivenciar, não apenas o seu lado profissional, lado esse estereotipado pela sociedade, o que, como observamos, não acontece com outras profissões, mas experiência o seu lado social como um todo, através das trocas e vivências com comunidades exteriores a elas.

### 3.9 PROFISSIONAIS DO SEXO: SUJEITOS DE DIREITOS?

*Na real, para nós não existem direitos, porque é igual eu sempre digo, nós somos igual música, na época de lançamento ganhamos bem, nos respeitam, mas depois somos esquecidas, então eu acho que as pessoas não nos dão direito a nada (HILDA).*

Os direitos humanos, atualmente, vêm sendo colocados como direitos universais, ou seja, que contemplam todos os indivíduos, com distintas especificidades. No entanto, na prática, é sabido que esse conceito não vigora. Os direitos humanos, na sociedade ocidental, são idealizados, impostos e feitos viger, por uma sociedade dominante, ou como Boaventura de Souza Santos (2013) apresenta, pela camada hegemônica. E essa sociedade faz com que esses direitos, baseados em princípios individuais, vigorem apenas de um lado, com esse pensamento, anulam os grupos minoritários, como a exemplo as mulheres, e mulheres profissionais do sexo.

Quando parte para a concepção mecanicista da sociedade Ocidental, retratada por Santos (2001), no que se refere aos direitos humanos, essa que é baseada em direitos e deveres, a não contemplação das minorias fica ainda mais evidente. Para fins de compreensão, a minoria que aqui retrato são as profissionais do sexo, por todo o estereótipo a elas imposto pelos chamados sujeitos normais (GOFFMAN, 1988), elas são, como já bastante discutido no texto, estigmatizadas, colocadas como a minoria dentre a mulheres.

Retornando para essa visão simplista e mecanicista, as profissionais do sexo não seriam contempladas por esses direitos, pois elas, enquanto mulheres, não cumprem os deveres impostos pela sociedade para uma mulher, especialmente pela



dinâmica que se dá sua atividade, de envolvimento com sexo, papel esse que socialmente é destinado ao homem, sendo assim, ela vai contra com o que se prega às mulheres.

Direitos não podem ser opostos de deveres, só se têm direitos se cumprir determinados deveres, a exemplo da natureza ela não tem direitos, pois dela não se podem exigir deveres (SANTOS 2001). Na fala da mulher, posta no início do texto, esse fato fica bastante evidente, apesar de as profissionais serem partes integrantes dessa sociedade, deveriam gozar plenamente desses direitos universais, porém, na maioria das vezes, são esses direitos que as oprimem, que as excluem, que as condenam.

*No momento, acho que não tenho muito direito, assim, depende do dono da casa, se estivermos ruim, nos leva ao médico. Eu acho que tínhamos que ter mais direitos, mas sei lá, aqui se você tem um patrão bom, conversa com ele, e ele te ajuda, também vai muito do caráter da pessoa (CAPITU).*

*Eu vejo meus direitos como de qualquer mulher, tem uns caras que vem aqui e nos respeitam, algumas pessoas me veem como trabalhadora comum, na verdade todos veem como uma profissional da noite (MONALISA).*

Segundo Boaventura de Souza Santos (2013), os indivíduos não são sujeitos de direitos humanos, são agentes do discurso desses direitos. Trazendo para a problemática da prostituição, por mais que as profissionais do sexo façam parte da sociedade e sejam cidadãs, não são reconhecidas como tal, não sendo sujeitos de direitos humanos, pois cotidianamente esses a elas são impedidos. Sejam esses direitos globais ou locais, como é o caso dos direitos trabalhistas referentes à própria organização da profissão como um todo, que é bastante relatada na fala das mulheres.

A questão de os indivíduos serem agentes de discurso e não da prática dos direitos humanos, propriamente dito, é perceptível no relato de Monalisa, ela diz que seus direitos são como os de qualquer outra mulher (discurso), mas quando ela diz que as veem como uma profissional da noite, ela separa a trabalhadora comum da profissional do sexo, denotando que seus direitos são sim, na prática, violados. E esse fato se completa com outras passagens no decorrer da história das mulheres por mim entrevistadas.

“Enquanto a sociedade for dividida e houver tanta desigualdade social, penso que o Deus que estiver do lado dos oprimidos não se reconhece num Deus que

estiver do lado dos opressores” (SANTOS 2013). Remetendo para a prostituição e discriminação social que as profissionais do sexo sofrem, podemos dizer que as pessoas inseridas na sociedade, que levam suas vidas de forma conservadora e com aparências, não reconhecem a prostituição, vista como vida promíscua e erotizada, pois no pensamento são Deuses opostos. A sociedade que criminaliza e exclui a prostituição, seguindo o pensamento de Boaventura de Souza Santos, são os opressores e as profissionais do sexo as oprimidas. É nesse viés que vem o ponto central que impede ou diminui a capacidade das profissionais do sexo de serem vistas como seres comuns, o seu não reconhecimento, aceitação e respeito.

A nova concepção de direitos humanos pregada por Boaventura de Souza Santos (2001), pautada na valorização e respeito às diversidades, às culturas, no senso, na emancipação, seria uma forma das profissionais do sexo serem vistas enquanto indivíduos pertencentes à sociedade maior, independente da sua profissão, visto que o conceito pauta-se na diferença. Seguindo essa perspectiva, o respeito para com elas e a garantia e luta por seus direitos se tornaria, também, responsabilidade da comunidade, formada por estado e indivíduos, pois somente ao se desenvolver esse sentimento de solidariedade pela causa é que se conseguiria diminuir o estigma e sofrimento por esses causados. Ainda, esse grupo teria melhores condições para emancipação, em luta por sua profissão, de direitos específicos a elas.

“As pessoas e os grupos sociais têm o direito de ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito de ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza.” (SANTOS, 2001, p.28). Ou seja, as profissionais do sexo devem ter seus direitos respeitados, enquanto mulher, enquanto participante da sociedade, enquanto indivíduo. Ao passo que a sua profissão, mesmo que não convencional na visão social, deve ter direito de ser reconhecida como um trabalho, respeitando e considerando as especificidades existentes nesse labor, dando condições para que sejam diferentes sim, mas acima de tudo, aceitas.

Discutir e problematizar a questão de direitos humanos dentro da prostituição, ou melhor, expondo, a falta ou negligência desses direitos, é de suma importância para o desenvolvimento dessa comunidade. Burbado (2011) descreve o desenvolvimento comunitário como sendo:

Integrante de um conceito mais amplo, mas geral e completo de desenvolvimento, e o compreendemos como método e técnica que contribui,

positiva, real e efetivamente em um progresso de desenvolvimento integral e harmônico, atendendo fundamentalmente a certos aspectos extra econômicos, em particular, psicossociais, que intervêm na promoção de atitudes, aspirações e desejos para o desenvolvimento (BURBADO, 2011, p.42).

O autor expõe uma visão mais ampla sobre o desenvolvimento comunitário, essa não diz respeito apenas ao crescimento e avanço econômicos, mas que pensa em um desenvolvimento harmônico, abarcando fatores extra econômicos, como os psicossociais. É tomada por essa visão que penso o desenvolvimento dessa comunidade.

As mulheres profissionais do sexo, como discutido anteriormente, são agentes do discurso sobre direitos humanos, porém, não são sujeitos de direitos. Pois isso lhes é retirado a partir do momento que adentram o labor prostitucional, de forma que o desenvolvimento dessa comunidade fica prejudicado, pois a sociedade vira os olhos diante das causas dessas mulheres e elas ficam desprovidas de armas para lutar a favor da melhoria de seus direitos.

Dessa forma, torna-se necessário divulgar, discutir, refletir sobre a prostituição enquanto um labor e suas trabalhadoras enquanto mulheres, dignas de direitos e respeito, pois somente desse modo, essa comunidade ganharia visibilidade para que a coletividade tomasse consciência e lutasse por essa questão. Ainda, é imprescindível que as profissionais do sexo sintam corresponsabilidade por essa luta, fazendo frente e exigindo os seus direitos. Esses seriam alguns passos na busca do desenvolvimento dessa comunidade, que segue à beira da marginalidade, do desrespeito, da ausência de direitos, Objetivando que sejam vistas pela ótica do ser humano que está por trás dessa estigmatizada profissão.

## 4 CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE

### 4.1.1 O CORPO DA PROFISSIONAL: A SUA FERRAMENTA DE TRABALHO E SOCIALIZAÇÃO

*Meu corpo é um objeto para os outros usarem, pagarem e irem embora, fora daqui é totalmente diferente, lá fora eu sou eu, me dou o respeito para que eu possa ser respeitada não como garota de programa (SABRINA).*

Diversas são as atribuições dadas e construídas em torno do corpo. Goellner (2010) explicita que, quando referimo-nos ao corpo, estamos evocando não exclusivamente a parte biológica que compõe a materialidade que nos criou, mas a nós mesmos. Ou seja, o corpo vai além da parte fisiológica, esta não é isolada do ser, o corpo é constituído de toda a história, circunstância e vivências do indivíduo, sendo intrínseco a ele.

O corpo da profissional do sexo é visto pela ótica da dualidade; essa visão é reforçada por ela e por muitos outros indivíduos ligados direta ou indiretamente a elas. Essa dualidade é expressa pela divisão do corpo, enquanto ferramenta de trabalho e do corpo social, ou seja, aquele que ela assume nos momentos que não está em sua prática laboral. Goellner (2010) expõe que o corpo não é por ele próprio, mas sim, resultante de uma formação cultural, na qual são impostas distintas marcações em vários tempos, ambientes, grupos sociais, étnicos, entre outros. Explica, ainda, que o corpo é disciplinado por meio de um método contínuo, que vem demonstrando as formas de ser, mostrar-se e comportar-se. A escola, a religião, a mídia, a medicina, o judiciário, entre outros espaços de socialização, são responsáveis por essa disciplina. São recomendações a despeito da vestimenta, práticas sexuais, saúde, aparência, comportamentos e qualidade de vida.

Apropriando-se dessa ideia, o corpo da profissional do sexo, demarcado por essa divisão, apresenta de um lado o seu corpo biológico e de outro o seu corpo erotizado, a sua ferramenta de trabalho, assim, a dualidade é construída. Como se fosse o corpo bem e o mal, aquele de trabalho ganha caráter negativo, pois ressalta a sexualidade feminina, o erotismo, o prazer, a multiplicidade de parceiros, aspectos inerentes ao ato de se prostituir. Já aquele visto pela ótica dos momentos em que ela não está trabalhando é o bom, o aceitável, claro que com algumas restrições. Para que possa ter um bom convívio nos espaços sociais, a profissional do sexo

deverá valer-se de aparência, comportamentos e atitudes peculiares a ele, ou seja, educá-lo para se tornar um corpo bom. Para a sua profissão, o seu corpo deverá ser disciplinado para ser a sua ferramenta de trabalho, a sua vitrine, bem como as formas de se portar, de atrair, de se exhibir. Não creio que seja possível essa separação, penso que o corpo é único, em qualquer lugar, por mais que se tente essa divisão, um lado dele sempre afetará o outro.

Goelner (2010) complementa que o corpo é dependente da cultura na qual ele habita. Exemplificando, o que nos alegra ou entristece é distinto de acordo com a cultura e o tempo, assim como as práticas de higiene, saúde e prazeres sexuais e beleza. Sendo assim, essa dualidade existe porque o corpo da profissional é intrínseco à cultura; ou seja, para ela desenvolver as relações sociais, enquanto mulher deverá ter um corpo puro, recatado, ausente desses erotismos que a profissão lhe confere, por isso, ela diz, aqui sou uma, lá fora me dou o respeito.

*Para mim, meu corpo significa o meu instrumento de trabalho e fora daqui apenas meu corpo. Na verdade é sempre a mesma coisa. A pessoa que sou aqui, eu sou lá fora, não adianta querer mudar, meu comportamento é sempre assim, procuro fazer o melhor possível para agradar as pessoas, sempre as respeitando (CAMÉLIA).*

A dissociação do corpo em dois elementos opostos é resultado de toda a problemática que envolve a prostituição. Pois, devido a todo o estigma que a profissional do sexo carrega, os atributos tidos como negativos socialmente que a profissão lhe confere, fazem com que ela acabe adotando posturas distintas no seu cotidiano social e no seu cotidiano laboral, separando-o enquanto uma ferramenta e enquanto o seu próprio ser. Gois e Lima (2013) apresentam que a separação da prostituição em dois mundos é tão sólida que não permeia apenas o aspecto psicológico, mas se reflete no meio físico, como é o caso do corpo.

*O meu corpo é um objeto de troca, eu dou meu corpo por dinheiro, e fora daqui é normal, eu acho que tenho uma vida tão normal, tenho uma família e amigos que me aceitam do jeito que sou, fora daqui a minha vida é tão normal, que eu não tenho nenhum preconceito comigo mesma (HILDA).*

*Para mim, meu corpo significa o meu instrumento de trabalho e fora daqui apenas meu corpo. Na verdade é sempre a mesma coisa (CAMÉLIA).*

Barreto (2008), em sua pesquisa encontrou que as profissionais do sexo, por ela estudadas, faziam marcantes divisões entre a maneira de se portar no trabalho e em seu convívio familiar. E que essas buscam a quebra desse estigma de putas, não objetivando acabar com ele, mas dizem não se adequar a esse estereótipo.

Como pode ser visto no discurso acima, o preconceito em torno da prostituição permeia, até mesmo, o discurso das atuantes dessa área. Sendo as profissionais do sexo sujeitos dessa sociedade que lhes confere esse carimbo, essas acabam se auto policiando, se dividindo, pois devem na vida social, se portar da forma esperada de uma mulher ou, como ela mesmo afirma um sujeito normal.

O corpo da profissional do sexo, seguindo a lógica da dualidade é muitas vezes. Visto como um objeto de troca, ou seja, a profissional do sexo vende o corpo, objetivando recompensa monetária para essa troca. No relato acima, fica bastante evidente esse fato. Dhoquois (2003) explicita que o corpo, não sendo um objeto de posse, não está a venda. Mas que a questão é um tanto quanto complicada, pois a força de trabalho que o trabalhador, seja manual ou intelectual, utiliza parte do corpo. Diante dessa exposição, é passível de afirmar, contrariando a visão popular, que a profissional do sexo não vende o seu corpo, pois ele não é um objeto, mas sim, vale-se dele enquanto um instrumento de labor, em que esse lhe propicie gerar as fantasias e atividades sexuais que são desempenhadas em seu trabalho. Assim, como o marceneiro que constrói as suas obras, o seu corpo não está à venda, mas a força de trabalho que emana do corpo, esse sim, juntamente com as ferramentas, formam os instrumentos de sua atividade laboral.

*Uso bem meu corpo, ele é a peça fundamental, sem ele não teria a caixinha de dinheiro (CAPITU).*

*Eu sei como lidar com o meu corpo, sei ganhar as pessoas, tipo assim, eu sei que com o meu corpo, se eu souber fazer certo, no momento certo, o que a pessoa gosta e o que eu quero, eu consigo ganhar essas pessoa (LOLA).*

Como já apresentado, a sociedade costuma condenar a prática prostitucional por acreditar que a mulher vende, oferta e dá aquilo que, historicamente, foi considerado um templo sagrado, que é o corpo. O corpo da profissional do sexo é a sua ferramenta de labor, porém, ao mesmo passo, a moral religiosa o designa enquanto um elemento sagrado; dessa forma, a prostituição é colocada como algo que transpassa o local firmado pela moral social, pois, comumente, utilizamos o corpo para atividades laborais dos tipos braçais, intelectuais, entre outras formas. Afinal, é ele que nos permite desenvolver tais ações. No caso da profissional do sexo, esta vale-se do seu corpo para desenvolver labores relacionados ao sexo, indo contramão das expectativas da moral religiosa e social no que se refere a um

trabalho digno, visto que o corpo da mulher profissional do sexo é utilizado para oferecer e sentir prazeres (FERNANDES, SOUZA 2013).

Todos os labores, como já explanado, utilizam o corpo, mas o que fere os princípios vigentes na sociedade atual é que a profissional do sexo utiliza o seu corpo para atividades de cunho sexual ou, melhor dizendo, utiliza partes do corpo consideradas sexuais. E, hoje, mesmo reconhecendo todos os avanços, a sexualidade feminina é posta, em grande maioria, sob muitas normas, destacando que o corpo da profissional não pode ser considerado normal, uma vez que este não é utilizado como prevê a sociedade.

As autoras frisam que a utilização do corpo para o labor da prostituição gera produtos negativos, visto que essa ação é considerada como deterioração. O sentimento do prazer, na sociedade, é algo bastante arcaico, visto como feio, que deve ser anestesiado, sendo assim, a profissional do sexo, recebe toda a condenação, afinal com o auxílio do seu corpo, produz prazeres no seu labor. Nessa relação laboral, a profissional também, eventualmente, pode vir a sentir o prazer que oferece, esse fato sendo que esse fato não é bem aceito pela sociedade regida pelo capitalismo, uma vez que prazer e trabalho são relações opostas. Porém, não se pode negar que essas mulheres não sintam prazer. Faz-se, aqui, uma pausa, para lembrar que esse fato será discutido posteriormente.

Explanando um pouco mais sobre a questão negativa sobre o prazer. Foucault (1984), no seu segundo volume sobre a História da Sexualidade, intitulado O uso dos prazeres, afirma que, ao longo da história, especialmente na Grécia Antiga, o prazer não sofreu tanta condenação como se verifica atualmente; cabe a ressalva de que o prazer, naquela época, não era totalmente livre e seguia uma ordem, regras, poderes, na forma de vivenciá-lo, porém, não era algo proibido, como a moral Cristã ainda, em muitos casos, faz referência. Ou seja, apesar de muitos anos terem se passado, desde a época retratada por Foucault, o prazer ainda vem sofrendo, com melhoras, uma exacerbadada, o que afeta de forma nada discreta, as profissionais do sexo, que se valem dele para o seu trabalho.

Fernandes e Souza (2013), ao explicar a dominação do corpo enquanto uma ferramenta de poder citam Foucault (2008, p.117) na docilidade dos corpos, mostrando que, durante a época clássica, o corpo era visto com um alvo de poder. Podendo ser treinado, manipulado, habilitado. As autoras expõem que ao associar o corpo com uma potência para realizar o controle dos sujeitos, as profissionais do

sexo vão em direção contrária a essa colocação, observando que o corpo, que é mecanismo de manipulação do Estado, é, para a profissional do sexo, o seu patrimônio, sua ferramenta laboral, algo pessoal, do qual ela se vale para conseguir os seus ganhos, como qualquer profissional.

Seguindo esse viés, apesar de, no discurso, apresentar o corpo da profissional do sexo como um objeto, em tese isso não se vigora. Pois, o corpo, enquanto pertencente a ela, ou seja, como elas mesmas afirmam, como uma ferramenta de trabalho, o que faz a sua “caixinha de dinheiro crescer”, caracteriza que tenham uma espécie de poder sobre eles, o poder de decidir para quem despenderão a sua força de trabalho, o que realizará ou não com ele.

Barreto (2008) declara que, pensa-se, por diversas vezes, que as profissionais do sexo são disponíveis ao público. O ato sexual que, para muitos, é visto como algo íntimo, para essas mulheres é visto como público. Esse pensamento libertino acerca da prostituição leva a pensar que os corpos das profissionais são de utilidade pública, estando obtíveis para serem utilizados por qualquer indivíduo, sem nenhuma distinção. Dessa forma, as profissionais do sexo passam a ser rotuladas como desonestas e, seus corpos, sujeitos a desrespeito. Essa visão tende a anular o poder que as profissionais do sexo têm sobre seus corpos, esse que pode ser exprimido por regras que elas mesmas colocam na utilização desses.

*Quando vou para o quarto eu já aviso antes que não faço anal e não beijo na boca (SABRINA).*

*Mas não sou muito atirada não, passar a mão, apertar e chupar o cheio, e uma coisa meio antiquada para mim (CAPITU).*

*Durante os programas tem várias coisas que eu realizo, mas tem alguns caras, que pedem algumas coisas que digo não, pedem para fazer sexo anal, eu não faço isso. Esses dias veio um cara aqui e ficou louco por eu não querer fazer, e eu disse que não, é dessa forma que preservo meu corpo, sempre no bom sentido (MONALISA).*

Contrapondo a visão libertina, promíscua e pública que o corpo da profissional do sexo muitas vezes carrega, Gaspar (1985), afirma que o corpo dessas mulheres não é totalmente indistinto, pois, segundo as representações que algumas profissionais fazem a respeito dele, existem zonas nele que são tidas como “imaculado”, dessa forma, necessitando serem poupadas nos programas.

Moraes (1995) relata que na atividade da prostituição existe certo grau de



impedimento, que designa uma espécie de linha entre o que é permitido, com algumas ressalvas, e aquilo que, de imediato, é proibido. Seguindo esse viés, algumas partes do corpo da profissional são consideradas áreas interdidas. A autora retrata em sua pesquisa que, para as profissionais do sexo que entrevistou, as áreas corpóreas tidas como sagradas são a boca, nádegas e, poucas vezes, os seios. Ainda, que grande parte delas não beijam os clientes, não realiza sexo anal e não permitem que lhes toquem os seios. Corroborando com essa colocação, Gaspar (1985) traz que no esquema de atuação das profissionais do sexo que a boca parece ser contrária moralmente à vagina. A isso se deve o fato de elas não beijar, mas manterem relações sexuais com penetrações vaginais.

Essa escala de pureza, retratada pelas autoras, foi bastante encontrada em minha pesquisa, especialmente no que se refere ao beijo e ao sexo anal. A primeira prática, para elas, denota muita intimidade, sentimento, reservada, então, para os companheiros; já a segunda, é algo que para elas é bastante incômodo, além de a considerarem suja. As representações populares para as áreas do corpo influenciam a visão das profissionais, o ânus, por ser o local aonde as fezes são evacuadas, é o sujo, o nojento. Já o beijo, que comumente é associado ao sentimento, não ocorre em uma relação casual de trabalho.

Essas permissões e proibições, em relação às partes tocadas e práticas realizadas com essas partes, seriam uma espécie de moralidade que as profissionais do sexo desenvolvem em sua comunidade. Foucault (1984) ao explicar a Moral apresenta um conceito que é passível de referenciar a essa conduta das profissionais do sexo, o código moral, uma vez que essa dualidade no corpo, as partes permissivas em atividades sociais e no trabalho não são produto da moralidade dessas mulheres. Moral essa que, como o autor coloca, nem sempre é transmitida de forma sistemática pelos órgãos de poder como a igreja e a escola, mas pode ser repassada de forma difusa através de um código moral; a esse, Foucault, atribui os elementos prescritivos da moral e, mesmo que de maneira bastante peculiar, as profissionais do sexo apresentam uma moral em seu trabalho, o qual as conduz em seu labor.

“A proposição de um sistema de evitações enseja a criação de esferas estanques do eu, em particular, no domínio amoroso e erótico que se preservam na relação com o cliente, o que é especialmente perceptível na divisão simbólica do corpo (GASPAR, 1985, p.123).” Essas interdições podem ser uma forma da

profissional do sexo se preservar; novamente ressaltando a dualidade do seu corpo, áreas proibidas, como a boca, denotam envolvimento sentimental, sendo assim, essa parte é deixada para a vida social, no trabalho ela comumente não é utilizada. Podem, ainda, ser uma forma de ela demonstrar o poder, mesmo que mesclado, que tem sobre o seu próprio corpo, eliminando a visão social de corpo público, sem direção.

#### 4.2 AFINAL, ELAS SÃO MULHERES

*Sempre evito falar que trabalho como profissional do sexo, principalmente nos lugares que não me conhecem, assim, as pessoas tem mais respeito, se eles souberem que é mulher da zona, acham que podem fazer tudo (SABRINA).*

O ser e constituir-se mulher, atualmente, na sociedade, demanda uma série de comportamentos, atos, ações, direções e posturas que são historicamente construídos e empregados aos indivíduos do sexo feminino. Esses aspectos, referentes à forma de ser uma mulher, são dados e reproduzidos por uma sociedade patriarcal e machista, a qual pauta-se na heteronormatividade.

Simone de Beauvoir (1967), em sua obra *O Segundo Sexo* expõe a seguinte frase: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Segundo a autora a construção sociocultural do ser mulher está submetida a uma série de aspectos que esses indivíduos deverão exercer, caso queiram se aproximar da visão de mulher, por exemplo, doçura, contenção, discrição, passividade, submissão, pudor, graciosidade, silêncio, sensualidade. A esta é ensinado e esperado ações de cuidar, de se doar, formas específicas de vestir-se e pentear-se, ressaltando a feminilidade que deve ter. Esses atributos parecem ser socialmente construídos e reproduzidos quando se fala na figura feminina.

A frase de Simone Beauvoir “ninguém nasce mulher, torna-se mulher, passou a serem reproduzidas por muitas mulheres de distintos posicionamentos, elas faziam referência a essa citação para dizer que o ser e estar nesse mundo não é algo dado a priori, mas que sim, representa todo um processo de construção. Nesse viés, a construção do ser mulher estava acoplada a uma série de atributos, tais como, gesticulações, comportamentos, das predileções e das contrariedades, os quais lhes eram instruídos e repetidos, em suas vivências cotidianas, seguindo as regras e

valores de determinada cultura (LOURO, 2008). Desde o princípio da existência do ser feminino, várias características lhes são dadas e, rotineiramente, são reproduzidas para que, assim, o ser mulher seja criado, moldado e adestrado para determinado local.

Bourdieu (2002), em sua obra “A dominação Masculina”, apresenta que os elementos contrastantes da identidade masculina e da feminina se esculpem, através de formas duráveis de se utilizar o corpo, ou ainda, de sustentar determinadas condutas, que se mostram como que efetuação, melhor dizer, a naturalização de uma espécie de ética.

Louro (2008) explana e discute sobre a ideia que nada é dado à priori, ou seja, natural, que já nasce com o indivíduo. O ser homem ou mulher acontece por meio de sistemas que se dão de acordo com o meio cultural em que vivem, que lhes vão moldando para tais posicionamentos. Posso fazer uma ligação lúdica com o que Louro (2008) diz sobre um escultor que, na hora em que pega o barro para fazer uma peça, essa peça não existe a priori naquele barro, mas, com o tempo, ela é moldada e toma forma para que, assim, possa atender a determinada encomenda, de acordo com os princípios a quem será vendida. Assim são os seres, quando nascem, são moldados para que atendam a determinados atributos para ser mulher ou homem.

Teóricos e intelectuais travam uma disputa para compreender e dar sentido a esses processos de vir a ser, porém, costumam aceitar a ideia de que não é na ocasião do nascimento e da instituição de um corpo como de mulher e homem que faz deste um indivíduo masculino e feminino. A formação do gênero e da sexualidade é um processo que ocorre ao longo da vida, e dá continuidade infinitamente (LOURO, 2008).

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo (LOURO, 2008, p.18).

Todas essas instituições, igreja, família, escola, medicina, são partes que auxiliam em todo o processo de construção do ser homem e mulher, da sexualidade e forma de vivenciar essa. Foucault (1988), em sua obra *A vontade do Saber*,

relacionada à História da Sexualidade, expõe que desde o Século XVII, o sexo ganhou um discurso geral, porém que esse era realizado sob uma espécie de normativa, essa que era regida pela escola, pelo estado, pela família e, também, pela medicina. Essas instituições, mesmo que não de forma restritiva, punitiva, exerciam certo poder sobre sexualidade dos indivíduos, construindo-as para essas ordens. Trago essa passagem de Foucault, como forma de complementar a discussão referente à construção do ser homem e ser mulher e a influência que os meios institucionais e legais exercem sobre essa.

Recomendações, vocábulos de ordem nos interrogam incessantemente, disciplinando-nos sobre a saúde, comportamento, religiões e amor. Com isso, pronunciam o que devemos priorizar, acolher ou o que devemos enjeitar, auxiliando-nos a construir corpos e estilos, as quais nos guiam sobre a maneira de existir e viver. Como já citado anteriormente no texto, alguns desses conselhos partem de instituições que já são reconhecidas por certo grau de poder, como a ciência médica, família, religião e justiça (LOURO 2008). Essas autoridades, em nosso cotidiano, seguem nos moldando, tais como o barro do escultor, nos mostrando os caminhos certos e incertos, as coisas corretas ou incorretas, as posturas decentes ou indecentes, o que é ser homem ou não, o que é ser mulher ou não, e o que devemos fazer para sermos reconhecidos e respeitados enquanto tal.

Abordei a questão da construção social acerca dos indivíduos e as forma de ser, estar, viver, para adentrar à problemática da prostituição. Como foi passível de observar no início do texto, com a frase de Beauvoir, que se refere à construção do ser mulher, ou seja, algumas características e comportamentos que denotam o ser mulher na sociedade. Profissional do sexo vem confrontar com os comportamentos esperados para uma mulher de recato, submissão, fechamento, doçura. Ela rompe com essa ética esperada de seu corpo, de sua postura. Ao se exhibir, ao erotizar a sua figura, ao conquistar os homens, ao ir à luta por sua presa, repassando a ela um papel que é masculino. Dessa forma, é anulada nesse ponto, ou na melhor das hipóteses, o seu lado de mulher fica latente, dando lugar apenas a sua profissão. Pois, ainda hoje, na contemporaneidade, mesmo que de forma mais sutil, essas características formam o ser mulher, e aquelas, no caso das profissionais do sexo, que não se enquadram nesse estereótipo de ser mulher, acabam sofrendo a exclusão e, quando a figura da mulher é posta em dois lados, aquela que é decente para casar, e a prostituta libertina, muitas vezes nem reconhecida como mulher, que

é para realizar fantasias, não merecendo ser valorada.

Essa divisão da mulher profissional do sexo e da não profissional, talvez seja um dos principais problemas que as mulheres que exercem a prostituição enfrentam, podendo arriscar em dizer que esse seja o fio condutor de tudo. Scott (2005), ao tratar a questão de indivíduos e grupos, expõe que ao escolher o grupo, anula indivíduo. A profissional do sexo ao escolher a prostituição (grupo de trabalho), anula o ser mulher digna, mulher normal, por toda a problemática de estigma em torno de seu trabalho.

Louro (2008) expõe que é necessário discernir quem é considerado um indivíduo normal e aquele que é posto no padrão da anormalidade. As ideias de norma e distinção são especialmente importantes atualmente. Faz-se necessária uma reflexão sobre os seus conceitos. Ou seja, porque determinados sujeitos são considerados normais, e outros, não, o que determina essa normalidade. O que faz com que a profissional do sexo seja segregada das mulheres comuns? Seria o fato de a sua atividade envolver a sexualidade, prazeres sexuais, algo que à mulher, muitas vezes, é imposto de forma comedida?

A diferença não preexiste nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; em vez disso, ela é atribuída a um sujeito (ou a um corpo, uma prática, ou seja, lá o que for) quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a um outro que é tomado como referência. Portanto, se a posição do homem branco heterossexual de classe média urbana foi construída, historicamente, como a posição de sujeito ou a identidade referência, segue-se que serão “diferentes” todas as identidades que não correspondam a esta ou que desta se afastem (LOURO, 2008, p. 22).

A diferença só existe porque se atribui a alguns indivíduos, com base em atributos socialmente construídos, o grau de normalidade, quando outros contrapõem a esses atributos tidos como “normais”, os quais são estereotipados como “anormais” e sofrem o estigma, a segregação, por serem quem são. Ou seja, como Goffman (1988), expõe que os sujeitos normais são o patamar para segregar os demais. Assim é o caso da profissional do sexo quando se dedica à prostituição; o status de normalidade é rompido, pois ela deixa de manter comportamentos esperados para uma mulher ou, melhor dizendo, ela age de algumas formas que são condenadas a essas. Desse modo, ocorre a seletiva entre as mulheres de bem, para casar, mães de família e a profissional do sexo; apesar de muitas mulheres que exercem a prostituição perpassarem entre os primeiros papéis, pelo de mulher de família.

Moraes (1995) discorre sobre a dualidade presente nos modelos de representação da sociedade ocidental, esses que oportunizaram a criação de formas duais de classificação, a exemplo: certo/ errado, imaculada/ pecadora, puta/casta, dentre outras. Na criação desse sistema de categorias, os locais com características eróticas e libertinas, são considerados espaços para as mulheres pervertidas, despudoradas, pecadoras. Essas classificações interferem na ordem moral, as pervertidas vão se ocupar em deixar longe das puritanas os tipos vistos como sexualmente pervertidos. O lado da libertinagem seria para a profissional, o lado do lar, da família, para as demais moças.

Perrot (2003) retrata em sua obra, o comportamento que as mulheres do século XIX, deveriam seguir para serem consideradas boas e dignas. A autora relata que essas mulheres deveriam ser discretas, se mostrando muitas vezes por meio de códigos, que variam de acordo com a sociedade vigente. O pudor era intrínseco da mulher dessa época, elas não poderiam falar de sexo, deveriam ficar dormentes em meio a ele. A mulher, nessa época, era ligada ao pecado, sendo grande tentadora a induzir os outros a cometê-lo. Por isso, muitos eram os artifícios para deter esse pecado, para calá-la, vedá-la.

Para elas, o prazer era proibido, até mesmo negado, a experiência dessa sensação era coisa de prostitutas, ou seja, o prazer, a sexualidade, diferenciava as boas das más mulheres. Dessa forma, a profissional do sexo era (e, ainda é) assimilada ao pecado, pois ela rompe com a pureza, com a discrição que é cabível à mulher, pois ela desfruta e faz os outros desfrutarem de inúmeros prazeres, portanto, seriam elas as pecadoras mais potentes.

Dois séculos se passaram desde o século XIX, no entanto, a dicotomia entre as boas e as más mulheres se faz bastante evidente na contemporaneidade e impregna o pensamento e as ações de muitas pessoas, que são levadas a acreditar que a profissional do sexo é uma espécie de feiticeira perigosa, que sai pelas ruas dissipando as mentes corretas de homens, sendo uma afronta à esposa imaculada. Essa colocação da profissional enquanto uma ameaça à boa moral é bastante visível no relato abaixo:

*Você não quer estragar a vida de ninguém, e não vai até a casa de ninguém chamar o homem para vir, ele vem porque quer (CAPITU).*

Exemplificando essa distinção entre mulheres boas e más, valho-me de Scott

(1989), quando ela apresenta que Eva e Maria são visualizadas como símbolo de mulheres, porém que, no legado Cristão Ocidental, elas assumem papéis contraditórios, mesmo pertencendo ao mesmo gênero. Maria carrega o mito de luz, purificação, inocência, ao passo que Eva sustenta a escuridão, a poluição, a corrupção. Esse fato pode ser compreendido pela ótica de que Eva provou do fruto proibido (prazer), desrespeitou regras e induziu o homem (Adão) a pecar; porém, Maria era casta, recatada, complacente às situações. Trazendo para a realidade experimentada pelas profissionais do sexo, esse fato ainda se faz presente, elas são as Evas, pois vivenciam o pecado, o contrário e as mulheres que não dedicam-se à prostituição, são Marias, por sua pureza e afastamento do pecado, do condenado; uma é para casar, constituir família, a outra para o prazer.

Brivio (2010) conta que até meados de 1970, a preocupação com a preservação da honra e com o manter-se virgem assombrava uma grande parte das mulheres, a preocupação em ver a sua imagem vinculada a algo impuro era bastante forte, pois se assim não fosse, muitas eram excluídas e impedidas de se casar. É passível de observação que esse ditame de regras evoluiu consideravelmente, a virgindade, na cultura ocidental não é, em muitos casos, valorada como algo primordial para o casamento. O que não mudou é que as mulheres ainda continuam presas a algumas dessas exigências, como ter parceiro único, conhecer aquele com quem terá relações sexuais, bem como manter uma postura adequada. A seleção para o casamento ainda existe, de forma menos rigorosa, mas existe. As profissionais do sexo são, então, o contraponto desse perfil, sendo segregadas para o lado do prazer, mas nem sempre do casamento.

Barreto (2008), com base em sua pesquisa com profissionais do sexo de Belo Horizonte, considera que existe uma linha que divide as mulheres boas e más, em que a figura da “puta” exerce uma espécie de separador e disciplinador das mulheres, dando ênfase à virgindade e à monogamia, rebaixando aquelas que ousam ir para o outro lado dessa divisão. Essa divisão pode ser responsável pela grande exclusão que as profissionais do sexo vivenciam.

Os locais de prostituição, espaços onde os prazeres se dão de forma livre, foram constituídos como contrários ao domicílio, espaço no qual se dá a procriação. Esses dois ambientes, lar e zonas de prostituição, são incompatíveis, aquela em que cursa um, não pode ser vista no outro. Ao mesmo passo que podem se aproximar, haja vista que muitas profissionais sonham em casar-se e assumir o papel da

respeitável dona de casa, o mesmo acontece com as outras mulheres, que pensam na sexualidade libertária da profissional do sexo, nas práticas e fantasias que elas realizam algo que para elas, muitas vezes, é impedido (CECCARELLI, 2008).

As profissionais do sexo e as mulheres que não exercem tal profissão, ao mesmo tempo em que são colocadas, visualizadas e vivenciadas enquanto seres opostos podem, algumas vezes, querer a troca de papel ao observar o viés bom de cada lado. Mas isso, na maioria das vezes, não se configura; a linha nada tênue que as separa, é constantemente reafirmada no meio social, fazendo com que, apesar de todas serem mulheres, sejam segregadas como boas e más, ficando a profissional do sexo em desvantagem, pois ela não reproduz, ou não reproduz fielmente o papel criado, idealizado e imposto para uma mulher.

#### 4.3 PROFISSIONAL DO SEXO E CLIENTE: O QUE PERPASSA ESSA RELAÇÃO?

“Se existe quem vende prazer é porque existe quem o compra” (BRUNS; GOMES JR, 1996, p.5). Iniciando o terceiro capítulo apresento algumas interrogações, referentes a prática prostitucional das suas casas noturnas de Guarapuava, buscarei esclarecer no decorrer do texto esclarecê-las. Quem são esses clientes? O que eles procuram? Que relação existe entre eles e as profissionais que os assistem?

A ocasião que assinala com maior grau a atividade prostituinte é aquela que vai desde a oferta dos serviços por parte das profissionais do sexo aos seus clientes até a transação comercial, que permitirá a realização de um acordo verbal entre as partes, sobre a forma como se dará o programa (MORAES, 1995). Como é perceptível, os clientes são peças essenciais no labor da prostituição, pois como Bruns e Gomes Jr (1996), p. 5 expõem, só existe o comércio dos prazeres, porque tem quem o busque e pague por ele. Os mesmos autores colocam que os clientes são uma espécie “coautores”, “corresponsável” dessa forma histórica e rentável de vivência da sexualidade, em suas distintas versões.

Corroborando com Bruns e Gomes Jr (1996), Oliveira (2007) vê o cliente como pessoa indispensável para o entendimento do universo da prostituição, visto que é para ele que a profissional do sexo desempenha o seu serviço e habilidades. A atividade prostituinte só existe se houver alguém que fomente e pague por esses préstimos. Esse fato foi bastante perceptível durante a minha pesquisa, pois quando



as mulheres eram questionadas sobre o seu trabalho e o desenrolar deste, os clientes eram muito citados, por vezes, as práticas com esses realizadas, o momento da negociação, o tipo de cliente, foi o fio condutor do depoimento.

#### 4.3.1 Mas, afinal, quem são esses clientes?

*Os clientes que frequentam aqui geralmente são homens de bastante idade, vem alguns novos também, a maioria casados, mas tem os solteiros, são héteros, até agora não veio nenhum gay (CAMÉLIA).*

*Eu tenho clientes de todas as idades, velhos, jovens, meia idade, de todos os tipos. Na casa só não é permitida a entrada de mulheres, só nós que trabalhamos aqui e algumas amigas, mas poucas vêm aqui (SABRINA).*

*A maioria dos clientes são homens, sem descrição de idade, desde aquele que tem dezoito anos, porque sendo menor de idade não pode vir, até o de cem, se existir um com cem anos, ele ainda vem. E às vezes vem alguma mulher, como já vieram casais, sabe? Então é bem diversificado (HILDA)*

*A maioria dos clientes são casados, acima de 30 anos de idade, mais novo que isso eu não faço muita questão de atender, porque demora mais, é uma coisa mais automática, o menino é mais complicado, o mais velho é rápido, o sexo é mais rápido, o dinheiro entra mais fácil (CAPITU).*

Como foi possível observar nos relatos, não existe o perfil único de clientes, são pessoas com variadas características e interesses, que procuram os serviços de prostituição. É observável, que algum tipo público predomina como é o caso de homens, heterossexuais, acima de 30 anos. Foram raras as vezes que elas relataram fazer programas com mulheres, os clientes são, sim, em maioria, homens. Esse fato pode ser associado à questão que a sexualidade da mulher, ainda é vista como restritiva em relação à do homem; casas de prostituição, são vistas como locais totalmente inapropriados para uma mulher, pois essa, seria desvirtuada e comparada a uma profissional do sexo. Diferentemente dos homens, as mulheres devem manter os seus desejos com certa postura, não podem ou não devem, buscar meios alternativos de satisfação. Apropriando-me de um conceito trazido na obra *O uso dos prazeres de Foucault (1984)*, as mulheres devem ser temperantes, ou seja, controlarem os seus desejos.

*O cliente bom é aquele que não quer ficar me pegando, não queira dar tapa em minha bunda, não fique querendo por as mãos nos meus seios, isso eu odeio aquele que tenha bastante dinheiro, isso em primeiro lugar, trezentos, quinhentos, dinheiro mesmo, ainda que saiba conversar. Gosto de cliente que fica com duas, três, quatro meninas, bebendo, uma conversando com a outra, com ele, isso é muito bom, o resto é putaria (SABRINA).*

*Um cliente bom é aquele querido, que chega e gasta com todo mundo, que tem a carteira cheia de dinheiro, faz festa com todos, não escolhe uma pessoa só, não troca o lugar que você trabalhar por outro, que pega do dinheiro e vem gastar direto aqui (CAPITU).*

*O cliente ruim para mim é aquele muito sarna, aquele que paga uma dose, uma bebida e já se acha meu dono, fica com ciúmes, você não pode olhar para os lados, conversar com ninguém, quer mandar em você (LOLA).*

Da mesma forma que os clientes instauram critérios de escolha em relação às profissionais do sexo, elas também desenvolvem recursos que em certa dosagem lhes permitem exercer uma espécie de comando de seus clientes, podendo esta se dar através de uma seleção preliminar (MORAES, 1995). Esses critérios por elas elencados, de aceitação ou rejeição, fundamentam-se em contradições, que demonstram os mesmos princípios vistos pela comunidade, em geral, por meio de um dualismo, ou seja, como bons ou ruins. Por exemplo, cliente cortez/agressivo, sadio/doente, honesto/desonesto, entre outros (MORAES, 1995).

Gaspar (1985) explana algumas características do bom cliente, o que é alvo das profissionais do sexo. Sendo aquele que cumpre com o pagamento e, por vezes, paga além do combinado, que a trata com sutileza na relação sexual, que apresenta uma boa conversa. Esse cliente pode vir a ser um verdadeiro confidente dessa mulher, tornando-se o seu cliente fixo. Assim, a profissional do sexo, mesmo que de forma sutil, apresenta certo poder em relação a sua clientela, baseado na seleção realizada do bom e mau cliente.

Na relação de profissional do sexo e clientes, o exercer o poder fica bastante alternado. No desenrolar da atividade, ambos têm momentos em que exercem certo grau de poder sobre o outro, como será abordado no texto. Louro (1997) apresenta que os povos dominados são, em diversas situações, eficazes em transformar os locais e momentos de opressão, em locais de firmeza e prática do poder. A figura da profissional do sexo é, muitas vezes, vista sob duas óticas, como a detentora do saber sexual e também como a vítima da situação, que submete-se a qualquer coisa para satisfazer o seu cliente e lucrar. Na prática, isso não se esculpe, pois ao selecionarem os clientes preteridos, estipularem horários, preços, ações que serão ou não realizadas, as profissionais detêm uma espécie de poder nessa relação. Ao passo que esses clientes também realizam o poder sobre elas, quando lhes obrigam a realizar práticas e as desvalorizam por serem profissionais, quando acham que, porque estão pagando, o corpo da profissional é público, quando elas se sentem obrigadas a simular um orgasmo para agradá-los, para se sentirem viris, dentre

outros. São essas simbologias que remetem ao domínio do cliente na atividade da prostituição.

#### 4.4 DE QUE FORMA SE DÁ ESSA RELAÇÃO? O QUE ELES PROCURAM?

##### 4.4.1 Além do sexo convencional

*Somos mais psicólogas do que qualquer outra coisa, muitas vezes eles vêm mais para conversar e desabafar do que para ter relações sexuais (HILDA).*

A relação entre profissional do sexo e clientes não perpassa apenas o ato sexual, mas, vai muito além. É muito comum, as mulheres serem confidentes de seus clientes, por serem pagas pelo encontro e por serem julgadas como indivíduos marginalizados, não pertencentes à camada social do cliente, são procuradas como conselheiras de situações alheias a conversas e debates, no meio que ele frequenta. Elas são procuradas para solucionar e ouvir desabafos de problemas familiares, de disfunção sexual, ou ainda, quando o prazer sexual somente é conseguido por meio de fantasias que só as garotas estão dispostas a satisfazer (GASPAR, 1985).

As confissões feitas a uma profissional do sexo jamais terão reflexos no clã social do cliente. Ele está protegido pela distância social existente entre a profissional e ele (GASPAR, 1985). As profissionais por se distanciarem, muitas vezes, do mundo social que o cliente frequenta, são uma alternativa bastante certa para que ele desabafe, pois ela não revelará tais segredos, haja vista que o homem, devido à ordem simbólica atribuída a cada um dos sexos, é a posição seco duro, como Bourdieu (2002) apresenta, então, para as profissionais do sexo, eles não precisam manter esse posicionamento, podendo agir da forma que quiserem, sem obedecer aos atributos estereotipados para um homem na sociedade contemporânea.

Oliveira (2007) retrata esse quadro ao afirmar que as profissionais do sexo desempenham papel terapêutico com os seus clientes, pois muitos procuram os serviços para conversar sobre os problemas pessoais. Sejam estes ligados à autoestima, conflitos com o cônjuge e filhos e em relação ao trabalho. A autora conta, também, que nessas situações as profissionais lhes ouvem atentamente, demonstram afeto e solidariedade para com eles e, quando necessário, elevam a autoestima desses. Barreto (2008) p. 72 expõe esse lado da prostituição que não se

restringe ao ato sexual “Não basta fazer sexo, é preciso saber como seduzir e satisfazer o ego do cliente”. Essa busca que o cliente faz, para elevação da autoestima, e a obrigatoriedade da profissional do sexo em fazer, é uma forma de dominação, de poder simbólico. Bourdieu (2002) expõe que as mulheres são organizadas para serem exibidas na forma de objetos ofertados no comércio de bens simbólicos, são condicionadas a desempenhar ações que agradem e seduzam os homens, ao mesmo passo que é submetido a negar certas ações de sedução. Assim, muitas vezes, as profissionais são levadas a elevar o ego do cliente e, ao mesmo tempo, a se curvar diante de algumas ações, a fim de não invadir o espaço dele.

Ao se posicionarem como responsáveis pela satisfação de seus clientes, as profissionais do sexo compreendem que algumas ações eróticas e afetivas devem ser realizadas para suprir algum déficit desses. Elas declaram ser relevante a sua generosidade e fazer com que o cliente reavive dentro de si o sentimento de onipotência, já que isso é o que muitos procuram (MORAES, 1995).

Ceccarelli (2008) argumenta que existem clientes que pelo fato de pagar pelo programa, presume a certeza do poder, da virilidade, especialmente quando o desempenho sexual não é dos melhores; é, ainda, uma forma de neutralizar as inseguranças e fracassos de cunho afetivo e sexual. Esse fato denota que muitos homens procuram as profissionais do sexo para se sentirem viris, ou seja, para dominarem, para reproduzirem aquilo que a sociedade, de forma simbólica ou não, espera deles, o domínio sobre a mulher e a sua sexualidade, sendo superior a ela e a dela; como se o fracasso, o falhar fosse destinado apenas às mulheres. A relação com uma profissional do sexo é uma forma, como já dito, de elevar o ego, de sentir-se o homem, o dominador. No entanto, há casos em que este homem não busca a sua autoafirmação enquanto um ser viril, mas sim quer se despir dessas obrigações a ele empregadas.

*Uma vez em Santa Catarina, o rapaz me perguntou se eu fazia sexo anal, já era um senhor de idade, bom porte, bem arrumado, e eu falei que não, então ele conversou com todas as meninas e voltou para conversar comigo, e ele disse, não é com você moça, é comigo! Tive que fazer sexo com ele, coloquei a camisinha nos dedos e mandei para dentro, e ele falava eu quero mais, eu quero mais, e eu coloquei a camisinha no pulso todo e coloquei, foi uma experiência chocante, mas é legal, eu dou risada depois, até por isso eu tenho um pênis de borracha, sempre acontece de aparecer um louco, e eu já tenho um negão, acho mais fácil e menos nojento (CAPITU).*

*Existem louco para tudo, já atendi clientes muito diferentes uns dos outros, umas vezes eu conheci um em Santa Catarina, que ele passava no*

*mercado e comprava um chinelo havaiana, ele escolhia o número e a cor, quando ele chegava na boate, colocava no pé das meninas, aquele que servisse, era com ela que ele iria para o quarto. Não sei o que se passava pela cabeça dele, chamávamos ele de “havaianinha”. Todas as meninas tinham vários chinelos, pois toda a semana ele estava lá. Quando íamos para o quarto, ele colocava o chinelo em nosso pé e ficava acariciando, depois de um tempo, saía correndo, não fechava a porta, saía com as mãos sobre o pênis, acho que ele mesmo gozava (LOLA).*

*Tem homens que no salão são machões e chegam no quarto e viram uma flor, dão o ânus, pedem para colocar camisinha do dedo e introduzir neles, pelo amor, tem em todas as zonas isso. Uma vez teve um cliente que comprou o sutiã de uma das meninas por vinte e cinco reais, ele vestia e ficava olhando-se no espelho e quando chegava alguém, ele escondia, o homem era lindo, lindo, jovem para caramba. Mas é isso, vamos satisfazer o cliente (SABRINA).*

O Homem, na sociedade, em variadas épocas, sempre foi visto como um ser inabalável, o qual tinha que dominar toda e qualquer situação, mantendo uma aparência viril, pois era isso que dele era esperado. Que fosse o duro, o seco, que estivesse sempre por cima, como Bourdieu (2002), retrata no esquema sinóptico das oposições pertinentes. Ao passo que a mulher, era o mole, o molhado, o baixo, o dentro, aquela que era condicionada a ser penetrada.

Heilborn (1999) coloca que, para o homem, é primordial preservar o posicionamento de condutor da situação, aquele que guia com as suas rédeas, ainda que muitas vezes ele não consegue fazer. O mesmo autor esclarece que, culturalmente, a masculinidade pode ser definida através da propensão ativa para o sexo. Nos relatos acima, foi possível observar que os homens procuram as profissionais do sexo para realizarem essas fantasias íntimas, nas quais, ele não necessariamente precisa exercer a posição de dominador, de ativo, e sim quer ocupar o local, que sócio- historicamente foi construído para a mulher, o de passiva, penetrada.

Bourdieu (2002) expõe que a vantagem masculina, nos esquemas das dominações, também é uma espécie de armadilha e acha a sua compensação na tensão e contensão infundáveis que, muitas vezes, leva ao incoerente, condicionando todo o indivíduo do sexo masculino a assegurar, em todo o espaço a sua virilidade. O homem, então, por toda a situação de dominação, de controle da situação, acaba sendo vítima da sua própria dominação, ou seja, ele é dominado por exercer sua dominação, pois tem que manter certa postura diante da sociedade, não podendo, ou tendo que camuflar os seus desejos, pois não se pode curvar diante de uma mulher e assumir o lugar que essa ocupa, de fragilidade, de inferioridade.

“Desejos reprimidos são presentes no inconsciente e constituem uma ameaça permanente para a estabilidade da identificação de gênero, negando sua unidade e subvertendo sua necessidade de segurança” (SCOTT, 1989, p.16). Os desejos dos homens, tidos como não convencionais, são uma ameaça a sua posição viril, por isso muitas vezes só são realizados em espaços escondidos, próprios para tal.

Foucault (1984, p.15), fala da arte da existência, que são atos reflexivos ou instintivos por meio dos quais os homens não apenas estabelecem normas de atuação, mas, além disso, buscam se transmutar remodelar o seu eu singular e fazer da sua existência uma criação, que seja portadora de determinados princípios estéticos que atendam a certos preceitos de estilo. Trazendo para a problemática discutida, os homens fixam regras de conduta e transformam, até mesmo o seu desejo, as suas particularidades, em prol dessas.

Explica-se, dessa forma, a procura dos clientes homens pelas casas noturnas, objetivando a realização de fantasias, o prazer sem condenação. Muitos homens a procuram para despir-se dessa figura viril, sem que tenham que ter obrigatoriedade de estar demonstrando isso, pois aquelas mulheres que lá estão, diferentemente da figura destinada à mulher, não lhes julgam, não lhes condenam, e por não serem mulheres vistas como comuns não necessariamente precisam reproduzir aquele papel de dominação, sendo assim, vítimas de sua própria condição. Espera-se na casa noturna que esses homens vão exercer a sua virilidade, de conquista, de dominação sobre os corpos das profissionais, mas o que acontece comumente é que vão lá para libertar-se desse revés que a sua própria dominação, caracterizada como a dominação masculina lhe causa.

Pois na instituição do casamento, com algumas ressalvas, o homem é obrigado a assumir o papel de chefe de família, aquele que tem controle e domina a tudo e a todos. Essa postura o obriga como já explanado, a abdicar de alguns de seus possíveis desejos, visto que muitas vezes a companheira não entenderia; além do mais, a sua figura de ser dominante ficaria abalada, devido à figura estereotipada e preconceituosa que se tem do homem, o homem machão.

A relação conjugal ainda é vista como sagrada, logo, essas práticas tidas como pervertidas, não caberiam dentro dessa. Foucault (1988) apresenta que até o final do século XVIII, existiam muitas regras em torno da sexualidade, e que essas eram empregadas pelo direito canônico, a pastoral Cristã e a Lei Civil. Essas entidades separavam aquilo que era lícito do que era ilícito. O casamento não fugia

disso e estava sob uma intensa carga de regras e recomendações. Na visão social, mesmo três séculos adiante, em muitas concepções, o sexo dentro do matrimônio ainda é regrado, visto como algo puritano. Dessa forma, as profissionais do sexo surgem como uma possibilidade de se realizar, sem que se manche a figura do casamento. A esse fato Gaspar (1985), chama de mal necessário, uma espécie de acordo funcional, protegendo a família, dos desejos incessantes do homem. Visto que ele, enquanto o grande macho, não os pode reprimir, então precisa de uma ajuda.

Os clientes observam a prostituição como uma alternativa para experienciar sua sexualidade de forma plena, sem restrições, compromissos ou condições que os relacionamentos tradicionais exigem. A profissional do sexo representa a fantasia, a aventura, a excentricidade, o erótico, ou qualquer outro personagem que a imaginação puder criar. Os homens procuram as profissionais do sexo para a satisfação de fantasias eróticas e proibidas, como práticas que na vida cotidiana não podem realizar (RUSSO, 2007; OLIVEIRA, 2007).

As profissionais do sexo entrevistadas por Lopes, Rabelo e Pimenta (2007), relataram que, somente nos encontros com elas, os clientes conseguem despojar-se e assumir outras identidades. Na fala das profissionais fica evidente que os clientes encontram na prática prostitucional um meio de viver sem aparências e realizar-se com princípios que a sociedade condenaria, ou que ele mesmo custa a aceitar.

Ceccarelli (2008) corrobora com o acima exposto quando coloca que a casa noturna é um ambiente onde os prazeres tidos como ilegítimos podem se realizar, através da convivência entre aqueles que lá comparecem. Esse local possibilita ao homem experienciar fantasias eróticas secretas, sem que isso afete sua identidade social. Além do mais, os possíveis insucessos sexuais ficam guardados neste ambiente.

O espaço das casas de prostituição é o lugar onde homens e mulheres vivenciam alternativas de perda de identidade no ato sexual, de desterritorialização da sua subjetividade ao trocarem os posicionamentos, abrem espaços à expressão de pulsões que não podem ser reprimidas, porém, que não se realizam no casamento normalizado, convencional (RAGO, 1990).

As profissionais do sexo, por serem produtos da sociedade, muitas vezes estranham esses comportamentos nada convencionais, como foi possível observar no relato de duas delas, porém, por estarem fazendo um trabalho e recebendo por

isso, elas acabam avaliando apenas o lado do cliente, mesmo que para elas isso não seja bom, não seja o certo. Retorno à questão do poder simbólico, esse que alterna de profissional para clientes, dependendo da situação, quando se submetem a algo que não gostam para agradar o cliente, o poder passa para ele, pois a postura da mulher é agradar, satisfazer. Ao mesmo passo que, quando assumem a posição de ativas na relação sexual, assumem o comando da situação, exercendo um poder que, a priori, é dado ao homem.

#### 4.4.2 E para a profissional existe prazer?

*Tem alguns que sinto prazer, pela falta de ter um só para mim, às vezes eu pego qualquer um e falo assim: hoje eu vou relaxar, então é esse mesmo, pode ser feio, bonito, gordo, preto, branco, tanto faz, às vezes acontece assim, de eu fechar os olhos, imaginar alguma coisa e vai ali mesmo, muitas vezes. Eu acho que todo mundo, todo o ser humano precisa de um momento de prazer, então uso aquele que vier primeiro (CAPITU).*

Por diversas vezes, pensa-se que a profissional do sexo é um ser assexuado, submisso, que não sente prazer na atividade que desempenha que apenas o faz pelo ganho monetário. Sim, isso também é verdade, muitas mulheres desempenham a prostituição para buscar o seu sustento, mas essa questão também envolve prazer, o prazer do dinheiro. No entanto, existem aquelas que sentem prazer sexual com os seus clientes, que lhes buscam para a satisfação de suas necessidades sexuais do prazer, do relaxamento, como a profissional acima relata, e isso é algo bastante complexo no entender da sociedade, o prazer sexual e o trabalho andando juntos.

Ao longo da história, a ligação entre o trabalho e o prazer é algo incongruente, especialmente no momento em que a Igreja influencia o indivíduo a negar o prazer, através de códigos morais, impossibilitando regularmente a sua ligação com a sexualidade, com o prazer. Por esse motivo, a prostituição, que visibiliza a sua atividade vinculada ao prazer, é condenada, pois não há tempo para senti-lo, tempo é dinheiro (FERNANDES, SOUZA, 2013). Nega-se, dessa forma, que a profissional do sexo possa sentir prazer em sua atividade, pois ela está trabalhando, recebendo, como se o dinheiro anulasse o prazer que ela sente, quando é o contrário, ele potencializa esse bem estar.

No ambiente do erotismo e do comércio do sexo, o entendimento da sexualidade dessas mulheres não é notado pelo meio social. O padrão masculino se



sustenta em aspectos de auto realização, ao passo que o feminino abarca um grande número de imposições e limitadas compensações. Dessa forma, a prostituição pode ser uma alternativa de a mulher vivenciar a sua sexualidade de forma não submissa (PENNA et al, 2013). Como foi anteriormente relatado, o poder nessas relações alterna-se e ela também pode buscar a sua satisfação.

Na contemporaneidade, assim como historicamente, a sexualidade<sup>15</sup> conserva-se como objeto de comando das sociedades. Alargam-se e modificam-se as suas formas de regulação. Pluralizam-se as esferas e as entidades que se propõem a impor-lhes normas (LOURO 2008). A sexualidade da profissional do sexo também passa por essa vigia, pois ela não pode sentir prazer, ela tem que se sujeitar apenas a servir o cliente, quando de fato isso não acontece.

Barreto (2008) expõe que, durante muito tempo, as profissionais do sexo não foram observadas pelo feminismo como indivíduos políticos e permeados de desejos, mas sim, como servas sexuais ou devassas. Na primeira colocação, se posicionariam como objeto estanque de dominação pelo homem, representando um padrão que impediria a igualdade entre os sexos. Na segunda, seriam visualizadas como libertinas, devassas.

No entanto, o que se percebe é que as profissionais do sexo, assim como todos os indivíduos, mulheres ou homens são dotadas de desejos e exercem certo domínio sobre eles; claro, que não se pode negar a dominação masculina que existe na relação prostitucional. Porém, essa profissional do sexo não é escrava do homem, ou aquela que vende o seu corpo, pois como já dito, esse é inerente dela. A profissional do sexo tem suas vontades e vale-se delas em sua profissão, experienciando, momentos de prazer com seus clientes, não ficando apenas à mercê destes.

Foucault (1984), ao abordar o uso dos prazeres sob a forma de códigos locais, coloca que esses devem respeitar alguns elementos, entre eles: o da necessidade e aquilo que a natureza designou como necessário, o temporal e circunstancial, o da oportunidade, e o último, o status próprio do indivíduo. No uso dos prazeres, as profissionais, ao se relacionarem com os clientes, buscando ou permitindo-se sentir prazer, estariam valendo-se do primeiro elemento, sendo a necessidade, ou a satisfação desses.

---

<sup>15</sup> Seguindo o conceito de Louro, entende-se por sexualidade os prazeres e desejos.

Moraes (1985) apresentou em sua pesquisa que as profissionais do sexo sentiam e permitiam-se sentir prazer nas relações com os clientes, ao ponto de adotarem determinadas práticas que, para elas, seriam mais prazerosas e que esse fato, o de sentir prazer, era uma espécie de recompensa pelo trabalho desempenhado. Algumas justificavam esse sentir, pela necessidade fisiológica do sexo, do prazer.

*Penso que toda a mulher da noite é carente, muito carente, quando alguém oferece aquele carinho, aquela palavra bonita, você já ama, sente-se um pouco mais gente, mas à medida que ama já deixa de amar. Tem alguns clientes que são separados, então aviso para as colegas que naqueles elas não podem chegar porque eles são meus (SABRINA).*

*Acho que foi pelo jeito do cliente, a forma como ele trata... porque tem clientes que chegam e já querem sexo, tem aqueles que respeitam. A maneira como o cliente me trata, algumas vezes, ajuda a sentir prazer (CAMÉLIA).*

Barreto (2008) em sua pesquisa constatou que algumas profissionais do sexo, por ela entrevistada, afirmaram que manter relações sexuais com clientes é muito relevante enquanto fonte de prazer, pois pode amenizar a falta de algumas coisas que elas não encontram fora do universo da prostituição. As profissionais do sexo, por todo o estigma que carregam, por vezes, são desmerecidas enquanto mulheres, como já mencionado no capítulo. Quando essas são tratadas de forma delicada, com gentileza, para elas é como se ressaltassem a figura de mulher digna, afastando a libertina sem sentimentos, o que faz com que se sintam melhor, mais valorizadas diante da situação.

A relação afetiva com os clientes torna-se um meio delas se sentirem queridas, não apenas observadas pela ótica da geração de fantasias sexuais, o que faz com que, por vezes, elas se encantem, ao ponto de fazerem deles os seus clientes fixos, com os quais a aproximação de outras garotas torna-se proibido, uma verdadeira afronta. É notório, em minha pesquisa, que o prazer é algo que está direta e indiretamente ligado à atividade da profissional, ou seja, ela é capaz de sentir prazer em sua profissão, e que esse é totalmente dependente da forma como o cliente a trata, com atenção, carinho, respeito.

*Mas é bem difícil sentir prazer, porque estou fazendo um trabalho, já consegui sentir no máximo umas cinco vezes (CAMÉLIA).*

Na fala da profissional acima, contrapondo o discutido, ela ressalta a dicotomia entre trabalho e prazer, em que diz não sentir prazer com frequência, pois está trabalhando. Resgatando o que Fernandes e Souza (2013) trazem, que historicamente trabalho e prazer são oponentes, aquele que cursa um não pode sentir o outro. No entanto, essa mesma profissional assume sentir prazer, mesmo que não seja com frequência, denotando que a atividade laboral da prostituição é uma oportunidade da mulher viver a sua sexualidade da forma que escolheu ou que é condicionada.

O vivenciar a sexualidade na atividade da prostituição é algo bastante difícil de ser visualizado, visto que envolve muitas facetas, muitos estigmas, pois pensa-se na profissional como uma máquina de fazer sexo, totalmente promíscua e sem seus próprios querereres, esquecendo que por trás daquele corpo que trabalha, tem um sujeito com a sua subjetividade que, assim como qualquer indivíduo, necessita experienciar seus prazeres e desejos, mesmo que isso ocorra em sua atividade laboral, através de pagamento. Essa última questão é a mais complicada de se entender, pois ela já recebe a recompensa, que é o dinheiro, logo, não necessitaria de outro bônus, que é o prazer. A verdade é que, na prática, tudo muda, a sexualidade da profissional inventa-se e reinventa-se a cada momento, sendo influenciada por variados fatores, tais como, carência, necessidade, clientes, trabalho, expectativas e sentimentos. Dessa forma, ela não pode ser negada e negligenciada, mas deve ser vista sob a mesma ótica de outros indivíduos que, também, possuem vontade de vivenciar seus prazeres e desejos.

## 5 PALAVRAS FINAIS

A pesquisa sobre o cotidiano de trabalho das profissionais do sexo, de casas noturnas de Guarapuava-PR, permitiu-me observar esse universo por meio de uma ótica variada. Visto que o universo da prostituição é permeado por distintas disciplinas, entre elas as sociais, biológicas, psicológicas e históricas. Ora, eu o visualizei pelo lado social, ora pelo lado psicológico, ora pelo lado biológico, ora pelo lado histórico. Essas disciplinas, de forma interligada, oportunizaram-me compreender, ao menos em parte, o que se passa na prostituição de casas noturnas em Guarapuava-PR, visto que seria inviável adentrar esse universo por meio de um mirante só. As narrativas das seis profissionais foram o auge desse estudo, pois permitiram que elas falassem por si mesmas, ou seja, deram voz àquelas a quem, diariamente, não exercem esse direito, haja vista, que o calar-se, o ignorar as suas vozes e vezes, seria mais uma das inúmeras violações que essas mulheres convivem diariamente, pois como discorri no estudo, além de serem mulheres, não são observadas e respeitadas enquanto mulheres comuns. Dessa forma, a técnica de história oral temática foi imprescindível para conhecer mais a fundo as vivências dessas mulheres nos estabelecimentos prostitucionais; ainda, mostrou-se como uma forma de valorizar a história e o trabalho dessas mulheres, por meio do respeito e tratamento da prostituição enquanto uma prática laboral.

Observei com a pesquisa bibliográfica e de campo, que a prostituição é uma prática laboral histórica, que vem se fazendo presente em todas as civilizações, assumindo distintas posições, as quais perpassam, desde a figura da divindade, adoradas em cultos sagrados, até a mulher sem moral, segregada pela sociedade. Na contemporaneidade nasceram distintas formas de exercer a prostituição, essas, que acompanham a modernização e a era tecnológica, visto que a prostituição enquanto um trabalho, também busca adequar-se para atender os diversos perfis de clientes e as suas necessidades atuais, a exemplo dessas formas de prostituição estão a via internet, a divulgada em blogs e aquela exercida em agências especializadas. Em minha pesquisa, por meio da narrativa das profissionais do sexo, pude perceber que, muitos dos aspectos que faziam parte da prostituição histórica, estão hoje presentes, como a visão social da atividade e das mulheres enquanto impuras, sem moral e valor, o discorrer do trabalho em si, a conquista dos clientes, o acordo, as práticas realizadas, e os motivos que as fizeram e as fazem adentrar tal

labor, dentre outros.

O ingresso na prostituição pelas entrevistadas vincula-se, diretamente, com o histórico de vida delas, mesmo cada uma apresentando seus motivos específicos, suas histórias são bastante parecidas, pelo que pude observar, em geral, o adentro foi associado as condições socioeconômicas desfavorecidas, nas quais, as profissionais do sexo, em meio à problemática social, falta de empregos, não encontraram alternativas a não ser ingressar nessa atividade, pois, era um meio rápido de ganhar dinheiro, sem a necessidade de qualificação educacional. Mas isso não é tudo, a carência econômica não pareceu ser o único fator que condicionou a escolha; um relacionamento amoroso mal resolvido; a autoestima baixa foi encontrada nos relatos como propulsores do ingresso de uma das profissionais do sexo. Uma vez que, a dinâmica da prostituição, a sedução, a disputa, faz com que ela se sinta desejada, poderosa, resgatando a deusa poderosa e adorada que está latente dentro dela, ainda mais quando esses pontos vêm acompanhados de uma boa oferta monetária ou de um tratamento especial.

O dinheiro foi relatado por elas, como o grande aspecto mantenedor e motivador da prostituição, afinal, mesmo com tantas adversidades, com a exposição constante, a vulnerabilidades, violações e discriminações dos mais variados cunhos, elas optam, direta ou indiretamente, por seguir nessa profissão, exprimem sim, o desejo de desvincular-se, porém, não empregam forças para tal. Podendo analisar que, mesmo com os aspectos negativos mencionados durante o trabalho, a prostituição é um aspecto importante na vida dessas mulheres, para além do dinheiro, os prazeres vivenciados (sexuais ou não), as experiências adquiridas nesse meio, modificam e influenciam na percepção (e auto percepção), postura, sentimento, pensamento, reações diante das situações e vivências cotidianas. Podendo dizer, que o trabalho está incorporado no habitus dessas mulheres, e mesmo, com todas as opiniões contra, que insistem em ressaltar o lado obscuro da prostituição, ela tem sim, como anteriormente apresentando, uma relevância ímpar para essas profissionais do sexo, que vai muito além de algo palpável, mas sim algo não visível, intrínseco a elas.

O caráter trabalhista da prostituição, ainda hoje, apesar do tempo de sua existência, é negligenciado. Ela, não é vista como profissão, como uma atividade comercial, mas sim como uma prática de perder almas, sejam essas almas as que trabalham, por corromperem a figura da mulher pura, de respeito, que não aflora sua

sexualidade, ou as que procuram por tais préstimos, sendo corrompidos pelas avassaladoras e sedutoras mulheres, mais uma vez, aliviando a responsabilidade dos clientes, e vestindo a fantasia de bruxas nas profissionais do sexo, quando na verdade os primeiros, são coautores de toda a atividade.

O que ocorre na prostituição, no caso das mulheres profissionais do sexo que entrevistei, é uma transação comercial, que se expressa, ela oferta e compra de serviços eróticos e sexuais, mas também, uma transação afetiva e social, pois as profissionais relataram ter relações, com alguns clientes, que vão além do dinheiro. Há troca de carinhos, sentimentos, escuta, apoio, lazer e prazeres. Aliás, o lazer e o prazer se mostraram presentes na vivência dessas mulheres, das mais distintas formas, o prazer sexual em si, o prazer em adquirir e frequentar lugares por elas considerados requintados e que sem o ganho advindo da prostituição não poderiam, o prazer da diversão em grupo na casa, o prazer de ser disputada pelos clientes, entre outros. Prazeres esses que resgatam e afloram o lado humano dessas profissionais, que as fazem sentir-se um pouco mais pertencentes a comunidade maior, que as fazem sentir-se um pouco mais vivas, um pouco mais mulheres, sem que tenham que carregar a mancha, que lhes é conferida, de ser profissionais do sexo. Ressaltando que a prostituição, nesses casos específicos, não é apenas o sofrimento e abnegação, mas também a diversão, o afeto, a compensação, expressos através dessas e de outras formas.

Os clientes foram destacados pelas pesquisadas como peças chave de todo o seu labor, pois, comumente a atividade prostitucional se inicia no exato momento em que a profissional vai até o cliente ou vice-versa, desenvolvendo-se a partir daí, uma relação com diversas faces, perpassando o poder, o querer, o bem querer, a dominação. Esses pontos, especialmente o poder e a dominação, em situações específicas estão com a profissional, e em outras com os clientes. Com a profissional, quando elas decidem o que e como será realizado o programa, partes que podem ou não serem tocadas, horários ou simplesmente quando assumem papéis que socialmente são designados ao homem, como a posição ativa e firme. Com o cliente, quando a profissional é condicionada a fingir satisfação e submissão sexual, quando ela tem que resgatar o lado duro, ereto e viril do homem, colocando-se na situação de inferioridade, de baixo, de mole.

Pude perceber que, contrapondo o que é popularmente empregado, na parte comercial da prostituição, a profissional do sexo não vende o seu corpo, pois isso é

algo intrínseco dela e de valor inestimável, o qual elas cuidam da melhor forma possível, valendo-se dele enquanto sua principal ferramenta de trabalho e seu bem estar, para realizar as fantasias e feitos sexuais, ao passo que este lhe proporciona também prazeres. Dessa forma, ao julgar o corpo da profissional do sexo como público, é totalmente errôneo, pois tal como o pintor utiliza de seus pincéis para desenvolver seus quadros, a profissional do sexo utiliza do seu corpo. Foi notória que a relação entre essas profissionais do sexo e clientes, não perpassou exclusivamente o ato sexual, como acima mencionado, essa relação tem múltiplos lados e envolve muitos fatores, esses que por vezes estão longe de ser apenas sexo, mas sim carinho, atenção, conversa, conselhos, companhia, ajuda mútua, entre outros. Pois o cliente homem, assim como a mulher também tem uma figura esperada socialmente, de forte, viril, ao adentrarem esses locais, eles podem despir-se dessa forçada armadura, visto que as profissionais habitam em um mundo longe do deles, e como não são consideradas mulheres comuns, eles podem abrir-se sem medo e amarras.

Pude compreender que as duas casas noturnas por mim estudadas não eram apenas espaço onde a prostituição se dava, ou seja, não se restringiam ao trabalho, mas iam muito além disso, trazendo significados diversos na vida das mulheres que lá trabalhavam e habitavam. As profissionais do sexo que nelas vivem formam comunidades, as quais fazem correlações com a comunidade Estética trazida por Baumam, pois nesses locais, elas podem sentir-se legítimas, mostrar quem realmente são, sem que caíam sobre elas olhares negativos. Foi possível observar que entre elas existem laços fraternais e união, mesmo que esses sejam passageiros, pois nesses locais a rotatividade é grande, podendo essas mulheres entrarem e saírem quando julgarem necessário, não tendo a obrigatoriedade de sempre pertencerem a uma ou outra casa noturna. Nessas comunidades, as casas noturnas, cada uma das profissionais do sexo fica responsável por alguma atividade, devendo seguir algumas regras para que consigam ter uma boa convivência e atingir o objetivo comum a todas, que é ganhar bons rendimentos com o trabalho e ter uma vida prazerosa. São nessas duas casas noturnas, que as principais relações de sociabilidade das minhas participantes ocorre, a exemplo do trabalho, relações afetivas, familiares, diversões, contato com a comunidade exterior dentre outros. Dessa forma, olhar esses estabelecimentos, com uma visão estereotipada, apenas pela lógica do sexo, como a maioria das pessoas fazem, é reduzir os vários pontos

que lá se desenrolam, é negar o caráter e aspectos comunitários dessas, empobrecendo um fenômeno interdisciplinar, que vai muito além dos nossos preconceitos e expectativas. Pude, vivenciar esse fato na prática, pois quando compartilhava as vivências e conhecimentos de minha pesquisa, muitas pessoas espantavam-se e diziam pensar que a prostituição era meramente relação sexual com pagamento, uma vida sofrida em troca de um pagamento, uma submissão eterna. Sim, isso também faz parte, mas como anteriormente abordado, não só isso.

Adentrando as adversidades que o labor prostitucional acarreta às profissionais do sexo por mim estudadas, foi possível visualizar que essas estão diretamente associadas ao estigma que acompanha a prostituição, ao ponto de anulá-lo enquanto trabalho, e mais que isso, anular as profissionais enquanto mulheres e seres humanos. O preconceito, e a discriminação foram constantes nas narrativas delas, o que para elas era um, se não o principal, ponto negativo do trabalho. O sexo e a sexualidade, especialmente ligados à mulher, permanecem, ainda hoje, sobre repressões; fala-se dele, no entanto, como Foucault (1988), discorre, sob um emaranhado de ditames, que são impostos pelos poderes que dominam as vivências das comunidades. Seria o fato do labor da prostituição envolver sexo e sexualidade o principal aspecto que potencializa a exclusão da prostituição enquanto um trabalho, ainda mais quando esse é realizado por mulheres, pois elas rompem e assumem papéis que não são esperados e reproduzidos socialmente como corretos para elas, elas mexem com sexo, com sexo com muitos parceiros, elas envolvem a sedução, elas tomam as rédeas, e isso, isso não é coisa de mulher, ou melhor, isso historicamente foi sempre reproduzido e aceito como algo não próprio de um ser mulher. Visto que, os estigmas, os tabus, os estereótipos cada vez mais cerceiam os indivíduos, construindo e desconstruindo posturas, saberes, falas. Como se para sermos homens ou mulheres, necessitássemos vestir um corpo pronto, com características pré-definidas e imutáveis; ou é isso, ou é permanecer na exclusão.

Ressalta-se, que a prostituição para essas mulheres não se faz apenas pelo lado do sofrimento, como socialmente reproduzido, elas nem sempre vestem o traje de submissas, sofredoras, muitas delas sentem prazeres e satisfações das mais distintas formas em seu trabalho, prazeres esses, que podem ser sexuais, que



podem advir do dinheiro, da compra de coisas e bens, da companhia, do convívio com pessoas diversas, das festas, dentre outros. E, são sujeitos de poder dentro do seu labor, poder este que é exercido de maneira bastante peculiar, mas está presente. Elas relataram poder decidir o que fazer, com quem fazer, como fazer e de que forma fazer, que horas parar, que horas começar, quando permanecer e quando sair, ao passo, que deixaram transparecer que muitas vezes também são oprimidas. Quando são condicionadas a realizar práticas que não acham certas, tem que fingir que estão gostando, tudo para não desagradar o cliente, seria então, uma espécie de dominação, ou seja, a profissional, enquanto mulher, ter que assumir o papel que a ela é destinado em uma relação, o de submissão, de fraqueza, ressaltando o lado viril, forte e dominador do homem. A prostituição na vida dessas seria, então, uma dualidade, nem escrava e nem libertina de vida fácil, nem toda poderosa e nem toda oprimida, o bom e o mal se complementam e se misturam nesse labor, de forma tão forte que, às vezes, torna-se difícil identificar se tal ação e relação são boas ou não.

Por fim, sair de nossa zona de conforto e buscar caminhos desconhecidos é bastante desafiador e necessário. Exatamente assim que me senti ao estudar a problemática da prostituição, pois adentrei um universo novo, a qual nunca havia tido contato. Tive que entrar e conhecer histórias de pessoas que são diariamente marginalizadas pela sociedade, e isso foi bastante difícil, visto que em muitos casos elas relutaram minha presença e à conversa, mas quando fui conhecendo suas vidas pude ver que isso nada mais é que reação ao que a sociedade oferece a elas, preconceito, discriminação, desconfiança. Ainda necessitei apropriar-me de muitas coisas que não faziam parte do meu cotidiano, conceitos, temáticas e esses aspectos, foi a maior graça de todo o processo de pesquisa, me deixar afetar (de forma bastante positiva) por todas essas questões e despertar o senso de cooperação, de corresponsabilidade, olhando de forma diferente para a prostituição, em especial as seis mulheres. Mulheres essas, comuns, como eu, como você, que tem sonhos, perspectivas e que lutam diariamente por sua sobrevivência e dos seus, que chora, que riem, que amam, que encantam e que descantam, que sofrer e que se levantam mas sabe o que as diferencia, sua ferramenta de trabalho, ser o corpo e não o giz, o corpo e não os papéis, o corpo e não os equipamentos, o corpo e não o estetoscópio, o corpo e não o bisturi, mulheres, simplesmente mulher, particularmente mulher.

Em tempos em que o individualismo mostra-se presente em boa parte das relações, se corresponsabilizarem pelos problemas e direitos dos demais torna-se algo utópico, porém, imprescindível. Como Morin (2003) expõe, só somos cidadãos quando nos responsabilizamos pelos demais, por seus problemas, questões, por sua vida. Voltar os olhares para a questão emergente da prostituição é se corresponsabilizar, por isso penso que essa discussão não se finda aqui; o fio condutor foi desenrolado. Discussões a respeito dessa problemática são cada vez mais pertinentes ainda mais àquelas que ressaltarem e olharem a prostituição enquanto um labor e as profissionais do sexo enquanto sujeitos dignos. Pois, assim, nasceria em mais indivíduos o desejo de lutar por essa causa; e, finalmente, ocorreriam melhorias concretas para as mulheres pertencentes a essa categoria histórica de trabalhadoras.

## 6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.C. **Prostituição, Jornalismo e Internet**. Observatório da imprensa, 2004. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/prostituicao\\_jornalismo\\_e\\_internet](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/prostituicao_jornalismo_e_internet) acesso: 16/09/2014

ANDER-EGG, Ezequiel. **Metodología y práctica del desarrollo de la comunidad**. 2ª. Edición, Buenos Aires, Editorial Lumen Hvmanitas. 2005.

BARRAGAN, D.L. **Garotas de programa: o mercado do sexo no jornal Diário Catarinense**. IN FÁVERI, M.; SILVA, J.G; PEDRO, J.M (Orgs.). Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente. Florianópolis: UDESC, 2010. 303 p. ISBN 978-85-61136-26-0..

BARRETO, C. L. **Prostituição, gênero e Sexualidade: hierarquias sociais e enfrentamentos no contexto de Belo Horizonte**. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

BARTHES, Roland et. ali. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BAUMAN, Zygmunt, **Da igualdade ao multiculturalismo**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. P.82-99.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERTOLOZZI et al. **Os conceitos de vulnerabilidade e adesão na Saúde Coletiva**. Rev Esc Enferm USP 2009; 43(Esp 2): 1326-30.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2ª Ed. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1967.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, P. **A Distinção Crítica do Julgamento**. São Paulo: Edusp: Ponto Alegre RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. **Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos de etnologia kabila**. Oeiras: Celta, 2002 [1972]

BONADIMAN, Priscila de Oliveira Bolzan; MACHADO, Paula Sandrine and LOPEZ, Laura Cecilia. **Práticas de saúde entre prostitutas de segmentos populares da cidade de Santa Maria-RS: o cuidado em rede**. *Physis* [online]. 2012, vol.22, n.2, pp. 779-801.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. **Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. Manual do Multiplicador** - Profissional do Sexo. Brasília: Ministério da Saúde, 1996. 37 p.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações.** Profissionais do sexo. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Aspectos conceituais da vulnerabilidade social.** DIEESE Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, 2007.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST e AIDS. **Políticas e diretrizes de prevenção das DST/AIDS entre mulheres**/Secretaria Executiva, Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRIVIO, B.R.G. **Representações Sobre A Prostituição Feminina Na Obra De Jorge Amado: Um Estudo Estatístico.** [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-graduação em estudos interdisciplinares, Salvador, 2010.

Bruns, M. A. de T., & Gomes, O. P., Jr. (1996). **Prostituição: O discurso de quem se vende e o silêncio de seu comprador.** *Jornal Brasileiro de DST*, Rio de Janeiro, 8(4), 4-13.

BURBANO, C.A. **“Apuntes sobre Desarrollo Comunitario”.** Primera edición digital: Eumed. Net, Universidad de Málaga-España, Julio de 2011.

CECARREILI, R.P. **Prostituição- Corpo como Mercadoria.** *Mente & Cérebro – Sexo.* Ed.Especial. V.4, 2008.

Corona, J. P. **As meninas do centro: Família, sociabilidades e subjetivação entre mulheres prostituídas de Rua em Florianópolis.** Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais, Centro Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007.

CRUZ NETO, Otávio, **O trabalho de campo como descoberta e criação.** In: DESLANDES, S. F.: CRUZ NETO, O: GOMES, R. MINAYO, M. C. de S (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.* 21. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 51 - 66 2002.

CUNHA, M. J. **Vivências do Corpo na Prostituição Feminina.** [Dissertação de Mestrado]. Programa de pós-graduação em psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Coimbra. Coimbra, 2012.

DHOQUOIS, R. **O direito do trabalho e o corpo da mulher (França: séculos XIX e XX) Proteção da produtora ou da reprodutora?** In: MATOS, Maria. Izilda S, SOLHET, Rachel. *O corpo feminino em debate.* São Paulo: Editora UNESP. 2003.

DINIZ, M. I. **Silenciosas e silenciadas: descortinando as violências contra a mulher no cotidiano da prostituição em Natal – RN** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. 2009.

DURFOUR, Pedro. **História da Prostituição em todos os povos do mundo**, Typ da Empreza Litteraria Luso-Brasileira, Paletto do Aljube 5, 1885. Library University of Toronto, May 23-1968, Lisboa.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 5ª edição. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERNADES, F.S; SOUZA, M.O. **O corpo na relação trabalho x prazer**. Revista Rua Campinas Número 19 Volume 1 Junho 2013.

FONAI, V.C. A; DELITTI, M. **Algumas contingências mantenedoras do comportamento de prostituir-se**. Rev. bras.ter. comport. Cogn. V.9, n. 1, p.103-113, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal. 1984.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal. 1988.

GASPAR, M. D. **Garotas de programa: prostituição e identidade social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 136 p.

GOELNNER, V.S. **A Educação Dos Corpos, dos Gêneros e das Sexualidades e o Reconhecimento da diversidade**. Cadernos de Formação RBCE, p. 71-83, mar. 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOIS, L.M; LIMA, O.E.M. **De dentro de fora e de fora de dentro: Representações Sociais Da Prostituição Feminina**. Revista Interações. Nº. 23, PP. 71-87. 2013.

GOMES, R. **Prostituição Infantil: Uma questão de saúde pública**. Caderno de Saúde Pública. V.10, n.1, p. 58-66, 1994.

GONZALEZ, R. F. **O trabalho de campo na pesquisa psicológica e o processo de construção da informação na pesquisa qualitativa**. In: GONZALEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUARAPUAVA. **Portal do Turismo**. Paraná. Disponível em:  
<<http://www.guarapuava.pr.gov.br/turista/sobre-guarapuava/>>. Acesso em:  
23/04/2014

GUIMARÃES, M.R.; BRUNS, T.A.M. **Prostituição de luxo: a vivência sexual das profissionais do sexo.** [ANAIS] Fazendo Gênero 8 Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, 2008.

HAUER, M. ; GUIMARÃES, R. S. **Mães, filh@s e homossexualidade: narrativas de aceitação.** Temas em Psicologia (Ribeirão Preto), 2015 (no prelo).

HEILBORN, Maria Luiza. “Construção de si, gênero e sexualidade”, in: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59.

HUECK, K. **Prostituição na era da tecnologia.** Rev Super Interessante, 2011.

IBGE. **Instituto brasileiro de geografia e estatística.** Censo 2010. Cidade de Guarapuava- pr. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/>>

IDIS. **Instituto para o desenvolvimento do investimento social.** Dúvidas sobre o desenvolvimento comunitário. 2010. Disponível em: <<http://www.idis.org.br/biblioteca/tira-duvidas/tira-duvidas-sobre-desenvolvimento-comunitario/>>

JOVCHELOVITCH,S. E BAUER, M. W **Entrevista Narrativa In: BAUER, M. e GASKELL, G.** Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis, Vozes, 2002.

L, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007. 175 p.

LEITE, G. **Regulamentação da atividade de profissionais do sexo – Projeto de Lei 4.211/2012.** Tribuna do advogado, OAB Rio de Janeiro, abril 2013. Disponível em: <<http://www.oabRJ.org.br/materia-tribuna-do-advogado/17695-Regulamentacao--da-atividade-de-profissionais-do-sexo--Projeto-de-Lei-42112012>>

LINS, R.N. **A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 337 p.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação.** Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista / Vozes, 1997.

LOURO, L.G. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

MADEIRO, A; RUFINO, **O Aborto induzido entre prostitutas: um levantamento pela técnica de urna em Teresina - Piauí.** Cien Saude Colet. v.17, n.7, p.1735-1743,2012.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde.** 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MEIHY. B.S.C. J; RIBEIRO, S.L.S **Guia prático de história Oral: para empresas,**

**universidades, comunidades e famílias.** Contexto. São Paulo, 2011.

MEIHY, B.S.C. J; HOLANDA, F. **História Oral como fazer como pensar.** 2ª Edição. Contexto, São Paulo. 2013.

MINAYO, M. C. S M.(Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1995.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 29ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MORA, V.A.M. **Caracterización Etnográfica de Mujeres Ejerciendo El Trabajo Sexual En Bogotá, Colombia.** Ministério de Salud, Colombia, 2000.

MORAES, A. **Mulheres da Vila: Prostituição, identidade social e movimento associativo.** Petrópolis: Editora Vozes, 1995

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento;** tradução Eloá Jacobina, 8ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p.

MONTERO, M. **Introducción a la psicología comunitaria.** Desarrollo, conceptos y procesos. Editorial Paidós. (2004). Buenos Aires. Argentina. 1º Edición.

MONTERO, M. **La comunidad como objetivo y sujeto de acción social"**, en A. Martín González (ed.): *Psicología comunitaria: fundamentos y aplicaciones*, Madrid, Visor, pp. 211-222

MOURA, Ana Débora Assis; PINHEIRO, Ana Karina Bezerra and. BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. **Realidade vivenciada e atividades educativas com prostitutas: subsídios para a prática de enfermagem.** Esc. Anna Nery [online]. 2009, vol.13, n.3, pp. 602-608.

MOURA, A.D.A. **Educação em Saúde com prostitutas na prevenção das DST/AIDS: reflexões à luz de Paulo Freire.** [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007.

Munhoz, C.J.M. **Conhecendo e avaliando a percepção de mulheres, profissionais do sexo, da cidade de Votuporanga-SP, sobre suas condições de vida, saúde e trabalho** [tese doutorado]. São José do Rio Preto, 2009.

CRUZ NETO, Otávio, **O trabalho de campo como descoberta e criação.** In:

DESLANDES, S. F.: CRUZ NETO, O.: GOMES, R.:MINAYO, M. C. de S (Orgs.). *Pesquisa Social: teoria,método e criatividade.* 21. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 51 - 66 2002. 107 p.

OLIVAR, J.M.N. **Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre.** 2010, 385p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade

Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, M. Q. **Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte – O trabalho da vida nada fácil.** [Dissertação de Mestrado] Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PASINI, E. **Prostituição e a liberdade do corpo.** CLAM – AMB, 2005.

PEDRO, J.M. **“Vender o corpo, vender o sexo – serviços sexuais e trabalhadoras/es do sexo: uma apresentação”.** IN FÁVERI, M.; SILVA, J.G; PEDRO, J.M (Orgs.). **Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente.** Florianópolis: UDESC, 2010. 303 p. ISBN 978-85-61136-26-0..

PENHA, Jardeliny Corrêa da et al. **Caracterização da violência física sofrida por prostitutas do interior piauiense.** *Rev. bras. enferm.* [online]. 2012, vol.65, n.6, pp. 984-990. ISSN 0034-7167.

PENNA et al. **As Relações de Gênero e Poder e a Prostituição Feminina.** [ANAIS] 17ª Semana Nacional de Pesquisa em Enfermagem. ABEN, 20013.

PERROT, M. 2003. **Os silêncios do corpo da mulher.** In: MATOS, Maria. Izilda S, SOLHET, Rachel. **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Editora UNESP.

PETERS, E.T; CERQUEIRA, F.V. **Mulheres em Atenas, no século IV: O Testemunho do Contra Neera, de Demóstenes.** *Revista Eletrônica de Antiguidade.* UFRJ. Nº 12, p. 68-84, 2013.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite. Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história.** Tradução Whores in History. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1998. 459 p.

RODRIGUES, T.M. **A prostituição no Brasil Contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?** *Rev. Katál.* Florianópolis v. 12 n. 1 p. 68-76 jan./jun. 2009

SCOTT, J. – **Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history.** New York, Columbia University Press. 1989. Tradução: Maria Bethânia Ávila

SCOTT, J. **O enigma da igualdade.** *Estudos Feministas,* Florianópolis, 13(1): P.216, janeiro- abril/2005.

SALDANHA, T. **O Comércio do Prazer: prostituição em Guarapuava (1945-1964).** 1ª Ed- Guarapuava: Editora Unicentro. 2013. 247 p.

SALMERON, Neiva de Alencar and PESSOA, Thalita Almeida Martins. **Sex workers: socioepidemiologic profile and measurements of harm reduction.** *Acta paul. enferm.* [online]. 2012, vol.25, n.4, pp. 549-554.



SEIXAS, A. M. R. **Sexualidade feminina: história, cultura, família, personalidade e psicodrama**. São Paulo: SENAC, 1998.

SILVA, A.R. **Mulheres da vida? Um estudo sobre prostituição feminina**. [Dissertação de Mestrado]. Programa de pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2004.

SILVA, F.E; COSTA, B.D; NASCIMENTO, U.J. **O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade**. Psicologia: Teoria e Prática. v.12, n.1, p.109-122, 2010.

SILVA, Maria Manuela da. **"Oportunidade do Desenvolvimento Comunitário em Portugal"**. Análise Social, II(7-8): 498-510, 1964.

SILVA, R.T.M; ARNS, P.C. **Desenvolvimento Comunitário**. Projeto BNDES – desenvolvimento local cooperação técnica do pnud. Disponível em: <<http://www.emprende.org.br/pdf/Programas%20e%20Pol%C3%ADticas%20Sociais/Desenvolvimento%20Comunitario.pdf>>

Sobre Guarapuava. Disponível em: <<http://www.guarapuava.pr.gov.br/turista/sobre-guarapuava/>>

SANTOS, S. B. **A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, S. B. de. **Um discurso sobre as ciências**. Edições Afrontamento. Porto Alegre, 1988.

SANTOS, S.B. de. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. Cortez. São Paulo, 2013.

SANTOS, S. B. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. Jornal Folha de São Paulo. Outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2013/outubro/13.10-GrandeEntrevista-Boaventura.pdf>>

SANTOS, S. B. **Para uma concepção Multicultural dos Direitos Humanos**. Contexto Internacional. Rio de Janeiro. Vol 23, nº1, janeiro/junho de 2001, P. 7-34. Disponível em: <[http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao\\_multicultural\\_direitos\\_humanos\\_ContextoInternacional01.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao_multicultural_direitos_humanos_ContextoInternacional01.PDF)>

SANTOS, S. B. Subjectividade, **Cidadania e Emancipação**. Revista Crítica de Ciências Sociais. Nº 32, jun, 1991.

SOUSA, R. **A prostituição na idade média**. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/idade-media/a-prostituicao-na-idade-media.htm>>

SOUZA, I. **O cliente: o outro lado da prostituição**. São Paulo: Annablume, 1998

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** 1. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VIEIRA, M.C. **Memória, história e experiência: Trajetórias de educadores De jovens e adultos No brasil.** [tese doutorado]. Belo Horizonte, 2006.

WACQUANT, L. **Esclarecer o Habitus.** Revista Educação & Linguagem, v.10, n, 16, p. 63-71, 2007.

## APÊNDICES



## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezada participante

Eu, Briena Padilha Andrade, gostaria de convidá-la a participar da pesquisa intitulada “O cotidiano de trabalhos das profissionais do sexo contado por elas próprias em uma Cidade do Centro-Oeste do Paraná”, que faz parte da dissertação de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste. O objetivo da pesquisa é compreender os devires do cotidiano de trabalhos das profissionais do sexo por elas próprias, por meio de uma visão interdisciplinar, englobando os aspectos sociais, biológicos, psicológicos e históricos, que envolvem essa profissão. Os benefícios dessa pesquisa consistem em ampliar a visão da prostituição enquanto prática laboral comum, ressaltando as trabalhadoras do sexo como dignas de respeito e munidas de direitos, independente da profissão que exercem e dos estereótipos a elas atribuídos, ainda permitirá ampliar o conhecimento sobre os aspectos que perpassam o cotidiano da prostituição, a fim de contribuir para a diminuição dos estigmas que a envolvem. Informo que poderão ocorrer algumas dúvidas durante o decorrer da conversa, que serão explicadas por mim.

Gostaria de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo. Caso você aceite participar da pesquisa, será necessário que você responda a um questionamento, referente à sua história dentro da prostituição.

Esclareço, ainda, que as informações serão utilizadas somente para esta pesquisa e publicação científica, serão tratadas com o mais absoluto anonimato e confidencialidade, portanto, após transcritas as conversas gravadas com o auxílio de um gravador digital, serão devidamente excluídas para preservar a sua identidade.

Como em qualquer pesquisa, você poderá experimentar algum desconforto, como problema moral, emocional ou psíquico, podendo retirar-se da pesquisa a qualquer momento, ou, se necessário, será encaminhada para o serviço de psicologia ou outro profissional que possa auxiliá-la, tudo sob responsabilidade da

pesquisadora.

Todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não são da sua responsabilidade, os custos serão a meu cargo.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, poderá entrar em contato comigo. Este termo deverá ser preenchido em duas vias idênticas, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Mestranda Briena Padilha Andrade

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura da pesquisadora

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida comigo, conforme o contato abaixo:

Briena Padilha Andrade: Cel (43) 99887987/

E-mail: [briena3@gmail.com](mailto:briena3@gmail.com)

## APÊNDICE B

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### Caracterização da população de estudo:

Nome (profissão):

Idade:

Quanto tempo trabalha:

Filhos:

Religião:

Estado civil:

Há quanto tempo reside no estabelecimento:

Já trabalhou em outros locais:

Número de programas diários:

#### 1. Como você chegou na profissão? (pergunta que dará início ao depoimento).

##### ***Pontos norteadores.***

- ❖ Relação com clientes; (porque escolher uma PS).
- ❖ Ferramentas de trabalho;
- ❖ Como percebe seu corpo;
- ❖ Uso de álcool/ drogas;
- ❖ Cuidados (saúde, corpo, postura) que tem durante os programas;
- ❖ Visão que tem de seus direitos enquanto cidadã;
- ❖ Como se relacionam na comunidade (em sua opinião): como vivem em comunidade dentro do estabelecimento;
- ❖ Vida social (quando não está trabalhando);
- ❖ Pontos positivos da profissão X pontos negativos;
- ❖ Escolhas que as fizeram adentrar;
- ❖ Como elas vivem em comunidade?
- ❖ Qual a relação sua com a comunidade/sociedade em geral?
- ❖ Como você se vê enquanto profissional do sexo?

## **APÊNDICE C**

### **NARRATIVAS DAS PROFISSIONAIS DO SEXO**

**O apêndice encontra-se em formato digital, sendo anexado em CD rom, o qual encontra-se fixado na contra capa dessa dissertação.**



**APÊNDICE D**

**CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA**